Astor Antônio Diehl I Denise Carvalho Tatim

Pesquisa em ciências sociais aplicadas

Métodos e Técnicas



Sã(j Paulo

Brasil Argentina Colômbia Costa Rica Chile Espanha
Guatcmala México Peru Porto Rico Venezuela

© 2004 by Astor Antônio Diehl e Denise Carvalho Tatim

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo
ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia,
gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão
de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Pearson Education do Brasil.

Diretar editaria!: José Braga
Editar: Roger Trimer
Gerente de produção: Hel>er Lisboa
Editara de texto: Sabrina Cairo
Capa: Marcelo da Silva Françozo e Alberto Cotrim

ÍVo/c/o gráfico e diagramação: Figurativa Arte e Projeto Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diehl, Astor António

Pesquisa em ciências sociais aplicadas : métodos e técnicas / Astor Antônio Diehl e Denise Carvalho Tatim. — São Paulo : Prentice Hall , 2004.

Bibliografia. ISBN ÍJ5-8791 tt-y4-X

04-0643

CDO-300.72

índices para catálogo sistemático:

- 1. Ciências sociais aplicadas: Pesquisa 300.72
- 2. Pesquisa : Ciências sociais aplicadas 300.72

2004

Direitos exclusivos para a língua j>ortuguesa cedidos à
Pearson Education do Brasil, uma empresa do grupo Pearson Education
Av. Erma no Marchetti, 1435, Lapa
CEP: 05038-001, São Paulo — SP, Brasil
Tel.: CD) 3613-1222. Fax: (11 > 3611-0444

e-mail: vendas@pearsoned.com

Sumánio

Intro	odução	1
i	Esboço para a leitura de textos teóricos, metodológicos 'C técnicos	
.2	Considerações sobre conhecimento,	
	ciência e paradigma	14
2. i	Conliecimcfiilo e origem	
	da ciência moderna	14
2.2	As ciências sociais e	
	a modernidade	26
2.3	O significado e a importância	
	da metodologia de pesquisa	31
3	Ciências sociais aplicadas	36
3.1	Ciências da administração	38
3.2	Ciências contábeis	42
2f.	Metodologia, método e	
	técnicas de pesquisa	47
4-4	IVIétodos e tipos de pesquisa	4S
4-2	População e amostra	63
4-3	Técnicas de coleta de dados,,,,,,,	.,,.,,65
4-4	Observação-,,	71
4-5	Pesquisa na Internet	73
4-ó	Análise e interpretação dos dados	82

5	Projeto de pesquisa	89
5- í	A importância do projetode pesquisa	S9
5-2 E	scolha do tema e definição	
	tio problema ou objeto	91
5-3	Estrutura do projeto	93
5-4	Avaliação do projeto	99
ÓAG	estrutura do texto monográfico	
	e os resultados da pesquisa	103
é. '1	As definições	103
Ó.2 E	Estrutura de monografia, trabalho de	
	conclusão de curso e estágio supervisionado	105
Ó.3	Formas de apresentação	123
é.4	Artigo—	129
7 Cit	ações, referências bibliográficas	
. 0.0	e de documentos elet rônicos,,,,	132
7-4	Citações em documentos	
	Referências bibliográficas e de	
, , ,	documentos eletrônicos	137
	doddiileittos eleti eliloesaamamamamamamamamamamamamamamamama	101
8	Orientações e cuidados corri	
0	textos acadêmicos	1.47
8.1	O exame de qualificação	
8.2		
	A apresentação da dissertação de mestrado	
8.3	A defesa da tese de doutorado	150
8.4	Orientações e cuidados para a	
	análise de trabalhos acadêmicos	151
Cond	clusão 154	
Bibli	ografia 157	
índic		163

Introdução

Nosso objetivo neste livro é elaborar uma proposta de estudos para as disciplinas relacionadas com a iniciação à pesquisa em ciências sociais aplicadas, especialmente aquelas vinculadas às ciências contábeis e às ciências da administração- A proposta é orientada para estudantes de graduação e de cursos de pós-graduação latosensu nessas áreas. Entretanto, também poderá servir de roteiro para aqueles que se interessam pelos estudos de áreas afins. Nesse caso, a carência de propostas de estudo mais pontuais nas áreas em questão, justifica a elaboração deste roteiro.

Por outro lado, com esta proposta não pretendemos esgotar o assunto, tampouco descartar outras possibilidades de avançar nessa área de estudos, muitas vezes vista pelos estudantes como áspera e maçante, especialmente quando entram em contato com a elaboração dos projetos de pesquisa, bem como com métodos e técnicas de pesquisa, normas de apresentação dos resultados de pesquisa por meio da elaboração de teto s monográlicos, relatórios, estudos de caso e tudo o que esse tipo de trabalho envolve em termos de citações, rodapés, referências bibliográficas ou mesmo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Pretendemos, sobretudo, oferecer uma estrutura básica que mostre como se localizar e se mover na área. Tomando como fundamental esse aspecto, elaboramos uma proposta de estudos orientada por alguns pontos que julgamos importantes, a saber:

- uma rápida exposição considerando os conteúdos-chave dó debate mais amplo em termos de problemáticas vinculadas às noções conceituais de ciência, conhecimento, saber, paradigma, teoria, técnica e as respectivas importâncias e significados no contexto do desenvolvimento contemporâneo da ciência;
- um roteiro para a leitura de textos teórico-metodológicos e sua transposição e aplicação nas ciências sociais aplicadas;
- uma sugestão de conteúdos programáticos para a disciplina com leituras orientadas em itens fundamentais do progra ma;
- uma exposição sobre a importância das ciências sociais aplicadas no contexto das profundas mudanças que esião ocorrendo nas experiências e nas expectativas de mundo das organizações e do trabalho;
- uma tentativa de identificar a importância das metodologias e das técnicas de pesquisa na produção cie conhecimento que possam ir além do State of art dos saberes e da ciência tradicionais;

- m uma sugestão de projeto de pesquisa, vinculando-a às especificidades da área;
 - aspectos técnicos diferencia d ores para a apresentação de textos que pretendam contribuir para o avanço do conhecimento;
- m considerações sobre orientações técnicas gerais e de avaliação de trabalhos acadêmicos.

Com essas considerações propositivas, pretendemos cobrir uma proposta mínima de estudos orientados para os estudantes. Entretanto, temos consciência de que não existe uma fórmula, muito menos mágica, para ser seguida cegamente.

Não podemos deixar passar esta oportunidade sent observar que o pensamento dito científico está sofrendo profundas mudanças, percebidas em seus fundamentos teóricos, metodológicos e paradigmáticos. Em uma época de mudança dos paradigmas científicos, a verdadeira questão não é simplesmente o enriquecimento curioso de conhecimentos, nem a utilização da estratégia do avestruz — enterrar a cabeça na areia, pensando na proteção do corpo todo —> mas a consciência do sentido da complexidade, quando estamos trabalhando com o pensamento científico, com teorias, metodologias, técnicas de pesquisa etc. Sem dúvida, tudo isso nos leva a um profundo questionamento do pensamento e das formas reducionistas de explicações e de compreensões da realidade.1

Por outro lado, é preciso recusar a idéia ingênua do discurso fácil, sedutor, 'da moda', que faz cair na armadilha infantil segundo a qual a complexidade sociocultural não precisaria de uma abordagem sofisticada. Afirmar e crer que a complexidade atualmente é a nova versão da verdade é aproximar-se do pensamento reducionista da ciência tradicional, a qual nos ensinou sobre a existência de uma verdade única e conclusiva.

Muitos cientistas sociais entendem a mudança paradigmática atual como crise da razão e da função de fazer ciência. Além disso, às vezes a mudança é explicada como sinônimo da perda de sentido e das funções sociais do conhecimento.² Então, se estamos assistindo às mudanças ocorrerem de forma acelerada — e experimentando-as na prática — e isso está gerando um certo mal-estar e uma angústia em saber o que vale e o que não vale, temos que ter em mente que esse cenário faz parte do desenvolvimento daquilo que chamamos de 'ciência'.³ E isso é um aspecto positivo, que representa possibilidades de avanço.

Tal avanço somente é possível porque algumas crenças ou procedimentos anteriormente aceitos estão sendo descartados e, ao mesmo tempo, substituídos por outros. Como seria de esperar, ioda mudança produz insegurança. Essa insegurança é gerada pelo fracasso constante dos quebra-cabeças da ciência normal em produzir os resultados esperados. O fracasso das regras existentes é o prelúdio para a busca de novas regras. Nessa perspectiva de encarar as mudanças, o significado das crises consiste exatamente no fato de que indicam que é chegada a ocasião de renovar os instrumentos.⁴ Por isso mesmo, o termo crise deve ser usado como parâmetro da mudança implícito no conhecimento e como radicalização dos princípios epistemológicos da ciência moderna.

Nessa perspectiva, em épocas de crise (mudança), que é uma característica fundamental da ciência moderna, a ética e a epistemologia ganham grande importância. A ética acompanha essas reflexões como um atributo para estabelecer os parâmetros limítrofes das práticas científicas. Sempre que tais limites são rompidos ou ameaçados em qualquer disciplina científica, a ética é t razida ao debate para chamar a atenção da consciência dos cientistas e das instituições para a necessidade do diálogo. Por seu lado, a epistemologia ganha importância no tempo presente na medida em que o debate passa a vasculhar os critérios de verdade dos discursos sobre a natureza e suas tra nsforinações.⁵

Quando chegamos a esse ponto, normalmente ocorrem duas situações. A primeira é aquela em que tudo passa a valer e, em conseqüência», acontece o relaxamento das regras que orientam a pesquisa normal, o que pode levar ao relativismo. A outra situação é aquela em que, nos momentos de crise, os cientistas se voltam para a análise dos fundamentos das próprias disciplinas como meio de resolver as dificuldades de sua área de estudos.

Nossa posição, nesse contexto, enfatiza ser este o momento de pensarmos sobre os fundamentos de nossas disciplinas e, se necessário, reformá-las a ponto de elas terem maiores chances de contribuir para a formação acadêmica, de serem uma possibilidade de compreensão da realidade e, finalmente, de contribuírem para o avanço do conhecimento.

É nessa direção que alinhavamos nossa proposta de estudos, exatamente no sentido de romper com os cânones tradicionais do conhecimento, sem, no entanto, cair no redudonismo c no relativismo.

Nesse sentido, escrever sobre orientações e normas científicas é uma empreitada difícil porque pode passar a impressão errada de que há um corpus científico consolidado. Vivemos numa época em que a ciência passa por uma profunda reestruturação dos seus parâmetros e critérios de plausibilidade. Os parâmetros da ciência são polêmicos e, por vezes, contraditórios. Porém, existem muitos pomos de convergência nos trabalhos apresentados pelos assim denominados 'cientistas'. A esses pontos podemos chamar de orientações e normas para a elaboração de projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses. São esses aspectos que devem orientara construção de um guia ou de sugestões para elaborar textos científicos.

É evidente que a condição necessária para escrever textos 'científicos', tendo em vista a comunidade científica, não estã apenas no fato de conhecer as normas da academia. Se fosse

assim, a tarefa de ensinar em cursos de lato e stricto sensu seria efetivamenie bem mais fácil do que é na prática. Seria necessário apenas um manual normativo, que seria consultado, quando necessário, e seguido.

Trabalhar cientificamente pressupõe bem mais. Requer, antes de tudo, uma precondição comportamental diante do científico e da produção de conhecimentos. Como consequência, temos de pensar e raciocinar pelos parâmetros da ciência /'

Isso significa dizer, em outras palavras, que a ciência lida com fenômenos complexos, realidades caóticas e com incertezas. De certa forma, por meio da ciência, procuramos ordenar esses fenômenos e explicá-los racionalmente. Surge daí o cuidado que devemos ter sempre que afirmamos ou negamos algo. Assim ê que se explica o fato de que os textos científicos, mesmo bem fundamentados em termos de conceituação teórica, metodologia, pesquisa bibliográfica e empírica, possuem uma estrutura de erudição. Essa erudição compreende o sistema de citações e o respaldo em pesquisas anteriores.

Nessa linha de pensamento, também devemos estar conscientes da relatividade dos fenômenos e de que a sua representação em um texto científico nunca é absoluta. A ciência, apesar de se caracterizar como universal e racional, está em constante mudança, E é justamente essa mudança que faz com que as conclusões nunca sejam totalmente falsas ou verdadeiras, mas sim que algumas sejam mais prováveis que outras, dependendo do grau de fundamentação teórica, do arsenal metodológico e da pesquisa empírica. Mesmo cientes de que dificilmente chegaremos à verdade absoluta dos fenómenos analisados, devemos fazer um esforço para não nos deixar levar pela subjetividade de posições e opções pessoais. Existe na comunidade científica uma espécie de denominador comum, um programa ou um senso comum daquilo que 'pode' ou 'não pode'. Nesse sentido, existe uma linguagem científica: aquilo que alguns autores

denominam de 'jargão'. A linguagem científica elimina o uso exagerado de adjetivos, de preferências e opções individuais para não violar a estrutura básica do pensamento científico. Por outro lado, um texto formalmente correto para a ciência ainda não tem validade, sobretudo se não encontrarmos nele a estrutura básica do pensamento científico. Então, antes de apresentar um texto corretamente, devem ser avaliadas as posturas tomadas e procurar a aproximação máxima do st and científico mediante a busca de dados públicos passíveis deve rí fi cação.

Por fim, devemos considerar que, na maioria das universidades, o sistema de pós-graduação e de pesquisa ê relativamente recente, porém bastante dinâmico e complexo. A variedade de cursos de graduação e lato sensu nas diversas áreas do conhecimento é prova disso. A dinamicidade e a complexidade da pesquisa orientam-se na diversidade de situações e processos com que a pesquisa e a pós-graduação são diariamente confrontadas nas suas avaliações. Também os programas de pós-graduação stricto sensu estão se ampliando, gerando demandas quanto às orientações e normas para a apresentação de textos científicos.

Essas, entre outras, são razões que justificam a elaboração desta proposta de sugestões e orientações. Feitas as ressalvas necessárias, pretendemos abordar as orientações — sugestões — para as questões metodológicas e técnicas de projetos de pesquisa e monografia.

Notas

- A propósito desses questionamentos, ver PRItS OGINE, liya. O fim das incertezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Ed. da Unesp, 1 99a.
- ² Ver DIEHL, Astor Antônio; TEDESCO, João Carlos. Epistemologias das ciências sociais. Passo Fundo: Clio, 2001.
- ³ O redimensionamento da origem e do papel da ciência é discutido em MORIN, Edgar. Ciência como consciência. A. ed. Rto de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

- 4 KUHN, Thomas. A estrutura cias revoluções científicas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- Ver D1ÊHL, Astor Antônio. Ciência, política e universidade. Passo Fundo: Clio, 200 i . p. 7-8.
- * JAPTASSU, Hilton* Nascimento e morte das ciências humanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. JAPIASSU, Hilton. As paixões da ciência. São Paulo: Letras £r Letras, 1991.
- ~ PRIGOGTNE, Uya. O fim das incertezas: tempo, caos e as leis tia natureza.
- * OLTVA, Alberto (Org-)* Epistemologia: a cientificidade em questão. Campinas: Papirus, 1990.

Esboço pana o leitura do textos teóricos, metodológicos o técnicos

"Pois. assini como os cacos de um vaso. para poder se deixar juntos, precisam seguir-se nos mínimos detalhes, no entanto não igualar-se. assim também deve a tradução, em vez de se tornar semelhante ao sentido original, de maneira amorosa e até ao menor detalhe deve ela se conformar, na sua própria língua, à maneira de querer dizer do original, a fim de que ambas as línguas como cacos se tornem reconhecíveis enquanto fragmento de um vaso. fragmento de uma língua maior. "

Walter Benjamin

Antes de entrarmos nas questões e na estrutura do programa da disciplina, é preciso nos aproximarmos dos textos teórico-metodológicos. Normalmente:, a leitura desses textos é difícil, especialmente se considerarmos os originais. por exemplo, de autores de séculos passados. A dificuldade na compreensão dos textos e seu mau aproveitamento fazem com que a disciplina se torne, muitas vezes, intransparente para o leitor. Para tentar dirimir as dificuldades, propomos um roteiro para leituras, pois os textos de teoria, metodologia e técnica de pesquisa geralmente possuem algumas características que podem trazer dificuldades de compreensão ao iniciante nessa temática.¹ Assim, por exemplo, seu conteúdo costuma ser menos conhecido para o leitor do que o de outros textos com conteúdo das ciências sociais aplicadas, como no caso da administração e das ciências contábeis propriamente dito, como os que tratam da capacitação e da motivação de pessoal, do desenvolvimento tecnológico, de balanços, administração de empresas, gerenciamento de recursos etc.

Seu vocabulário também é específico, com a utilização de conceitos e expressões por vezes desconhecidos do aluno e que pertencem ao campo da cpistemologia, da filosofia, da sociologia, da teoria literária etc. Além disso, a maioria desses textos não está escrita visando ao ensino da teoria e da metodologia, e sim ao fornecimento de respostas às questões da própria teoria e metodologia, certamente difíceis para o iniciante.² O estudante necessita, então, realizar um trabalho de seleção dos conteúdos para identificar os objetivos daquilo que constitui seu programa de estudos na disciplina.

Esses exemplos já são suficientes para demonstrar que as leituras de teorias e metodologia exigem um trabalho específico por parte do estudante para que seu conteúdo seja devidamente apropriado, de modo a permitir sua discussão, a associação com outras questões, enfim, para que contribuam para a reflexão e a formação teórico-metodológica e de pesquisa do aluno.

A seguir apresentamos um roteiro possível de procedimentos de leitura que podem ajudar o trabalho nos textos de teoria, metodologia e elaboração de projetos de pesquisa. a) Estabelecimento do objetivo da leitura

Antes de começar a ler, é importante definir a questão ou as questões a que se pretende responder ou sobre as quais se quer refletir com a leitura do texto.

b) Leitura integrai do texto⁴

A finalidade dessa leitura é ter uma visão, ainda que superficial, de toda a exposição feita pelo autor.

- c) Análise do conteúdo
 - 1) Localização da idéia central. Identificar o eixo de trabalho do autor, a questão que ele pretende analisar e que nem sempre está claramente destacada no texto, exige esforço do leitor. Encontrar e entender esse eixo é muito importante para a compreensão de todo o texto.
 - 2) Localização das idéias que constituem a argumentação do autor para sua idéia/questão central. Trata-se de acompanhar e entender como o autor constrói a explicação do tema de seu trabalho, como articula as idéias, que lacunas existem na sua argumentação etc.
 - 3) Localização das idéias secundárias. Trata-se de identificar outras idéias relevantes ao objetivo do autor que apareçam no texto e examinar como se articulam com a argumentação principal.

Ao longo deste livro, o leitor vai encontrar uma série de idéias que, mesmo integrando a argumentação do autor, não se referem ao objetivo da sua leitura e que apontam para outras questões. Ele deve aprender a reconhecê-las e deixálas evidenciadas. Os textos da área teórica, de metodologia e de técnicas de pesquisa, pelo tipo de conteúdo com que trabalham, costumam apontar ou permitir que o leitor faça gradualmente inúmeros desdobramentos da temática.

associando-a com outras questões. É muito comum o leitor iniciante acabar emaranhada no conteúdo e perder de vista O que estava querendo esclarecer. Assim, o cuidado permanente com a seleção dos conteúdos deve ser uma preocupação do leitor, se ele quiser tirar proveito do texto.

Também chamamos a atenção para o fato de que, provavelmente, o leitor vai encontrar muitos vocábulos desconhecidos, referências a outros conteúdos ou campos do conhecimento que extrapolam o texto ou mesmo referências a outras partes do livro (caso o texto seja um capítulo). Essas dificuldades devem ser resolvidas com leituras paralelas e com dicionários específicos, pois, do contrário, a compreensão do texto certamente ficará prejudicada ou até impossibilitada.

d) Interpretação do texto

As etapas anteriores tinham como objetivo principal localizar o leitor para que ele pudesse compreender o pensamento do autor sem grandes distorções. Essa compreensão é fundamental para que o leitor possa interpretar o texto. Só após o entendimento substantivo do texto é que ele pode fazer as perguntas que constituirão, na verdade, a forma de apropriação do conteúdo da leitura. É claro que as perguntas variam de leitor para leitor, de texto para texto e de problemática para problemática, mas, como exemplo, a seguir são formuladas algumas das mais comuns:

Que respostas, afinal, o texto oferece às questões que o leitor pretende resolver?

Que associações o leitor pode lazer entre os conteúdos do texto e outros temas que conhece?

Que abordagens/informações/questões novas o texto traz ao leitor?

O texto está carregado de juízos de valor e afirmações opinativas, ou o autor lundamema razoavelmente suas afirmações?

Que lacunas principais o texto apresenta em relação ao que se propõe desenvolver?

O autor chega a conclusões que esclarecem a queslão-eixo do texto ou se desvia de sua proposta?

Finalmente, o leitor deve fazer anotações de leitura. Elas contribuem para aperfeiçoar a leitura em profundidade, tornando visível até que ponto o texto é apropriado e permitindo que o leitor revise suas dificuldades. Com essa pequena arquitetura da leitura dos textos de teoria e metodologia, pretendemos enfatizar dois pomos: (I) a necessidade de mergulhar no texto de maneira sistemática e, sobretudo, sabendo por que ele está sendo lido; (2) a especificidade dos textos teórico-metodológicos em relação a outras áreas do conhecimento.

Kfotss

- ¹ Ver FAULSTICH, Enilde L. de J. Conto ler e entender e redigir um texto. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. Ver especialmente p. 13-32.
- ² Ver aqui ARAÚJO, E. A. A condição do livro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986; AZEVEDO FILHO, L. A. de. Iniciação em crítica textual. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1987.
- J Conforme FAUI.STICH. Enilde L. de J. op, cit., p. 2 3-30.

2

Considerações sobre conhecimento, ciência e paradigma

_ 2J_Conhecimento e origem da ciência moderna¹

"Uma nova questão, contudo, se levanta: tem algum sentido o trabalho realizado pela ciência aos olhos de quem permanece indiferente aos fatos, como tais, e só dá importância a uma tomada de posição prática P Creio que, mesmo em tal caso, a ciência não está despida de significação."

Max Weber

A relevância da ciência e do conhecimento em seus vários níveis para o mundo contemporâneo ultrapassa as possíveis afinidades que possamos ter com sua própria história. Enfrentamos hoje questões que, já na virada do século XIX para o XX, foram pertinentes e conhecidas,

porém pouco avaliadas. Nominalmente, as questões são as segui n tes:

o futuro da ciência no mundo não é mais movido pelo 'espírito' científico, mas pela técnica instrumental;

a possibilidade de compreendermos a ciência no mundo atual, em que confundimos o papel dela com a conquista de parâmetros democráticos e com a realidade histórica, é cada vez mais difícil:

existe a tendência de nos voltarmos para a ciência e para a tecnologia com a esperança de que a liberdade sobreviva aos labirintos da organização e da racionalização;

existe a tentação de respondermos à modernidade, à crise do conhecimento, à crise de autoridade, especificamente ao choque da dúvida e da descrença, que levam ao relativismo e à perda da inocência, com a crença de que um país pode retornar aos valores do passado, numa espécie de 'encantamento' das tradições e do próprio passado;

existe a suposição amiga de que a ciência é algo singular e excepcional, escapando, assim, aos males da patologia do velho mundo, ou seja, ao pessimismo cultural.

Com base nessas cinco questões, podemos enveredar para a situação em que a ciência merece ser, ou poderia ser, apreciada como uma espécie de cultura política quase inocente de ironia e de tragédia. Uma consequência dessa inocência seria a suposição de que a democracia, a moral, a ética e a própria ciência são harmoniosas e se reforçam reciprocamente, o que tornaria reconciliáveis as soluções dos problemas de valores. Está bastante evidente que tragédia, como utilizamos o termo aqui, foge um pouco da concepção dos antigos, especialmente de Aristóteles na Poética.

Nesse caso, o autor aproxima a concepção do trágico à imitação de acontecimentos que provocam piedade e terror, purificando essas emoções especialmettte quando pessoas inocentes são postas em perigo. Estipula-se uma diferença entre piedade e terror. Em se tratando de ciência, essa postura é insuficiente e, em certos casos, ingênua. Já nos séculos XVIII e XIX surgem três concepções interpreta ti vas do fenômeno da tragédia que merecem alguma observação.

Para Hegel, é o conflito continuada mente resolvido e superado na ordem perfeita do lodo, Schiiler a interpreta como o conflito que pode ser resolvido, cuja solução não é definitiva nem perfeita. Para Sdhopenhauer, o conflito não é solucionado e é insolúvel. Nesse caso, a tragédia é a representação da vida em seu aspecto terrificante, pois retrata a aplicação da humanidade, o triunfo da perfídia, o domínio do acaso e a TaiaJ ruína dos justos e dos inocentes. A única atitude possível diante dessa situação é a resignação ou o desespero. E, portanto, assim entramos na velha questão levantada por Max Weber, e ainda hoje pertinente, sobre a relação entre 'ciência como vocação' e 'política como vocação'. Ou poderíamos consideraras inflamantes críticas de Nietzsche, segundo o qual o "cientista é um plebeu de espírito". Nesse caso, a ciência seria importante demais e estaria no domínio apenas dos cientistas. Portanto, após cem anos, a vinculação da ciência com a sociedade política parece tão importante quanto a própria origem da ciência moderna. Aliás, as possibilidades da ciência e as redefinições ocorridas na virada do século XIX para o XX foram mais complexas do que sua origem nos séculos XVII e XVIII.J

As dificuldades de compreensão da ciência moderna vinculam-na com a origem do pecado e com a reestruturação da noção do espaço e de tempo. A partir desse momento, o fenômeno tempo consolida-se mediante a agregação de novos elementos, que legitimam e controlam uma nova racionalidade. O cientista, então, começa a preparar o arco e a flecha para que, no lluminismo, especialmente com Eegel, possa dispará-la fumo ao futuro num tempo linear.

Já as dificuldades de compreensão da ciência no século XIX esião vinculadas ao questionamento de sua validade como parâmetro de conquista dos princípios iluministas: liberdade, igualdade e fraternidade. O que na origem da ciência moderna seria a busca da racionalidade, no século XIX passou a significar a busca de funções de redenção para a humanidade. Talvez tenha ocorrido aí a supervalorização social da ciência como fator político no sentido de ela extirpar os males e os misticismos da humanidade. O não-cumprimento dessas promessas gerou o seu questionamento ainda na segunda metade do século XIX. Nietzsche é um exemplo do contexto de choque entre a causalidade otimista da ciência e o questionamento de sua validade como fator de redenção da própria humanidade. Há, portanto, o envolvimento na ambigüidade de emoções: fascínio e temor.

Assim, os problemas da crítica dirigida e Teita à ciência, como fator de dominação implícita e explícita, bem corno os aspectos de sua origem, só podem scr compreendidos pelo vetor cultural. Dessa forma, é possível esludã-la por meio dos valores e significados a ela atribuídos historicamente e da sua recepção. Como fenômeno cultural, a ciência permite ser estudada por intermédio dos valores que motivam a ação científica, os quais podem nos ajudar a compreender o seu sentido no passado,

A ciência é comumente entendida como racional e lógica, porém resignada à sua capacidade de colocar-se a serviço da fundamentação de valores universais que deveriam ser desejados por todos os homens. Segundo essa visão, ela deveria exorcizar todos os demônios e extirpar todo e qualquer irracionalismo do mundo. Inclusive, a própria história das ciências, até poucos anos, colaborava para que essa disciplina tivesse o objetivo de reproduzir a lenta progressão da racionalidade científica. Retrata vam-se então as peripécias de certos cientistas para chegar à verdade e, com isso, narravam-se as suas grandes realizações.

Aliás, desde já é bom lembrar e pontuar as diferencas existentes entre a história das diversas disciplinas e a história da ciência em geral, pois não existe uma única estrutura metodológica para a ciência. Existem disciplinas especializadas, cada uma com seu caráter e desenvolvimento próprios. O desenvolvimento dessas disciplinas ê desigual, e cada qual possuí suas matrizes episte mo lógicas, constituídas em suas historicidades. Talvez por isso mesmo possamos dizer que a ciência moderna nasceu e continua nascendo como um projeto crítico e libertário.

Porém, desde logo, jã no século XVII, os 'sábios' se encontram reunidos em instituições reconhecidas e patrocinadas pelo Estado. Seu espírito libertário coloca-se em oposição à ordem da natureza ou da razão hegemônica existente ou em fragmentação e à ordem da monarquia ou da Igreja. A ciência jã não aceita mais a verdade proveniente da ordem das coisas. Copérnico, Galileu, Newion, Kepler, entre tantos outros, são exemplos da não-aceitação do conceito de natureza como algo dado e eficiente em si mesmo. Pelo contrário, no século XVII a concepção vinha da atitude desmistificadora, marcada, no século XTX, pelos trabalhos de Nietzsche, JViarx e Freud.

Na ótica cristã ocidental* tais autores aprofundam a idéia de que a ciência, na sua origem, contém o germe do pecado, da liberdade infinita e de tudo aquilo que é impróprio para o homem. Pouco depois, Durkheim resgata a idéia da religião como fenômeno cultural.

2.1 A Ciêncis e religião

Nessa perspectiva, chegamos então ao primeiro aspectoproblema: a ciência nasceu como filho bastardo da religião e, portanto, apresenta-se envolta no espírito da tragédia.

A ciência moderna nasce conto conhecimento questionável, pois, durante a Idade Média, o homem tem um lugar (/acus) definido, garantido e legitimado na concepção da religião. Na Idade Moderna, ele é diluído, aos poucos desaparece, e a ciência seria o logos que daria um novo locus ao homem. O fascínio da ciência estaria exaiamenie no fato de desencantar o lugar até então definido e garantido para o homem na natureza. O desencantamento do mundo gera o temor por ultrapassar o logos desse lugar. A sensação de liberdade resulta em insegurança.

Se considerarmos o Renascimento o ponto-chave para a análise e o critério para a origem da ciência moderna, poderemos apontar desde já um aspecto importante. Percebe-se uma mudança conceituai da visão sobre a natureza: do envolvimento passa-se ao distanciamento. Podemos registrar que, até o Renascimento, o ideal era buscado no passado. Com o domínio relativo e explicativo da natureza, afiança-se o ideal no futuro como nítida caracterização historicista. Evidentemente, começam a se estruturar as condições para as concepções filosóficas sobre a linearidade do tempo e sobre o progresso cumulativo, elementos tão caros à instrumentalização da ciência no século XIX.3

A preparação para a racionalização explicativa da ciência não significa a ruptura com a religião no Renascimento. Pelo contrário, religião e ciência estimulam-se inutuamente, ao mesmo tempo que se separam. Podemos exemplificar esse aspecto com a ética puritana, que estimulava a ciência como atividade transformadora do inundo, A constituição de um domínio natural sujeito às leis regulares fez com que Deus fosse gradativamente afastado dos princípios da causalidade. Boa parte dos teólogos e cientistas favoráveis à Reforma do século XVII sustentava o princípio de que Deus havia se limitado a manter as leis e as regularidades da natureza. Uma ciência positiva constituía-se como domínio autônomo, com suas próprias regras de verificação, que prescindiam de verdades teológicas.

A ciência newtoniana de fins do século XVI minimizou o papel da Providência com a metáfora do grande relógio (e do grande relojoeiro). No começo daquele século, a noção de um mundo proposital, que respondia à vontade do criador, jã fora ajustada à noção de leis da natureza, exatamente no mesmo

contexto ideológico, e de forma coerente com o princípio da auto-reflexão, central para a 'ética protestante' do 'espírito do capitalismo'. Contudo, é necessário dizer que a relação entre protestantismo e ciência não se limita ao utilitarismo. A religião, e não somente o lucro econômico, era o motivo predominante de boa parte dos investigadores dos países que aderiram à Reforma, e as convicções religiosas estavam profundamente presentes nos grandes cientistas do século XVI. Conhecer era trabalhar para o engrandecimento de Deus. Com essa máxima, duas questões se configuram: há mais uma vez a possibilidade de reconciliação entre o logos e o locus e, em segundo lugar, e em conseqüência disso, percebe-se uma linha tênue que pressupõe limites à ciência moderna. Tais limites se orientam pelo restabe-lecimento da discussão ética de origem na moral medieval.

Porém, o estímulo da ciência ligava-se, em boa parte, ao lema central da teologia reformada: a glória de Deus. A ciência deveria ser cultivada para a glória de Deus e para o benefício da humanidade. O próprio Kepler afirmava que o cientista era um sacerdote de Deus, relacionando-o ao 'livro da natureza'. Por sua vez, Calvino justificava que a ciência conduziria a um melhor conhecimento de Deus, referindo-se não à contemplação piedosa da natureza, mas à atitude experimental/empírica que passa a constituí-la no sentido moderno. Assim, desprezar o talento dado por Deus era equivalente a desprezar o 'chamamento' divino, a vocação.4 Para tal linha de pensamento, a ciência envolvia uma ambiguidade de emoções: fascínio e temor. O desencantamento do mundo gerado pelo conhecimento explicativo da natureza produzia, simultaneamente, a sensação de liberdade ilimitada e a de insegurança.5 (Mais adiante veremos como essa insegurança gera o apetite para domesticar a ciência corno forma de manutenção de tradições e de poderes institucionais.) A racionalização e, por outro viés, a secularização produziram a modernidade, que começa a ser percebida como resultado desse desencantamento, mas também como problema. O segundo aspecto, o problema, foi eliminado quase totalmente nas teorias historicizantes da segunda metade do século XIX pela crença 'cega' na concepção de processo e, portanto, no fim da história.

Liberdade religiosa e liberdade científica, ambas relacionadas aos fatos, sejam bíblicos ou naturais, caminhavam juntas. O argumento da autoridade, característico da escolástica, cedia lugar à autoridade da experimentação e ao exame direto dos latos. iVlas o que importa aqui não são apenas as relações entre religião e ciência, e sim a estreita e fundamental distinção entre 'juízo de valor' e 'juízo de fato' na constituição da ciência moderna, como demonstrou JVIax Weber. Incluiu-se, portanto, desde a sua origem, a questão da ética da convicção e da ética da responsabilidade. O fundamental no processo de constituição da ciência moderna Foi o divórcio entre fato e valor, realidade e verdade, objeto e sujeito. No pensamento ocidental, coexistem duas ordens distintas: a verdade literal da realidade visível e a verdade simbólica da mente, que se separam, acompanhando a separação entre conhecimento e fé. Nasce um homem moderno para pensar, trabalhar e agir sobre o mundo externo: um mundo desencantado, materializado, do qual Deus foi expulso. A natureza tornou-se órfã Dele. A natureza deveria ser descoberta pelo homem para seus próprios fins. Instala-se no pensamento ocidental a racionalidade dos fins, na qual estão separados o homem interior e o exterior.

Gerou-se um homem que, aos poucos, se desvencilha de Deus. Esse homem é materialista e profeta das próprias realizações, A vocação originária de Deus para a ciência é usada para fundamentar a tese de que Ele não existe. O século XIX nos mostra isso claramente naquelas teorias nas quais as leis da natureza regem os desenvolvimentos. A vocação divina é paradoxalmente substituída por uma cultura política na qual conhecimento é poder. Instala-se definitiva mente a razão científica e instrumental. Nietzsche, nesse momento, afirma que Deus está

morto. Porém, o cientista se tornaria um plebeu do espírito, e a visão científica, uma visão mesquinha do mundo.

Está lançado o espírito da tragédia. Uma vez, pela possibilidade de a ciência vir a ser instrumentalizada por 'cientistas' políticos em nome de interesses vários e, outra vez, pela impossibilidade de se fazerem cumprir, por meio dela, os princípios do Iluminismo. A ironia das consegüências imprevistas transforma a ciência num repertório do medo: uma teologia do medo. Ela surgiu dessa idéia atormentadora. 'Ironia' é o pãthos do meiotermo, observou Tliomas Mann. Historicamente, uma coisa pode levar a outra sem que sejam compatíveis: o nascimento de uma nova mentalidade não é apenas e necessariamente explicado pelas condições que possibilitaram o seu surgimento, sobretudo se essas condições obstruíram o nascimento dessa mesma mentalidade. Se, por um lado, conseguimos explicar fenômenos complexos da natureza pela natureza, por outro, nada podemos dizer, via ciência, sobre fundamentos morais, paixão, valor supremo etc. Por mais paradoxal que possa parecer, o espírito científico pressupõe paixão, rigor e, acima de tudo, aceitação da precoudição fundamental desse tipo de empreendimento: o conhecimento científico está destinado a ser superado.6

2.1.2 Avaliação e valor na ciência

Aqui já estamos no segundo aspecto-problema: a questão da avaliação da história da ciência não está na ciência como tal, mas em seus propagandistas, ideólogos (receptivos ou críticos) e, em especial, em seus profetas envoltos em crenças sobre o futuro. jVtata-se a história da sua origem, ou o que se pretende é separá-la do fenômeno cultural (Deus) para legitimar as profecias dos males ou dos bens dela resultantes? Aliás, digase de passagem, essa caracterização ocorre com os paradigmas teóricos dos séculos XVIII e XIX. A vulgarização da ciência e das teorias criou tragédias para a humanidade das quais não

precisamos buscar exemplos aqui. Querer domesticá-la seria o mesmo que pretender segurar o pêndulo do relógio em um dos lados, o da racionalidade ou o da irracionalidade. Tal oposição. cultivada por séculos na história da ciência, agora está superada, razão pela qual jamais poderemos aprisionar o 'espírito científico'. É esse espírito irracional da paixão que move a racionalidade de experiências, do conhecimento, de hipóteses e da própria plausibilidade científica.

O espaço no qual seria possível cultivar esse espírito é a universidade. No entanto, é exatamente nessa instituição que se pretende exercer o controle—mediante a burocratização vulgar da pesquisa — da imaginação criativa. Nos últimos anos, percebe-se o fenômeno da pouca criatividade do espírito científico dentro da universidade. A reduzida criatividade inovadora é traduzida pela (a) didatização dos avanços da ciência em exercícios capazes de serem absorvidos academicamente e (b) ideologização da ciência, vinculando-a a determinadas posturas políticas que buscam instrumentalizá-la na sua origem para a redenção da humanidade no futuro. A institucionalização acontece por ainda pensarmos que a universidade é o espaço de felicidade e de resolução dos problemas sociais dessa humanidade.

Partindo da hipótese de que a universidade teria a função de erradicar e extirpar os vícios e as injustiças sociais, ou seja, as tragédias, os 'cientistas' (professores) que nela atuam se tornariam aqueles profetas de que falamos inicialmente, muito mais preocupados em visionar o futuro, o tini da história, do que em produzir conhecimentos que viabilizem esse fim. Ser a autoridade que conhece a ciência e que sabe o que se poderia fazer com ela torna-se a catapulta desse 'cientista universitário' para um patamar e um poder excepcionais. A autoridade investida pela sabedoria 'científica' e 'burocrática' empresta-lhe o poder de decidir sobre o que é e o que não é ciência, sobre o que pode ou não pode ser pesquisado e sobre os caminhos e métodos por meio dos quais se chegaria ao conhecimento.⁷

Um fenômeno muito interessante a ser observado diz respeito ao número expressivo de professores de ciências (ditas naturais) que fazem suas dissertações e teses na área de educação. Preocupados em estudar a 'pedagogia' de sua ciência, deixam para segundo plano a disciplina como tal, na qual se produziriam conhecimentos para superar o estado da ciência. Mas, ao contrário, buscam tcmatízar os aspectos ornamentais, externos e didáticos do conhecimento. Surge, assim, uma nova autoridade do conhecimento. Agora com a aura da investidura internalizada da competência, ela nos diz como devemos conquistar o futuro. Nesse sentido, a universidade torna-se, ou melhor, continua a ser o espaço da reprodução dos vícios sociais: aquilo que poderia ser o investimento de erradicação dos obstáculos tradicionais torna-se um exercício de disputa sobre como devemos lazer e agir, desviando os objetivos maiores da pesquisa e do ensino para as mazelas em que quase sempre os fins justificam os meios.

TE, nesse caso, a disputa do poder é um exercício especializado na tomada de decisões políticas e nos rumos da ciência e da pesquisa na universidade. É muita energia para pouco conhecimento inovador, A energia gasta politicamente serve para domesticar a ciência, ou seja, para mantê-la nos parâmetros limítrofes do seu domínio. Portanto, percebemos aqui uma relação proporcional: quanto mais se politiza a ciência, menos capacidade inovadora ela possui, Ou, em outras palavras: quanto mais se difunde o discurso de que 'somos iguais', 'todos são pesquisadores', 'vamos construir juntos' (que é um discurso autoritário) na universidade, maior é sua incompetência em relação à ciência,º Assistimos, hoje, ã instalação, nessa instituição, de um reencantamento dos princípios pré-modernos. O avanço de lais princípios agora se apresenta sob égide dupla: um discurso do senso comum sobre a ciência e a tentativa de substituição do Deus medieval pela política.

Como resultado do reencantamento político da universidade, poderemos ter, em hipótese, o afastamento do trabalho intelectual como vocação. Nesse modelo de universidade, perde-se a lil>erdade do espírito científico. Na mesma medida, cresce a ética da convicção sobre a ética da responsabilidade*

Preservar a liberdade na ciência e lutar por ela, por mais individualista que possa parecer, é condição sirte qua tton ao conhecimento, pois a ciência vincula-se diretamente ao espírito da tragédia, aqui vista corno a consciência do limite e de sua ruptura. Romper o limite é a própria tragédia: o desconhecido, o Irracional, para alguns. Como cientistas, trabalhamos sempre no limite, ou melhor, trabalhamos para rompê-lo e conseguir explicar a natureza, essa desconhecida.⁰

A ciência, na cultura ocidental, legitimou-se pela sua capacidade de controlar o desconhecido, o trágico, não deixando que aparecessem monstros do imaginário cultural capazes de colocar em xeque sua racionalidade explicativa. Assim como as ciências da natureza buscam rompera Fronteira doconhecido/desconhecido na ponta de uma corda, na outra ponta estão as ciências da cultura, querendo extirpar do imaginário cultural aquilo que as ciências da natureza têm dificuldade em racionalizar.

Ciência e tragédia são partes do mesmo mecanismo tia consciência cultural binária ocidental. Já com o nascimento da ciência moderna gerou-se a sensação de íiin de mundo, especialmente nos séculos XVT e XVII, em razão das mudanças radicais. Formou-se um misto de exaltação e perturbação. Novamente, percebe-se a necessidade de uma linguagem artificial para representar o conhecimento produzido, com a introdução das classificações e das nomenclaturas. Uma teoria das palavras, urna teoria da linguagem gerou o afastamento entre as palavras e as coisas.

Por conseguinte, a gênese da ciência moderna e as raízes da modernidade nascem da 'crença', quase divina, de um verdadeiro mundo. Nesse sentido, a ciência surge também da necessidade de fé para romper com a finitude, como pressuposto do espírito científico.

Não há dúvida de que a ciência moderna está estritamente associada a um poder impulsionado pela busca da conquista, ou seja, a realidade é ordenada de acordo com categorias que são subjetivas. No sentido específico, elas constituem a pressuposição de nosso saber e estão ligadas à idéia do valor de verdade. Nada podemos oferecer, com os meios da nossa ciência. a quem considera que essa verdade não tem valor ou que é um valor último, uma vez que a crença na verdade científica é produto cultural, e não simplesmente um dado da natureza. Então, não são as normas, mas as controvérsias entre os cientistas que decidem o que é a racionalidade de uma ciência moderna. Assim, compreender os modernos não significa admirá-los nem colocá-los no banco dos réus; também não significa deixá-los à vontade na expectativa de que preparem o solo ou que se mantenham decididamente abertos à totalidade do serem construção. Iludem-se aqueles que querem descobrir a verdadeira natureza dos fatos que produzem e os que querem, como cientistas, fazer dessa verdade o enunciado íluminista que indica onde e quando os homens serão felizes. Talvez, nesse caso, o erro seja a própria condição da verdade.

2.2 As ciências sociais e a modernidade¹⁰

"Os deuses antigos abandonaram suas tumbas e. sob a forma de poderes impessoais, porque desencantados, esforçam-se por ganhar poder sob nossas vidas, reiniciando suas lutas eternas. Daí os tormentos do homem moderno, tormentos que atingem de maneira particularmente penosa a nossa geração; como se mostrar à altura do quotidiano? Todas as buscas de 'experiência vivida ' têm sua fonte nessa fraqueza, que é fraqueza não ser capaz de encarar de frente o severo destino do tempo que se vive. "

Max Weber

Sabemos que as ciências sociais surgem com a modernidade. Surgem legitimando e/ou problematizando a experiência dos modernos, os quais desenraizaram processos e convicções Tradicionais, bem como julgamentos morais, religiosos e consueludinários.

A modernidade foi vista como presente, como racionalização da civilização ocidental que visava à modernização social sob a consolidação da economia e da sociedade capitalistas. A força do trabalho livre, o Estado moderno, a organização racional da produção, a profissionalização da atividade política e burocrática, a autonomização e a emancipação da ciência, da arte, da esfera morai, da homogeneidade cultural, o crescimento das forças produtivas, dentre outras, foram racionalizações de uma modernização social.

As ciências sociais surgem dessa nova roupagem da civilização ocidental do final do século XVIII. Tradição e modernidade começam a fazer parte das epistemologias sociais, ora como dicotomias, ora como contrastes, ora como aperfeiçoamentos evolutivos, ora como temporalidades que se cruzam. A ligação e/ou a oposição entre comunidade e sociedade (Durkheim, Weber, Tönnies e, posteriormente, os frankfurtianos, dentre outros), objetividade e subjetividade, moralidade e contratualismo, economia e natureza, indivíduo e institucionalização, racionalização e encantamento, normalização e liberdade, público e privado, macro e micro (esfera do poder, do espaço físico, da política, da economia etc.) abre um campo de discussão vasto que tem como pano de fundo a modernidade."

A economia fundamenta-se nos elementos epistêmicos do liberalismo (natureza, indivíduo, razão, prazer, equilíbrio) em correspondência com a dinâmica do mercado, da propriedade e da liberdade. Na política, o Estado se legitimava na lei; depois, na Providência (como desativador da luta de classes), na cooptação e na desnacionalização do patrimônio público. Essa instância se expressou moderna mente como pouco in-

lerventora no mercado, como faciliadora da auloridade e da autonomia do indivíduo.

As ciências sociais avançaram modernamente na ligação homem e sociedade. Ocorreram profundas discussões no campo da cultura, da dissolução do senso comum e da tradição; suas grandes narrativas, muitas até hem legitimadas; seu campo discursivo no âmbito da identidade, do progresso, da revolução, da história, enfiru, de um homem capaz de decidir sobre a sociedade, de projetar e garantir sua imortalidade sobre a terra, sobre a natureza física. No campo das artes, da moral, da religião e da cultura, a modernidade investiu nas regras normatizadoras da conduta social, no consenso, na educação, no estético, na secnlarização, nos simulacros.

Malgrado todo esse processo revolucionário do campo social, o sólido que se desmancha no ar não fica na estratosfera; cai em algum lugar, mas não no vazio, no nada — ele produz algo. A modernidade produziu contra-revoluções, reencantamentos, subjetividades, a des - não-antí-razão, pós-anti, a trans-baixa-alta modernidade, o cotidiano, o vivido, existências coletivas sem condução predeterminada, micropoderes, microespaços, micropartículas societais, diferenças, pluralidades, crises conceituais, dentre outras coisas.

Com a chamada 'crise das epistemologias' da modernidade, as ciências sociais se vêem desafiadas a adotar novos métodos, novos pressupostos; produzir novos conceitos, fazer parcerias multi e transdisciplinares; flexibilizar norteamentos; produzir e/ou revigorar novos clássicos, novas bases teóricas, que possam dar conta do imperativo do dedframento do presente. Assim exigem as múltiplas formas de lutas e de conflitos sociais, de convivência multicultural e além-fronteira (mundialização), o capitalismo na sua versão neoliberal, como roupagem nova de um mesmo processo civilizatório. O olhar das ciências sociais aplicadas sobre a sociedade e sobre si mesmas {seus pressupostos, metodologias de análise etc.), bem como o estabelecimento

de um diálogo mais fértil e menos determinista com os pressupostos da modernidade e de suas representações, nos parece ser um boin imperativo da contemporaneidade.¹⁵

A constatação da crise no social e no campo social nos obriga a retomar os conceitos de racionalidade, de identidade, de temporalidade, de história, de sujeito, cultura e poder, cotistituidores da modernidade civilizadora, e remetê-los à pluralidade, à diferença, à possibilidade do dissenso, sem cair num presentismo descomprometido e fugidio, revigorando utopias e novas racionalidades.

A experiência da modernidade apostava num horizonte racionalizado de mundo, pela ciência, pelo progresso, pelo Estado-nação, peia identidade e liberdade, pelo crescimento das lorças produtivas de base tecnológica, pela profissionalização do político, do direito, da sociedade do trabalho etc. Acreditava-se que o mundo social, em seus vários universos— econômico, cultural e político—, poderia ser incorporado ao universo do entendimento da ciência. Para lauto, os vários campos das ciências sociais lançaram mão de pressupostos teóricos e metodológicos e constituíram paradigmas científicos de análise, orientando e fecundando seus objetos analíticos na tão defendida relação entre teoria, empiria e interpretação (análise).

As ciências sociais sempre tiveram preocupações epistemológicas ligadas às suas fronteiras, porém sempre mantiveram o espírito deslizante (interdisciplinaridade), uma vez que inúmeros objetos são comuns. A angústia de compreender os rumos da modernidade, bem como o imperativo de captar o social, contemporizando velhas questões com novas abordagens, sempre esteve no âmago dos vários campos do conhecimento social.

A aventura de entender o social pelas ciências sociais requer pressupostos e vigilância epistemológica em termos de objeto, de métodos e objetividade analítica, que possam propiciar a compreensão do real-social em movimento, entendendo a possibilidade de ílexibilização e multiplicidade de conceitos

na dúvida constante e acompanhando o conhecimento em movimento no movimento do real; portanto, apostando na abertura para a retificação, para a alteridade de fronteira e para o questionamento constante dos métodos e técnicas.¹⁵

JÉ com esses e outros pressupostos que as ciências sociais ganham legitimidade e missão na compreensão da realidade social na contemporancidade. O mundo social apresenta-se profundamente redefinido em relação àquele do surgimento da modernidade.

Inúmeras concepções, noções e processos sociais que pareciam estar sólidos no tempo sofreram abalos. Os pilares das ciências sociais — estatismo, nacionalismo e cíentificismo — não são mais ião resistentes. Seus congêneres macro e seus objetivos, tais corno a racionalidade na política e no poder, a técnica, o Estado-nação, o desenvolvimento e a democratização, o industrialismo, a modernização etc., ganham novos contornos como processos civilizatórios.if>

Pela ótica da (inter)subjetividade, redefinem-se as noções de emancipação, de trabalho, de sociabilidade, de futuro etc., as quais denotam profundas alterações no social, incorporando cada vez mais a falsa clarividência e as incertezas do acaso no seio das ciências sociais.¹⁷

Os desafios para os vários campos das ciências sociais hoje talvez sejam maiores do que na época em que elas desempenhavam o papel de legitimadoras da modernidade social, cultural, política e econômica. O contato do homem com o homem e deste com a natureza, assim como a noção e a ligação entre espaço e tempo (sua funcionalidade e localizações variadas), redefiniu processos e métodos analíticos na compreensão do social. A interatividade pela tecnologia multimídia, os vários formatos que a chamada sociedade do trabalho estrutura na sociedade pós-industrialisla, 18 os mecanismos de mercado, de informação e de cultura nnindializados, as novas geografias de poder mundial, os novos processos de dependência econômica

e técnica, as preocupações ecos sistêmicas e agroecológicas, o multicukuralismo, o paradigma da ciência pós-moderna que reforça noções de imprevisibilidade, interpenetração, espontaneidade, desordem etc., dentre muitas outras dinâmicas macrossodais, fazem com que as ciências sociais se tornem cada vez mais imprescindíveis, inevitáveis nos diversos campos do saber. Isso requer autocrítica, abertura para epistemes de campos que se possam considerar aíins, anticristalização e sedimentação normativa de pressupostos atemporais. 19

As ma cr o estruturas presentes na eontemporancidade perpassam, de forma geral, os seus pressupostos no horizonte técnico, político e científico, bem como nas relações com o homem, com a natureza, com a história e com a cultura, o que mais uma vez comprova que a ação civilizadora da modernidade não acabou; nem por isso temos de advogar espaços a uma pós-modernidade como superação do moderno, nem mesmo para a absoluta homogeneidade da globalização, nem para o tão propalado fim da história.

As questões de exclusão social, econômica, política e cultural permanecem; as diferenças regionais, as lutas por um mínimo de cidadania (trabalho, moradia, saúde etc.), as organizações coletivas por direitos à diferença, por políticas sociais etc. demonstram que os mesmos problemas da modernidade se aliam aos da contefflporaneidade, o que faz com que as ciências sociais se desafiem ainda mais a fim de dar a sua contribuição para o necessário fortalecimento dos valores societais e éticos, bem como para os fundamentos epistemológicos da ciência, da história e do sujeito social.20

23. O significado e a importância da metodologia de pesquisa

¹Por que motivo, então, nos entregarmos à tarefa que jantais encontra fim e não pode encontrá-lo?"

Em vários momentos diferentes, deixamos explícita uma preocupação: em face do contexto de profunda mudança nos critérios de ciência²¹ pela qual passam as ciências sociais aplicadas, ainda seria possível compreendê-las com possibilidade científica e, nessa situação, qual seria a função do cientista e do conhecimento produzido? Talvez nunca cheguemos a uma resposta convincente para a problemática, mas, pelo menos, deveríamos fazer um esforço para nos aproximar de argumentos competentes.

A problemática, portanto, situa-se na tensão entre a concepção moderna e pós-moderna de ciência. Perante esse pano de fundo, sugere-se a necessidade de ferramentas, de metodologias que possam minimamente dar conta do estudo e proporcionar um conjunto de critérios de plausibilidade do conhecimento.

As mudanças nas formas de pesquisar novos temas introduzidos entre os profissionais das ciências sociais aplicadas são apenas constatadas como um fenômeno do desenvolvimento da própria ciência. Porém, essas constatações não bastam para a elaboração de explicações mais completas do movimento da mudança.

Diz-se que o mundo científico está sob o signo da suspeita, sobretudo porque esse aspecto representa também a possibilidade de relacionar o espaço das experiências cotidianas com o horizonte de expectativas sociais. Diz-se também, de forma conjuntural, que o intelectual perdeu o rumo. Seu sentido novecentista perdeu-se na impossibilidade de configurar, por intermédio do conhecimento, a marcha do desenvolvimento das sociedades.

Essas questões nos motivam a afirmar que está ocorrendo uma profunda mudança teórico -metodológica e temática de utilização das fontes e das funções do conhecimento produzido. Pois bem, se essa crise se constitui no esgotamento das estratégias tradicionais e polarizadas, o desafio deve se mover para as possibilidades de alcançar o foco central nos referenciais de

pesquisa. E sobretudo se deve perguntar: qual seria o programa mínimo necessário para a plausibilidade do conhecimento e da ciência?

Antes de mais nada, porém, é preciso mapear três considerações necessárias, quando nos referimos ao processo interpreta ti vo, para não correr riscos desnecessários. O risco principal reside no fato de se tomar por singular e unívoco o que é múltiplo e plurívoco, tal como ocorre na crítica feita aos cientistas e às ciências modernas pelas assim denominadas tendências pós-modernas.

Em segundo lugar, temos de admitir a presença hermenêutica em obras e em formas de pensamento não decisivamente dedicadas ao tema em questão. Afinai, como são capazes de produzir e captar sentidos os textos que lidam com o social? Dificilmente essas obras poderiam se abster de explorar o universo das significações e, por outro lado, propor um conjunto de concepções sobre o seu próprio processo de interpretação.22 E é essa a questão que nos leva à terceira consideração, qual seja, a da diluição do problema hermenêutico no individualismo metodológico. Atualmente, como esse problema está em todo lugar, deixou de ter relevância, pois, como último dos arautos simplifica d ores, serviu de forma de ideologização do diálogo científico.

Pensar e escrever sobre a cultura organizacional de qualquer espaço social implica situar alguns aspectos importantes das disciplinas das chamadas 'ciências sociais aplicadas', especialmente das ciências da administração e das ciências contábeis.

Quando as ciências sociais aplicadas como disciplinas pretendem ter plausibilidade científica no quadro das ciências sociais e da técnica, devem contemplar uma matriz, segundo Rüsen, composta de pelo menos cinco elementos que a fundamentam como tal. Esses elementos da matriz são: < 1) os interesses pelo conhecimento, (2) as perspectivas teé>ricas sobre o objeto, (3) o método e as técnicas de pesquisa, {Ar} as

formas de representação do conhecimento, ou seja, as formas narrativas textuais, e, finalmente, (5) as funções didáticas do conhecimento produzido (veja a Figura 2.1).



Motas

- Esse texto é uma adaptação do capítulo "A ciência e o espírito da tragédia", publicado em DIEHL, Astor Antônio. Ciência, política e universidade. Passo Fundo: Clio, 2001. p. 9-26-
- Ver MANNHEIM, K. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1972, e iMARCUSE, II. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- * iMARRAMAO, Giacomo. Poder e secularízação. São Paulo: Ed. Unesp, 1995.
- ⁴ Também WOORTMANN, Klaas. Religião e ciência no Renascimento. Brasília: TJnB, 1 997.
- Ver mais adiante como essa insegurança gera o apetite para domesticar a ciência como forma de manutenção de tradições e de poderes institucionais.
- ⁶ Essa é a posição de Max Weber. Ver WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). Weber. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986. p. 79-127.

- 7 Interessante leitura sobre esse aspecto é a de BO D EI, Remo. A filosofia do século XJi. Bauru: Et!use, 2000.
- A Conforme DIEHL, A st or Antônio. Ciência, política e universidade. Passo Fundo: Clio, 200 1.
- *? Como sugestão, verBOURDIEU, Pterre et aL El oficio dei sociólogo. Madri: XXI, 1989.
- Conforme adaptação de DIEHL, Astor Antônio; TEDESCO, João Carlos. Epistemologias das ciências sociais. Passo Fundo: Clio, 200 I.
- ^{t 1} Cr. ADORNO, S. í Org.). A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade. Porto Alegre; Editora da Universidade, 1993. p. 7-11.
- 12 Idem, ibid. p. 3.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta. Do caos à inteligência artificial quando cientistas se interrogam. São Paulo: Ed. Unesp, 1993, e JA-MESON, Eredric. As sementes do tempo. São Paulo: Ática, 1997.
 - Ver GIDDENS, Anthony; TURNER, J. (Org.). Teoria social hoje. São Paulo: Ed. Unesp, 1 999. Esse aspecto é o ponto-chave desenvolvido no livro de DIEHL, Astor Antônio; TEDESCO. João Carlos, op. cít.
- 1-5 Cf. TAVARES DOS SANTOS, J. V. A aventura sociológica na contemporaneidade. In: ADORNO, S. op. cit. p. 73-84.
- Ver outras duas orientações. Uma em DE MASI, Domenico (Org.). A emoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. 5. eci. Rio de Janeiro: José ©lyirtpio, 1999, e a outra em ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
 - 17 TAVARES DOS SANTOS, J. op. cit.
- DUMONT, Louis. Homo Aecjialis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: Edtisc, 2000.
- Ver PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro <Org).
 0 pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
 - 20 Sobre as implicações metodológicas, ver REVET_Jacques (Org.). Jogos de escala: a experiência da microanáíise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- Deixamos explícita essa preocupação no livro Ciência, política e universidade. Passo Fundo: Clio, 2001. Ver também SOUZA SANTOS, Boaventura de. Introdução a uma ciência pâs-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
 - Ver esse debate em DIEHL, Astor Antônio. Vinho velho em pipa nova. Passo Fundo; Ediupf, 1997.
- Conforme adaptação de RÜSEN, J. Reflexões sobre os fundamentos e mudanças de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: GERTZ, R. E.; NEVES, A. A. B. (Coord.). A nova historiografia alemã: diálogo Brasil—Alemanha nas ciências humanas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Instituto Goethe, 1987. p. 14-40.

Ciências sociais aplicadas

"Para onde foi ci vida que nós perdemos vivendo?

Para onde foi a sabedoria que nós perdemos no conhecimen to ?

Para onde foi o conhecimento que nós perdemos na informação?"

TS. Elliot

As ciências suciais aplicadas constituem uma área do conhecimento e de atuação profissional iTiultivalente, cuja formação conjuga o domínio de várias disciplinas, entre as quais se situam a administração e as ciências contábeis, que vêm adquirindo crescente importância no contexto

da sociedade, uma vez que, por meio da contínua interação entre ciência e técnica, produzem conhecimentos que, aplicados às organizações, tratam de conduzi-las ao alcance cios objetivos visados.

A nossa sociedade é um conglomerado muito mais de organizações do que de grupos, a ponto de ser chamada de sociedade organizacional, em contraste com as sociedades comunitárias do passado. Na era organizacional, a nossa sociedade distinguese por permitir, propiciar e até mesmo impor a proliferação de organizações — estatais, privadas, educativas, recreativas, religiosas, filantrópicas e outras. O homem contemporâneo não só despende nelas a maior parte do seu tempo útil, como também delas depende para satisfazer parcela cada vez maior de suas necessidades.¹

Nem sempre as organizações estiveram tão presentes na vida das pessoas. Houve época em que certas atividades produtivas eram problemas que se resolviam por meios domésticos ou não institucionais. Com o tempo, essas atividades e serviços passaram das pessoas e cios lares para organizações de todos os tipos, que atendem a uma grande variedade de necessidades.

Em decorrência, nesse tipo de sociedade, muitos produtos e serviços essenciais para a sobrevivência somente se tornam disponíveis quando há organizações empenhadas em realizálos. A qualidade cie vida depende delas significa ti vamente e, assim, o desempenho cias organizações que a servem ou afetam de alguma forma se torna assunto cie interesse de qualquer coletividade.

É sabido que os negócios funcionam como motor das sociedades e têm a desempenhar um importante papel na construção do futuro. Embora seja questionável o empenho histórico das empresas em fomentar o bem comum, poucos contestam a soma enorme de poder e energia que as organizações empresariais detêm global mente. Sabemos que os executivos jã constituem uma rede econômica mundial, posto que informal; sabemos que os desafios e as recompensas oferecidos pelo universo dos negócios têm atraído algumas das pessoas mais competentes e criativas; sabemos que as organizações empresariais são altamente flexíveis e que o sucesso a longo prazo nesse campo depende, em última análise, do uso eficaz dos recursos a bem das sociedades que as empresas servem, para que essas sociedades continuem a florescer e a consumir os bens e serviços a elas oferecidos. Obviamente, os negócios têm a capacidade tie desempenhar um papel de liderança inovadora na criação de um futuro positivo e possível de ser conservado.²

Por conseguinte, tornou-se um dos principais desafios da nossa era melhoraras organizações tanto privadas como públicas. Para isso, não existem fórmulas abrangentes, que, uma vez descobertas, nos aliviarão de futuras incursões pelo desconhecido. É certo que as antigas panaceias são inviáveis no presente estado dos negócios, como também o conceito de 'soluções empresariais" universalmente válidas está ultrapassado.

Assim, tomaras organizações melhores constitui-se em uma tarefa de lideranças que, como enfatiza Brutoco,³ substituam objetivos simplistas, tidos por 'pragmáticos', por uma visão individual e coletiva; rigidez, por culturas empresariais mais flexíveis; hierarquias administrativas, por capacitação pessoal; análises lógicas, por um misto de análise e sintonia intuitiva; competição, por cooperação e co-criação; valores agressivos, por harmonia, confiança, honestidade e condescendência; e o enfoque a curto prazo, pelo teste da 'sétima geração' dos índios iroqüenses norte-americanos.

3.1 Ciências cia administração

A administração é uma ciência indispensável para a existência, a sobrevivência e o sucesso das organizações cujo propósito principal é promover o estudo e a condução de suas atividades, interpretando seus objetivos e transformando-os em ação organizacional por meio do planejamento, organização, direção e

O curso de administração se propõe a desenvolver, difundir e transferir conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais relacionados à área de administração, considerando as características do meio ambiente global por meio da formação do ser humano e do desenvolvimento de atitudes de solidariedade e de compromisso corn a transformação da sociedade. Também se propõe a capacitar o aluno a tomar decisões gerenciais em nível estratégico e operacional a partir do desenvolvimento da capacidade analítica, de comunicação interpessoal, do raciocínio lógico e crítico, para antecipar mudanças e promover o desenvolvimento do meio social, político; econômico e cultural em que está inserido. O desenvolvimento dessas atividades se dará pela compreensão da gestão empresarial, com base numa sólida formação humana, ética e científica.

O profissional de administração deve ter a capacidade estratégica e gerencial de pensar e repensar o contexto geral tie negócios. Deve renovar continuamente suas competências e estruturar uma cultura de elevada confiança, ética e honestidade, atuando com autonomia em equipes estruturadas sob a ótica de um aprendizado constante, compartilhado e disseminado por toda a organização. Esse profissional, de sólida formação técnico-profissional aliada a uma indispensável formação h u mam's ti ca, deve incentivar o desenvolvimento do capital intelectual e financeiro da empresa, comunicando-se com autonomia e eficácia em todo o contexto organizacional. Ê 1 imdamental ao administrador que acompanhe sempre as inovações técnicas e mercadológicas.

Encarar as exigências da globalização é essencial numa sociedade organizacional, e o dinamismo do mundo atual exige um administrador moderno, capaz de adaptar a atividade empresarial às tendências do século XXI. Corno profissional.

poderá atuar em áreas especializadas da administração, como administração da produção e de materiais, sistemas de informações gerenciais, planejamento estratégico, recursos humanos, marketing, administração financeira e geral.

Na área empresarial, sua atuação poderá ser em empresas e instituições de qualquer setor, de caráter público ou particular, no comércio, na indústria, em empresas de prestação de serviços e na área de consultoria. Na área docente, poderá trabalhar tanto em instituições de ensino superior como em cursos livres.

Esse profissional deverá ser capaz de levar a órgãos públicos e a empresas privadas o conhecimento específico gerencial. Como empreendedor, também poderá administrar seu próprio negócio num mundo cada vez mais globalizado e competitivo.

Em coerência com tais exigências, existe nos cursos de administração uma estratégia de ensino-aprendizagem que busca estimular o desenvolvimento dessas características no aluno por intermédio de atividades em campo orientadas pela instituição e que os avalia no finai do processo. É o estágio supervisionado, cuja obrigatoriedade legal decorre da Lei 6.494, de 7 de dezembro de 1977, em cujo artigo 1-0, § 2-0 se estabelece que "os estágios devem propiciar a complementarão do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares a fim de se constituírem em instrumento de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano",4

A Lei 6.494 é regulamentada pelo decreto 87.497, de Í8 de agosto de 1982, que em seu artigo 2ª caracteriza o estágio como "atividade de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante, pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral, ou junto a pessoas j urídicas de direito

público ou privado, sob a responsabilidade e coordenação da instituição de ensino".⁵

Dessa forma, o estágio supervisionado deve abranger atividades técnicas no campo da administração pública ou de empresas que têm como objetivo:⁶

- proporcionar ao estudante oportunidades de desenvolver suas habilidades, analisar situações e propor mudanças no ambiente organizacional e societário;
- complementar o processo ensino-aprendizagem pela conscientização das deficiências individuais e incentivar a busca do aprimoramento pessoal e profissional;
- atenuar o impacto da passagem da vida de estudante para a vida profissional, abrindo ao estagiário mais oportunidades de conhecimento da filosofia, das diretrizes, da organização e do funcionamento das organizações e da comunidade;
- facilitar o processo de atualização de conteúdos disciplinares, permitindo adequar disciplinas de caráter profissionalizante às constantes inovações tecnológicas, políticas, sociais e econômicas a que estão sujeitas;
- incentivar o desenvolvimento das potencialidades individuais, propiciando o surgimento de novas gerações de profissionais empreendedores internos e externos, capazes de adotar modelos de gestão, métodos e processos inovadores, bem como de novas tecnologias e metodologias alternativas;
- promover a integração da instituição de ensino superior/ curso com as empresas e a comunidade;
- * atuar corno instrumento de iniciação científica â pesquisa e ao ensino (aprender a ensinar).

3.2 Ciências contábeis

A contabilidade é uma das ciências mais antigas do mundo. Existem diversos registros que indicam que as civilizações antigas já possuíam um esboço de técnicas contábeis. Em 1494, Luca Pacioli publicou o primeiro livro-texto de contabilidade intitulado Sutnma de arithmetica, geométrica, proportioni et proportionalitá, pouco depois da invenção da imprensa. Trata-se de um dos primeiros impressos no mundo e se tornou famoso por mostrar como utilizar a contabilidade de dupla entrada, um método empregado por mercadores de Veneza no controle de suas operações, posteriormente denominado 'método das partidas dobradas' ou 'método de Veneza'.

Nos séculos seguintes ao livro de Pacioli, a contabilidade expandiu sua utilização para instituições como a Igreja e o Estado e foi um importante instrumento no desenvolvimento do capitalismo, conforme opinião de notáveis estudiosos, como o sociólogo Max Weber. No entanto, as técnicas e as informações ficavam restritas ao dono do empreendimento, pois os livros contábeis eram considerados sigilosos. Isso limitou consideravelmente o desenvolvimento da ciência, uma vez que não existia troca de idéias entre os profissionais.

JVlaís recentemente, com o desenvolvimento do mercado acionário e o fortalecimento da sociedade anônima como
forma de sociedade comercial, a contabilidade passou a ser
considerada um Instrumento fundamental para a sociedade.
Na atualidade, o usuário das informações contábeis jã não é
mais somente o proprietário; outros também têm interesse em
conhecer a empresa: os sindicatos, o governo, o fisco, investidores e credores etc.

A ampliação do leque dos usuários potenciais da contabilidade decorre da necessidade de a empresa evidenciar suas realizações para a sociedade como um todo. Antiga mente, a contabilidade tinha por objetivo informar ao dono qual fora o lucro obtido numa empreitada comercial; no capitalismo

moderno, isso não é mais suficiente. Os sindicatos precisam saber qual é a capacidade de pagamento de salários; o governo demanda a agregação de riqueza à economia e a capacidade de pagamento de impostos; os ambientalistas exigem conhecer a contribuição para o meio ambiente: os credores querem calcular o nível de endividamento e a probabilidade de pagamento das dívidas; os gerentes da empresa precisam de informações para ajudar no processo decisório e reduzir as incertezas.

Diante desse quadro, pode-se afirmar que o grande objetivo da contabilidade é planejar e colocar em prática sistemas de informações para os mais diversos tipos de organização, com ou sem fins lucrativos.

Messe contexto, o mercado de trabalho experimenta significativo desenvolvimento, principalmente nas empresas cpie buscam eficiência nos seus sistemas administrativos e de controlador ia. As contratações de serviços junto aos escritórios de contabilidade cresceram nos últimos anos. Isso porque o contador é um profissional fundamental para o controle fiscal e financeiro das pessoas físicas e jurídicas, participando ativamente na execução direta dessas atividades e colaborando preponderantemente com os resultados dos exercícios económico-financeiros. É um profissional liberal que pode atuar igualmente como auditor, perito e consultor contábil.

O ensino moderno de ciências contábeis, ao aliar avançadas ferramentas gerenciais à contabilidade tradicional, contribui de maneira altamente eficiente para tornar as micro, pequenas e médias empresas competitivas em uma economia globalizada. A internacionalização da economia requer a formação de um profissional com postura gerencial, com vastos conhecimentos na área de contabilidade, empreendedor e com visão global do ambiente econômico e financeiro nacional e internacional e de suas influências nas empresas públicas e privadas.

Entre as principais áreas de atuação do profissional de ciências contábeis no presente, podem ser citadas as seguintes:

- m contabilidade de empresas públicas e privadas: responsabilidade pela organização e execução dos serviços de contabilidade em geral, escrituração contábil, levantamento dos balanços e demonstrações financeiras, com a criação de sistemas geradores de informações contábeis, íator decisivo para a tomada de decisão na empresa;
- * prestação de serviços contábeis, sob forma de empresa: escrituração contábil e fiscal, consultoria e assessoria nas áreas econômica, financeira e patrimonial;
- auditoria independente ou interna: realização de auditoria de balanços e contabilidade, auditoria na área operacional, auditoria de gestão, auditoria de sistemas informatizados, auditoria de controle ambiental, entre outras. Por intermédio de empresas de auditoria ou de setores internos da organização, controla a confiabilidade das informações e a legalidade dos atos praticados pelos admin ist ra dores;
- perícia contábil: atividade privativa do contador, que pode atuar junto ao Poder Judiciário ou extrajudicial desenvolvendo perícias nas áreas contábil, fiscal e trabalhista;
- contabilidade de custos: tornou-se muito importante com a redução da taxa de inflação e a abertura econômica aos produtos estrangeiros. Fornece importantes informações na formação de preço e, com a implantação de sistemas de custeio nas empresas, orienta-as à gestão estratégica de custos;
 - consultoria econômico-financeira, como controller: identificação de como são gerados e onde são gastos os recursos da empresa, pois é com base nela que surgem o planejamento e a fixação de metas e objetivos organizacionais;

contabilidade na área pública: controle e gestão das finanças públicas, com a responsabilidade pela escrituração contábil, o orçamento e sua execução; elaboração de balanços e demonstrações para atestar a exatidão e a fidedignidade dos números e informações;

auditoria dos tribunais de contas: auditor fiscal de tributos federais e estaduais, em que o contador tem grandes possibilidades de sucesso, uma vez que desenvolve trabalhos de auditoria contábil e fiscal;

m avaliação de projetos: elaboração e análise de projetos de viabilidade de longo prazo, com a estimativa do fluxo de caixa e o cálculo de sua atratividade para a empresa.

Além das áreas citadas, é importante destacar outras emergentes, nas quais existe forte perspectiva de crescimento profissional e que poderão vir a ser um campo de trabalho amplo para o contador num futuro próximo;

contabilidade atuarial: contabilidade de fundos de pensão e empresas de previdência privada;

contabilidade ambiental: forneci mento de informações sobre o impacto ambiental da empresa no meio ambiente;

contabilidade social: dimensionamento do impacto social da empresa, com sua agregação de riqueza e seus custos sociais, produtividade, distribuição de riqueza etc.

Considerando a amplitude da atuação do profissional de ciências contábeis e a relevância de sua profissão para a sociedade e para as organizações, o curso de bacharel em ciências contábeis visa a formar profissionais generalistas, que atuem nas diversas áreas de acordo com as prerrogativas legais, dentro de padrões técnicos avançados, e que atendam às necessidades contábeis da iniciativa pública e privada do mundo moderno.

É nesse contexto que se inserem as exigências de realização de estágio supervisionado e de trabalho de conclusão de curso, os quais se constituem em atividades de natureza teórico-prática, cujo objetivo é propiciar ao aluno o instrumental analítico e metodológico para planejar e executar pesquisas científicas nas diversas áreas de atuação da contabilidade. Com isso, o aluno, ao aproximar-se da vivência prática de sua profissão e da bibliografia especializada, é induzido à leitura, à atualização e ao aprimoramento do seu senso crítico. Por fim, tais atividades auxiliam no desenvolvimento da capacidade de expor argumentos contábeis de maneira clara e consistente.

Motas

- FOGUEL, Sérgio; SOUZA, Carlos César. Desenvolvimento organizacional.
 ed. São Paulo: Atlas, 1984. p. 22.
- ² BRUTOCO, Rinaldo. A escultura de um novo paradigma nos negócios. In: RAY, JVlichel; RINZLER, Alan (Org.). O novo paradigma nos negócios: estratégias emergentes para liderança e mudança organizacional. São Paulo: Cultrix-Amarta, 1993. p. 13.
- ² Ibidem. p. 15.
- ⁴ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Resolução nº 2 de 4 de outubro de 1 993. Fixa os mínimos de conteúdos e duração do curso de graduação em administração. Diário Oficiai da União. Brasília, 1993.
- s Ibidem.
- * Ver ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de; AMBON1, Nério. Projeto pedagógico para cursos de administração. São Pa ido: Makron Books. 2002. p. 29.



íVletodologia, método e técnicas cde pesquisa

"O mundo esquece tonto que nem sequer dá pela falta do que esqueceu. "

José Saramago

A pesquisa constitui-se num procedimento racional é sistemático, cujo objetivo é proporcionar respostas aos problemas propostos. Ao seu desenvolvimento é necessário o uso cuidadoso de métodos, processos e técnicas.

Nesse contexto, a metodologia pode ser definida como o estudo e a avaliação dos diversos métodos, com o propósito de identificar possibilidades e Limitações no âmbito de sua aplicação no processo de pesquisa científica. A metodologia permite, portanto, a escolha da melhor maneira de abordar determinado problema, integrando os conhecimentos a respeito dos métodos em vigor nas diferentes disciplinas científicas.

O método deriva da metodologia e trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma realidade específica, produzir um dado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos. Ele compreende um processo tanto intelectual como operacional.

Entendido como processo intelectual, o método é a abordagem de um problema mediante a análise prévia e sistemática das vias possíveis de acesso à solução. Como processo operacional, é a maneira lógica de organizar a sequência das diversas atividades para chegara um fim almejado. O processo corresponde às etapas de operações limitadas, ligadas a elementos práticos adaptados a um objetivo definido,-

Pode-se considerar, então, o método como uma estratégia delineada e as técnicas como táticas necessárias para sua operacionalízação. Nesse sentido, devemos salientar que as técnicas devem ser aplicadas em obediência à orientação geral do método, solucionando os problemas para que as etapas necessárias sejam alcançadas.³

4.1 K/létodos e tipos de pesquisa

Tendo em vista uma melhor compreensão dos diferentes métodos e tipos de pesquisa, apresentamos a seguir uma breve classificação, cujo objetivo é oferecer algumas possibilidades de enquadramento. Essa classificação não deve ser tomada de fornia rígida, uma vez que algumas pesquisas, em função de suas características, não se limitam facilmente a um ou outro modelo.

4.1.1 Segundo as bases lógicas da investigação

Os métodos que tradicionalmente fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo.

dialético e fenom enológico, os quais são definidos por Silva e Menezes.⁴

a) Método dedutivo

Proposto pelos racíonalistas Descartes, Spinoza e Leibnitz, pressupõe que só a razão pode levar ao conhecimento verdadeiro- Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, da análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. Em outras palavras, numa Influência dedutiva, se as premissas são verdadeiras, a conclusão é necessariamente verdadeira. Os principais instrumentos de dedução são os teoremas, as definições, os axiomas e os princípios.

b) Método indutivo

JVIétodo proposto pelos empiristas Bacon, Hobbes, Locke e Hume, considera que o conhecimento é fundamentado na experiência, sem levarem conta princípios preestabelecidos. No raciocínio indutivo, a generalização deriva de observações de casos na realidade concreta. As constatações particulares conduzem à elaboração de generalizações. Indução é um termo ambíguo, dado a diversas formas não dedutivas de inferência: analogia substantiva (semelhança de componentes), analogia estrutural (semelhança de forma), indução de primeiro grau (dos exemplos a uma generalização de nível baixo), indução de segundo grau (de generalizações de nível baixo e generalizações de nível mais alto), generalizações estatísticas etc. Nesse caso, a verdade das premissas não basta para garantir a verdade da conclusão: como o conteúdo desta excede o das premissas, só se pode afirmar que, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão será provavelmente verdadeira.

c) Método hipotético-dedutivo

Proposto por Popper, consiste na adoção da seguinte linha de raciocínio: quando os conhecimentos disponí-

veis sobre um determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema- Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjeturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas deduzem-se conseqüências que deverão ser testadas ou Talseadas. Falsear significa 'tornar falsas as conseqüências deduzidas das hipóteses'.

d) Método dialético

Fundamema-se na dialético proposta por Hegel, em que as contradições transcendem, dando origem a novas contradições, que passam a requerer solução. É um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, segundo o qual os fatos não podem ser tomados fora de um contexto social, político, econômico. É empregado em pesquisa qualitativa.

e) Método fenomenológico

Preconizado por Husserl, o método tenomenológico não é dedutivo nem indutivo. Preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade, construída socialmente, é entendida como ti compreendido, o Interpretado, o comunicado* Assim, ela não é única: existem tantas quantas forem suas interpretações e comunicações, e o sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento. É empregado em pesquisa qualitativa.

Leituras sugeridas-

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social, Sao Paulo: Atlas, 1999.

KERLINGER, Fred. N. Metodologia de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: EPU, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1993.

4.1.2 Segundo a abordagem cdo problema

As abordagens qualitativa e quantitativa são duas estratégias diferentes pela sua sistemática e, sobretudo, pela forma de abordagem do problema que constitui o objeto de estudo. É a natureza do problema ou o seu nível de aprofundamento que determinará a escolha do método. A seguir é apresentada uma rápida descrição dessas duas estratégias em termos de sua aplicabilidade na pesquisa.

a) Pesquisa quantitativa

Caracteriza-se pelo uso da quantificação tanto na coleta quanto no tratamento das informações por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc., com o objetivo de garantir resultados e evitar distorções de análise e de interpretação, possibilitando uma margem de segurança maior quanto às inferências.

Entre os tipos de estudos quantitativos estão os estudos de correlação de variáveis, os quais, por meio de técnicas estatísticas de correlação, procuram especificar seu grau de relação e o modo como estão operando, podendo também indicar possíveis fatores causais a serem testados em estudos experimentais; os estudos comparativos causais, em que o pesquisador parte dos efeitos observados para procurar descobrir seus antecedentes; e os estudos experimentais, que proporcionam meios para testar hipóteses, sendo esses meios que determinam a relação causa-efeito entre as variáveis.⁵

Exemplos -

- 1. Custo agrícola nas culturas de soja e milho,
- 2. Estudo de viabilidade económico-financeira da implantação de uma indústria de compotas.

b> Pesquisa qualitativa

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a Interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Patrício et ai. identificam algumas das principais características comuns aos estudos qualitativos, a saber:

os dados são coletados preferenciainiente nos contextos em que os fenômenos são construídos;

a análise dos dados é desenvolvida, de preferência, no decorrer do processo de levantamento deles;

os estudos apresentam-se em forma descritiva, com enfoque na compreensão e na interpretação à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências afins da literatura;

a teoria é construída por meio da análise dos dados empíricos, para posteriormente ser aperfeiçoada com a leitura de outros autores, mas os estudos qualitativos podem partir de categorias preexistentes;

m a interação entre pesquisador e pesquisado é fundamental, razão pela qual se exige do pesquisador aperfeiçoamento em técnicas comimicacionais;

a integração de dados qualitativos com dados quantitativos não é negada, e sim a complementaridade desses dois modelos é estimulada.*

No nível de delineamento, Triviños menciona que, na pesquisa qualitativa, não existe a sequência rígida da pesquisa quantitativa: o pesquisador tem ampla liberdade

teórico-metodológica para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa são lixados pelas condições exigidas a um trabalho científico, mas ela deve apresentar estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetivação capazes de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjelivo de apreciação.⁷

Exemplos

- 1. Desenvolvimento de sistemas contábeis gerenciais: um ênfoque connportamental e de mudança organizacional.
- 2. Estudo sobre a qualidade de vida dos funcionários da empresa X.

■■■BM Leitueas sugeridas –

M1NAYO, iVlaria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paule»: Hucited-Abrasco, 1998.

RICHARDSON, Roberto J. et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

4.1.3 Segundo o objetivo geral

Tendo como base seus objetivos gerais, Gil classifica as pesquisas em exploratórias e descritivas. Segundo esse autor, tal classificação é muito útil para estabelecer o marco teórico, ou seja, para possibilitar uma aproximação conceituai.®

a) Pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a tornálo mais explícito ou a construir hipóteses. Na maioria dos casos, envolve o levantamento bibliográfico, a realização

de entrevistas cora pessoas que possuem experiência prática com o problema pesquisado e a análise de exemplos que 'estimulem a compreensão''*

Exemplos -

- 1. Estudo comparativo da forma tributária do imposto de renda das pessoas jurídicas.
- 2. Análise da capacidade de transferência das estratégias e comunicações do mercado doméstico para os mercados externos.
- b) Pesquisa descritiva

Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados como pesquisa descritiva, e uma de suas características mais significar ivas é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionário e observação sistemática.

Exemplos-

- 1. Auditoria contábil do balanço patrimonial da empresa X.
- 2. Levantamento sobre o clima organizacional.

Leituras sugeridas -

GIL, Antônio Carlos. Corno elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Allas, L 996.

GOODE, William J-; HATT, Paul K. Métodos em pesquisa social. São Paulo: Nacional, 1981,

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de metodologia científica.

2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

4.1.4 Segundo o propósito

Considerando as peculiaridades dos estudos desenvolvidos em nível de estágio supervisionado ou de trabalho de conclusão de curso, realizados no contexto organizacional, Roesclr propõe uma tipologia de pesquisa com vistas a auxiliar na melhor explicitação do propósito a ser atingido, que compreende a pesquisa aplicada, a avaliação de resultados, a avaliação formativa, a proposição de planos e a pesquisa-diagnóstico, a seguir sumariamente caracterizadas.9

a) Pesquisa aplicada

Embora se apresente como uma possibilidade interessante, dificilmente a pesquisa aplicada é utilizada num projeto de prática profissional, que em geral se atém a problemas específicos de organizações. Deve incluir uma preocupação teórica.

I Exemplos -

- Aplicação de técnicas de simulação ao orçamento empresarial.
- 2. Fatores psicológicos dos acidentes de trabalho.

b) Avaliação de resultados

Nesse caso, avaliar significa Jatribuir valor a alguma coisa'. É importante, pois, estabelecer critérios claros de avaliação no projeto e definir de que ponto de vista ela será feita. Avaliar envolve também uma comparação. A comparação pode ser entre uma situação anterior e a posterior à utilização de determinado sistema ou plano. Por outro lado, a comparação pode se dar no momento em que se introduz um sistema novo de trabalho em grupo na fábrica A mas se mantém o sistema tradicional na fábrica lí da mesma empresa. Posterior mente analisase a diferença cm termos da satisfação dos funcionários ou da produtividade.

Em termos operacionais, projetos de prática profissional do tipo avaliação de resultados são raros, dadas as condições necessárias para sua realização. Na verdade, é preciso ter decorrido algum tempo após a implementação de um projeto o resistema para que haja condições de avaliá-lo. Além disso, é necessário obter informações sobre a situação anterior para poder efetuar a comparação.

Exemplos —

- 1. Avaliação da rentabilidade da empresa.
- Variação no volume de vendas de um produto antes e depois de determinada campanha de propaganda.

c) Avaliação formativa

Nesse tipo de projeto, o propósito é melhorar ou aperfeiçoar sistemas ou processos. A avaliação formativa normalmente implica um diagnóstico do sistema atual e sugestões para sua reformulação, por isso requer certa familiaridade com o sistema e, idealmente, a possibilidade de implementar as mudanças sugeridas e observar seus efeitos. É um dos tipos mais escolhidos pelos alunos que trabalham e identificam problemas ou oportunidades de melhoria em sua organização.

,! Exemplos —

- 1. Revisão do sistema de auditoria interna da empresa.
- 2. Reformulação da estrutura de distribuição da einpresa.

d) Proposição de planos

Há vários exemplos de projetos cujo propósito é apresentar propostas de planos ou sistemas para solucionar problemas organizacionais. Alguns visam burocratizar e controlar sistemas; outros buscam maior flexibilidade.

Exemplos -

- 1. Planejamento financeiro da empresa X.
- 2. Elaboração de um plano de marketing para uma empresa comercial.

e) Pesquisa-diagnóstico

Hã multas possibilidades de projetos que visam ao diagnóstico interno ou d« ambiente organizacional, em todas as áreas. Pesquisas que têm como meta diagnosticar uma situação organizacional geral mente não acarretam custos muito altos, mas são dificultadas pela questão da confidencialidade dos dados ou pela desconfiança do empresário, que tem de abrir informações para os estagiários.

A pesquisa-diagnóstico atrai primcipalmenie alunos interessados na área de análise administrativa (administração geral), já que esta apresenta um conjunto de técnicas e instrumentos de análise que permitem não só o diagnóstico, como também a racionalização dos sistemas.

Exemplos

- 1. Diagnóstico económico-financeiro da empresa X.
- 2, Mercados potenciais para a empresa X,

Leituras sugeridas -

ROESCH, Sylvia Maria A. Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1 996.

Dissertação de mestrado em administração: proposta de uma tipologia. Revista de Administração, São Paulo, v. 31, n. I, p. 75-83, jan./mar. 1996.

4.1.5 Segundo o procedimento técnica

Tendo em vista a necessidade de analisar os fatos do ponto de vista empírico, é preciso traçar um modelo conceituai e operativo de pesquisa, relativo ao planejamento do trabalho em sua dimensão mais ampla, que envolve tanto a diagramação quanto a previsão de coleta e a interpretação dos dados.

Tomando como principal elemento de identificação a coleta de dados, podem-se definir dois grandes grupos de pesquisa: aquelas que se valem das chamadas 'fontes de papel' e aquelas cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo, estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, e, no segundo, a pesquisa ex-post-facto fa pesquisa de levantamento, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante. 10

a) Pesquisa bibliográfica

É desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmenie de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. As principais fontes bibliográficas são livros de leitura corrente, livros de referência (dicionários, enciclopédias, anuários, almanaques), publicações periódicas e impressos diversos.

Entre suas vantagens está o fato de que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como a análise dos documentos, em muitos casos, além da capacidade do pesquisador, exige apenas disponibilidade de tempo, o custo da pesquisa bibliográfica torna-se significativamente baixo quando comparado com o de outras pesquisas. Outra vantagem é não exigir contato com os sujeitos da pesquisa. É sabido que, em muitos casos, o contato com os sujeitos é difícil ou até mesmo impossível, ao passo que, em outros, a informação proporcionada pelos sujeitos é prejudicada pelas circunstâncias que envolvem o

contato. Entre suas limitações está a possibilidade de não representatividade e a sLibjeiividade dos documentos.

Exemplos -

- L. Perícia coinãbi! trabalhista: aspectos legais, técnicos e éticos.
- Dificuldades no processo de sucessão de empresas familiares.
- b) Pesquisa documental

Esse tipo de pesquisa assemelha-se à pesquisa bibliográfica. A diferença fundamental entre ambas é a natureza das fomes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objetivo do trabalho.

Exemplos -

- 1. Diagnóstico económico-financeiro da empresa X.
- 2. Custo e Formação do preço de venda do produto da empresa X.
- c) Pesquisa ex-post-facto

Trata-se de um 'experimento' que se realiza depois dos fatos. Na verdade, não consiste rigorosamente de um experimento, posto que o pesquisador não tem controle sobre as variáveis. Todavia, os procedimentos lógicos de delineamento ex-post-facto são semelhantes aos dos experimentos propriamente ditos. Na essência, nesse tipo de pesquisa, são tomadas como experimentais situações que se desenvolveram naturalmente e trabalha-se sobre elas como se estivessem submetidas a controles.

Exemplos -

- 1. Produtividade do setor X após a implantação do programa de manutenção preventiva,
- 2. Desempenho do quadro funcional após a implantação de um programa de treinamento.
- d) Pesquisa de levantamento

As pesquisas desse tipo caracterizam-se pelo questionamento direto das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de indivíduos acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obter-se as conclusões correspondentes aos dados coletados. Quando o levantamento recolhe informações de todos os integrantes do universo pesquisado, tem-se um censo. São extremamente úteis, pois proporcionam informações gerais acerca das populações, indispensáveis em boa parte das investigações sociais.

Dentre as principais vantagens dos levantamentos estão: conhecimento direto da realidade, economia e rapidez e possibilidade de quantificação. "E dentre suas principais limitações estão: ênfase nos aspectos perceptivos, reduzida profundidade no estudo da estrutura e dos processos sociais e limitada apreensão do processo de mudança. Considerando as vantagens e as limitações expostas, os levantamentos são mais adequados para estudos descritivos. São muito úteis para o estudo de opiniões e atitudes, porém pouco indicados no estudo de problemas referentes a relações e estruturas sociais complexas.

! Exemplos

- 1. Perfil dos escritórios de contabilidade da região X.
- 2. Pesquisa mercadológica para telefonia móvel celular.

e) Estudo de caso

Caracteriza-se pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tareia praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados. Atualmente adotado na investigação de fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento, o estudo de caso pode ser visto como técnica psicoterápica, como método didático ou como método de pesquisa. Neste último sentido pode ser definido como um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas diversas relações internas e em suas fixações culturais, quer essa unidade seja uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação.

O estudo de caso apresenta uma série de vantagens, o que faz com que se torne o delineamento mais adequado em várias situações. Suas principais vantagens são: o estímulo a novas descobertas, a ênfase na totalidade e a simplicidade dos procedimentos. Entre as limitações apresentadas pelo estudo de caso, a mais grave refere-se à dificuldade de generalização dos resultados obtidos. Por essa razão cabe lembrar que, embora se processe de forma relativainente simples, ele pode exigir do pesquisador nível de capacitação mais elevado que o requerido para outros tipos de delineamento.

Exemplos

- Influência da política de administração de recursos humanos sobre o nível de satisfação do quadro funcional da empresa X.
- 2. Cultura organizacional e perfil gerencial na empresa X.

í) Pesquisa-ação

É definida como um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

g) Pesquisa participante

Assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre os pesquisadores e os membros das situações investigadas. Envolve, além da distinção entre ciência popular e ciência dominante, posições valorativas, derivadas sobretudo do humanismo cristão e de certas concepções marxistas. Ademais, mostra-se bastante comprometida com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos, e por essa razão tem-se voltado, notadamente, para a investigação junto a grupos desfavorecidos, tais como os constituídos por operários, camponeses, índios etc.

Leituras sugeridas -

FACHIN, Odília. Fundamentos de metodologia. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 200 1.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996.

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa ern administração. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

A fim de facilitar a compreensão, no Quadro 4.1 é apresentado um resumo esquemático dos métodos e tipos de pesquisa.

Quaoro d\. 1

K/létocfos e técnicas de pesquisa

Segundo as bases lógicas da investigação	dedutivo indutivo hipotético-dedutivo dialético fenomenológico
Segundo a abordagem do problema	quantitativa qualitativa
Segundo o objetivo geral (tipo de pesquisa)	exploratória descritiva
Segundo o propósito (tipo de pesquisa)	aplicada avaliação de resultados avaliação formativa proposição de planos diagnóstico
Segundo o procedimento técnico da pesquisa	bibliográ fica documental ex-post-facto levantamento estudo de caso pesquisa-ação pesquisa participante

4.2 População e amostra

Na pesquisa científica, em que se quer conhecer as características de uma determinada população, é comum observar apenas uma amostra de seus elementos e, a partir dos resultados dessa amostra, obter valores aproximados, ou estimativas, para as características de interesse.

Num levantamento por amostragem, a seleção dos elementos que serão efetiva mente observados deve ser feita mediante

o emprego de uma metodologia adequada, de tal forma que os resultados permitam avaliar as características de toda a popu lação.

População pu universo ê um conjunto de elementos passíveis de serem mensurados com respeito às variáveis que se pretende levantar. A população pode ser formada por pessoas, famílias, empresas, pu qualquer outro tipo de elemento, conforme os objetivos da pesquisa. Amostra é uma porção ou parcela da população convenientemente selecionada.

Para fazer um plano de amostragem devem estar bem definidos os objetivos da pesquisa e a população a ser amostrada, bem como os parâmetros a serem estimados para serem atingidos os objetivos da pesquisa. Messe plano devem constar a definição da unidade de amostragem, a forma de seleção dos elementos da população e o tamanho da amostra."

JSfo processo de amostragem existem duas grandes divisões: a amostragem probabilística e amostragem não probabilística.

a) Amostragem probabilística

Sua característica principal é poder ser submetida a tratamento estatístico, o que permite compensar erros amostrais e outros aspectos relevantes para a representatividade e a significância da amostra. Entre os diversos tipos de amostragem probabilística estão:

a amostragem aleatória simples, em que a escolha dos participantes da amostra é feita ao acaso (ou seja, é aleatória), podendo ser utilizadas diferentes formas de sorteio dos participantes quando cada membro da população tem a mesma probabilidade de ser escolhido;

a amostragem estrațificada, em que o pesquisador enquadra os elementos da população em diferentes estratos, segundo as necessidades do seu estudo, para depois selecionar os participantes da amostra por meio da escolha aleatória dos elementos dentro de cada estrato.

b) Amostragem não probabilística

Nesse tipo de amostragem não são utilizadas as formas aleatórias de seleção, podendo esta ser feita de forma intencional, com o pesquisador se dirigindo a determinados elementos considerados típicos da população que deseja estudar. Seu uso pode ser uma boa alternativa, entretanto apresenta maior limitação no que diz respeito à generalização dos resultados para todo o universo estudado.³²

BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às ciências sociais, Florianópolis: Editora da UFSC, 1994, JV1ARCONI, Marina de A.; I.AKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

4.3 Técnicas de coleta de dados

Existem diversos instrumentos de coleta de dados que podem ser empregados a fim de se obter informações. As técnicas de coleta de dados devem ser escolhidas e aplicadas pelo pesquisador conforme o contexto da pesquisa, porém deve-se ter em mente que todas elas possuem qualidades e limitações, uma vez que são meios cuja eficácia depende de sua adequada utilização.

As informações podem ser obtidas por meio de pessoas, consideradas fontes primárias, jã que os dados são colhidos e registrados pelo próprio pesquisador em primeira mão. As principais técnicas de coleta desse t ipo de dados são a entrevista, o questionário, o formulário e a observação. Também é possível trabalhar com dados existentes na forma de arquivos, bancos

de dados, índices ou relatórios e fontes bibliográficas. Estes não são criados pelo pesquisador e, normalmento, são denominados de dados secundários.

4.3.1 Entrevista

A entrevista é um encontro entre duas pessoas cujo objetivo é que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Traia-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, que proporciona ao entrevistador, verbal mente, a informação necessária. **

1É possível direcionar-se para a averiguação de fatos, a determinação de opiniões sobre fatos, a identificação de sentimentos, a descoberta de planos de ação, conduta atual ou do passado e os motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas.

Existem diferentes tipos de entrevistas, que variam de acordo com o propósito do entrevistador. Elas são apresentadas a seguir:

a) Padronizada ou estruturada

O entrevistador segue um roteiro preyiamente estabelecido. Ou seja, as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Esse tipo de entrevista se realiza a partir de um formulário elaborado e é efetuado com pessoas selecionadas de acordo com um plano. O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, alterar a ordem dos tópicos ou fazer outras perguntas.

b) Despadronizada ou não estruturada

O entrevistador tem liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção que considere adequada. É

uma forma de explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas em uma conversação informal.

c) Painel

Consiste na repetição de perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a firn de estudar a mudança das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa para que o entrevistado não distorça as respostas com as repetições.

Como técnica de coleta de dados, a entrevista oferece várias vantagens e limitações. Entre as vantagens estão: o falo de poder ser utilizada com todos os segmentos da população, ou seja, o entrevistado não precisa saber ler ou escrever; há maior flexibilidade, porque o entrevistador pode repetir ou esclarecer perguntas, formulá-las de maneira diferente e especificar algum significado, corno garantia de estar sendo compreendido. Além disso, oferece maior oportunidade para avaliar atitudes e condutas, visto que o entrevistado pode ser observado quanto ao que diz e ao modo como o faz; dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que são relevantes e significativos; as informações costumam ser mais precisas e as discordâncias podem ser comprovadas de imediato; permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico.

Suas limitações ou desvantagens podem ser superadas ou minimizadas se o pesquisador for uma pessoa com experiência e bom senso. Entre elas estão: a dificuldade de expressão e comunicação de ambas as partes; a incompreensão, por parte do informante, do significado das perguntas, o que pode levar a uma falsa interpretação; a possibilidade de o entrevistado ser influenciado, consciente ou inconscientemente, pelo questíonador, pelo seu aspecto físico, suas atitudes, idéias, opiniões; a disposição do entrevistado em dar as informações necessárias;

a retenção de dados importantes, em face do receio de ter a identidade reveiada; pequeno grau de controle sobre uma situação de coleta de dados; a demanda de muito tempo; e a dificuldade de realização.

43.2 Questionário

O questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Hm geral, o pesquisador o envia ao informante pelo correio ou por intermédio de um portador. Depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.¹⁴

Com o questionário deve ser enviada uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e o porquê da necessidade de obter respostas. Essa é uma maneira de tentar despertar ò interesse do recebedor, estimulando-o a preencher e devolver O questionário em um prazo razoável. Em média, os questionários expedidos pelo pesquisador alcançam 25 por cento de devolução.

A elaboração de um questionário requer a observância de algumas normas que, seguidas, aumentam sua eficácia e sua validade. Em sua organização, devem ser levados em conta os tipos, a ordem e os grupos de perguntas, além de sua formulação.

O pesquisador deve conhecer bem o assunto para poder dividi-lo em uma lista de IO a 12 temas e, de cada um deles, extrair duas ou três perguntas. Os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos geral e específico da pesquisa.

O questionário deve ser limitado em extensão e em finalidade. Se for muito longo, causará fadiga e desinteresse; se for curto demais, poderá não oferecer informações suficientes. Deve conter de 20 a 30 perguntas e levar cerca de 30 minutos para ser respondido. Á claro que esses números não são fixos; eles variam de acordo com o tipo de pesquisa e dos informantes. O aspecto material e a estética também devem ser observados. Deve-se atentar para instruções definidas e notas explicativas, a fim de que o informante tome ciência do que se deseja dele, assim como para o tamanho, a facilidade de manipulação, a existência de espaço suficiente para as respostas e a disposição dos itens, de forma que se facilite a computação dos dados.

Depois de redigido, o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva. Em geral, aplicam-se alguns exempl ares em uma pequena população escolhida. A análise dos dados, após a tabulação, evidenciará a existência de possíveis falhas, como inconsistência ou complexidade das questões; ambigüidade ou linguagem inacessível, e perguntas supérfluas ou embaraçosas para o informante. Mostrará também se as questões obedecem a uma ordem, se são muito numerosas etc. Verificadas as falhas, deve-se reformular o questionário, conservando, modificando, ampliando ou eliminando itens*

O pré-teste pode ser aplicado mais de uma vez com vistas a promover seu aprimoramento e o aumento de sua validez. Deve ser aplicado em populações com características semelhantes, mas nunca naquela que será alvo do estudo.

Quanto à forma, as perguntas, em geral, são classificadas em três categorias, a saber:

perguntas abertas: permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões;

- m perguntas fechadas ou dicotômicas: o informante escolhe sua resposta entre duas opções: sim on não;
 - perguntas de múltipla escolha: são perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto.

Como ioda técnica de cole ia de dados, o questionário também apresenta vantagens e desvantagens. Entre as vantagens estão: a economia cie tempo e de viagens; a obtenção de grande número de dados; o alcance de maior número de pessoas simultaneamente; a abrangência de uma área geográfica mais ampla; a economia de pessoal, tanto em treinamento quanto em trabalho de campo; a obtenção de respostas mais rápidas e mais precisas; maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas; menos risco de distorção, por não haver influência da parte do pesquisador; mais tempo para responder e em hora mais favorável; maior uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento; e a obtenção de respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Entre as desvantagens, destacam-se: a pequena percentagem dos Questionários que voltam; o grande número de perguntas sem respostas; o fato de não poder ser aplicado a pessoas analfabetas; a impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas; o fato de a dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, levar a uma uniformidade aparente; o fato de a leitura de todas as perguntas, antes de serem respondidas, poder fazer com que uma Questão influencie a outra; a devolução tardia, que prejudica o calendário ou sua utilização; o desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos, o que torna difícil o controle e a verificação; o fato de nem sempre ser o escolhido quem responde ao questionário, o que invalida, portanto, as questões; e a exigência de um universo mais homogêneo.

4.3.3 Formulário

O formulário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, e sen sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado. Definido como uma lista formal, catálogo ou inventário destinado à coleta de dados resultantes quer da observação, quer de interrogatório, seu preenchimento é feito pelo próprio investigador, à medida

que faz as observações ou recebe as respostas, ou pelo pesquisado, sob sua orientação. 15

Assim, 0 que caracteriza o formulário é o contato lace a face entre pesquisador e informante, além do fato de o roteiro de perguntas ser preenchido pelo entrevistador, no momento da entrevista.

Entre as vantagens do formulário, podem ser citadas: sua utilização em quase todo o segmento da população; a oportunidade de estabelecer rapport, devido ao contato pessoal; a presença do pesquisador, que pode explicar os objetivos da pesquisa, orientar o preenchimento do formulário e elucidar o significado de perguntas que não estejam muito claras; flexibilidade para adaptar-se às necessidades de cada situação, com a possibilidade de o entrevistador reformular itens ou ajustar o formulário à compreensão de cada informante; a obtenção de dados mais complexos e úteis; facilidade na aquisição de número representativo de informantes em um grupo; e a uniformidade dos símbolos utilizados, pois é preenchido pelo próprio pesquisador.

Quanto às desvantagens, estão: a menor liberdade nas respostas, em virtude da presença do entrevistador; o risco de distorções, pela influência do aplicadór; menor prazo para responder às perguntas (e, não havendo tempo para pensar, as perguntas podem ser invalidadas); mais demora, por ser aplicado a uma pessoa de cada vez; insegurança das respostas, por falta do anonimato; pessoas possuidoras de informações necessárias podem estarem localidades muito distantes, o que torna a resposta difícil, demorada e dispendiosa.

4A Observação

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar latos ou fenômenos que se deseja estudar. A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Eia desempenha um importante papel nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. Torna-se científica à medida que é planejada sistematicamente; é registrada metodicamente e está relacionada a proposições mais gerais; e está sujeita a verificações e controles sobre sua validade e segurança.

Na investigação científica, são empregadas várias modalidades de observação, que variam:

- segundo os meios utilizados: observação não estruturada (assistemática) e observação estruturada (sistemática);
- segundo a participação do observador', observação não participante e observação participante;
- m segundo o número de observações-, observação individual e observação em equipe;
- m segundo o lugar onde se realiza: observação efetuada na vida real (trabalho de campo) e observação efetuada em laboratório.

A observação tem como vantagens: possibilitar meios diretos e satisfatórios para estudar uma ampla variedade de fenômenos; exigir menos do observador do que as outras técnicas; permitir a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comporta menta is típicas; depender menos da introspecção o i da reflexão; e permitir a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou de questionários.

Quanto às limitações, destacam-se: o observado tende a criar impressões favoráveis ou desfavoráveis no observador; a ocorrência espontânea não pode ser prevista, o que, muitas vezes, impede o observador de presenciar o falo; fatores imprevistos podem interferir na tareia do pesquisador; a duração

dos acontecimentos é variável — pode ser rápida ou demorada e os latos podem ocorrer simultaneamente (nesses casos, ílca difícil a coleta dos dados); e vários aspectos da vida cotidiana, particular, podem não ser acessíveis ao pesquisador.

..! Leituras sugeridas –

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Ataria. Técnicas de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

RICHARDSON, Roberto J. et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

SEELTIZ, Claire et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU, 1987. v. 2.

4.5 Pesquisa na Internet.

Definido o tema do est tido, é necessário aprofundar o conhecimento acerca dele, estabelecendo o referencial teórico que será utilizado como base para o desenvolvimento da pesquisa. Para tanto, é necessário buscar os materiais já elaborados relacionados ao assunto —principalmente livros, artigos científicos, monografias, teses e documentos em meio eletrônico.

A primeira etapa desse processo consiste na exploração de fontes de pesquisa, a fim de serem identificadas aquelas que estão disponíveis, seguida da seleção do material. A escoJJia deve considerar a delimitação do tema, isto é, o material selecionado deve ser pertinente aos aspectos que serão contemplados no estudo e suficiente. Em geral, deve-se dar preferência a textos acadêmicos, autores e teorias que são referencial na área pesquisada.

A etapa seguinte consiste de uma leitura preliminar que deverá ter um caráter seletivo, a fim de identificar o essencial para o desenvolvimento do plano de pesquisa.

O procedimento mais adequado para conhecer o universo de publicações acerca de um assunto é consultar:

m os especialistas na área;

as bibliotecas especializadas;

* a Internet;

as indicações de bibliografia de livros, artigos científicos, monografias e teses.

Como as demais etapas da pesquisa, a fase de identificação e seleção das fontes de consulta deve ser planejada e sistematizada para evitar a dispersão e a perda de tempo. A Internet pode propiciar ao pesquisador a recuperação de grande diversidade de materiais úteis, muitas vezes não encontrados em bibliotecas. O tema, entretanto, já deve ter sido delimitado, e é preciso dispor de tempo para navegar. A Figura 4. I ilustra essa etapa do processo de pesquisa.

Figura 4.1 idervcifíaação e seleção de fontes de pesquisa Especialistas Busca Bibliotecas às fontes internet Livros Identificação dos Artigos materiais Trabalhos acadêmicos Doeu mentel! eletrônico? Seleção dos textos Leitura

A Internet possibilita a realização de pesquisas em uma rede de computadores interligados no mundo inteiro, por meio da qual o pesquisador pode ter acesso a uma grande quantidade de informações, que poderão servir como referência ao estudo. Entretanto, devido à diversidade de material disponível na rede, além dos conhecimentos de informática, é necessário ao pesquisador adotar alguns cuidados nessa busca, a fim de localizar informações confiáveis e pertinentes ao seu trabalho, evitando desgaste e perda de tempo.

Assim, são apresentadas algumas diretrizes, que têm como objetivo fornecer orientações gerais para a pesquisa a esse acervo de dados, visando à obtenção de melhores resultados.

A primeira delas é buscar os endereços relativos ao assunto pesquisado por intermédio das referências encontradas em publicações da área e nas bibliotecas e da indicação de especialistas no tema. No entanto, se o pesquisador não dispuser desses endereços, será necessário localizá-los utilizando as ferramentas de busca oferecidas na própria Internet. Isso pode ser feito por meio dos programas vinculados à rede, os sites Web de busca.

Os dispositivos de busca permitem refinar a pesquisa para direcioná-la de forma mais precisa, evitando a obtenção de resultados muito amplos ou muito restritos. Para isso, recomenda-se a utilização de palavras-chave ou frase que descrevam a informação procurada por meio de operadores booleanos ou quase-booleanos. Os operadores booleanos mais utilizados nos sites de busca estão relacionados na Quadro 4.2.17

Como resultado dessas buscas, o pesquisador poderá localizar catálogos on-line, além de textos situados em páginas de diversas instituições, páginas pessoais etc. Nem todo material obtido é, no entanto, confiável: é preciso fazer uma rigorosa seleção. Recomenda-se, portanto, uma rigorosa avaliação das fontes das informações obtidas, devendo-se dedicar especial atenção ao responsável pela informação, credenciais do autor, data da publicação e indicação das fontes nas quais a informação se baseia.

Quadro -d.2

Operadores boolesnos usadas na internet

Operadores	Significado
AMD	Indica que todos os elementos identificados devem estar presentes nos resultados da busca.
OR	Indica que um ou outro elemento identificado deve estar presente nos resultados da busca.
NOT	Exclui determinados elementos dos resultados da busca.
Parênteses ()	Utilizados para agrupar elementos.
Sirings	Partes de palavras para gerar resultados que incluam palavras ou frases que contenham aquele string.
Sinal de adição (-+-)	Indica palavra ou frase que deve aparecer no resultado da busca.
Sinal de subtração (—)	Indica palavra ou frase que não deve aparecer no resultado da busca.
Aspas <" ")	São usadas, em geral, para indicar uma frase.

Para isso, pode ser útil conhecer algumas abreviaturas de endereços na internet, que indicam a natureza do responsável pela página (veja o Quadro 4. 3).¹⁸

Quadpd 4.3

Abreviaturas usadas na internet

Abreviaturas	Significado
,edu	Universidade ou instituição educacional.
.com	Usuário comercial.
gov	Usuário governamental.
.mil	Usuário militar.
.org	Organização, em geral, não governamental.
.net	Uma rede (netivork).

De particular interesse são os endereços de bibliotecas de universidades que, além de disponibilizar seus catálogos e alguns acervos documentais on-line, geralmente fornecem orientações para a pesquisa na Internet e, ainda, remetem a endereços relacionados a assuntos nas mais diversas áreas do conhecimento. O que se observa hoje é a existência de uma complementaridade entre as pesquisas na Internet e as realizadas nas bibliotecas.

Fontes igualmente interessantes são as páginas de editoras, de jornais e de revistas, de instituições de pesquisa, entidades culturais e entidades de classe, que oferecem acesso a documentos e a fontes bibliográficas, bem como a indicações de páginas relacionadas ao tema.

A fim de auxiliar o leitor, são indicados no Quadro 4.4 alguns endereços úteis para pesquisa na Internet. Além disso, no Quadro 4.5 é apresentada, passo a passo, urna pesquisa na Web.

t Quadro *=5.4

Endereços úteis pera pesquisa na Internet

CCN — Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas Possibilita b acesso a publicações periódicas científicas e técnicas e reúne informações de centenas de catálogos produzidos pelas principais bibliotecas do país. http://www.ct. ibict.br: 82 /ccn/owa / ccn consu l ta

scilí ASE

Acesso gratuito à base de dados» com mais de 20 mil lindos de periódicos indexados e 12 milhões de artigos c ao Serviço de alerta PuBAlerI.

http://www.tbescientificworld.com/

Site — Sistema de Informações sobre Teses

Sen conteúdo é composto de teses e dissertações, em rodas as áreas, produzidas por brasileiros no país e no exterior, http://www.tct.ibict.br: 81 /site/owa/si consulta

Biblioteca Latino-Americana

http://www.memorial.org.br/paginas/framebiblioteca.html

Biblioteca Ana Maria Poppovic (Fundação Carlos Chagas) http://www.fcc.org.br/

Biblioteca Virtual de Educação a Distância http://www.prossiga.br/cdistancia/

Biblioteca Nacional de Portugal http://wwwv.bn.pt/

Library of Congress (WWW/Z39.5D Gateway), Estados Unidos http://catalog.loc.gov

British Library, OPAC 97 http://blpc.bl.uk

Bibliothéque Nationale du Québec, BestOPAC PortFolío http://www.biblinat.gou v.qc.ca:óó 11/

Bibliothéque Nationale de France http://www.bní.fr

Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) http://www.bn.br

Biblioteca Nacional de Espana http://www.bne.es

Biblioteca Nacional de la República Argentina htrp://cerva mesvirtuaJ.com/portal/BINrA/

Biblioteca Central Irmão José Otão (PUC/RS)

http://ultra.pticrs.br/biblimeca

Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

http://www.bibvirt.futu ro.usp.br

Sistema de Bibliotecas da Unicampi

ht t p://www.ti n ica mp.br/bc/

Sistema Integrado de Bibliotecas da USP (SIBi/USP)

http://www.usp.br/sibi

Biblioteca Universitária (UFSC)

http://www.bu.ufsc.br

Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro http://fenix.ufrj.br:45 05/ ALEPH

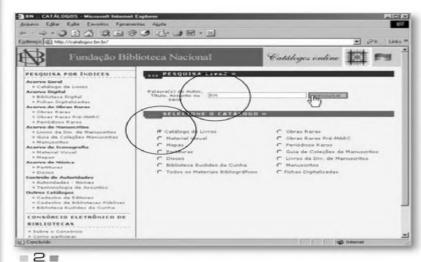
Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais http://www.bu.tifmq.br/vtls/port uquese

Quadpd 4.5

Passo s passo de uma pesquisa na Internet

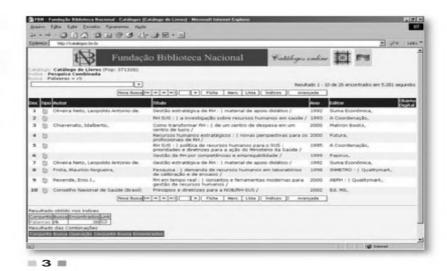


Para realizar pesquisas na internet, o pesquisador deve escolher um site abrangente e respeitado (veja o Quadro 4.4). No nosso exemplo, tomamos o site da Biblioteca Nacional, um dos mais completos e fáceis de utilizar. Depois de entrar no site, deve-se clicar em "Pesquisa no acervo", a fim de vasculhar o acervo da biblioteca.



Ma tela a seguir, ê necessário colocar um assunto de interesse no locai indicado (veia que também se pode colocar o nome de um autor ou o título de uma obra). Além disso, é importante deixar claro o que se quer pesquisar, ciscando em uma das 14 opções de "Seíecrone o caiáiogo".

Ma tela que finaliza a pesquisa, são relacionados todos os títulos da Biblioteca Nacionaf referentes ao assunto indicado, assim como o autor o ano e a editora das obras.



Adicionar 3 Favoritos



Quando o site é uma boa ferramenta de pesquisa, o melhor a fazer è usar a opção "Adicionar a Favoritos". Para isso, basta abrir o site em questão (no nosso exemplo, o site da Biblioteca Nacional) e, em seguida, clicar em Favoritos" e em "Adicionar favoritos".

Ao seguir o passo anterior, bastante simples, o site estará 'adicionado a Favoritos'. Isso significa que. quando entrar na Internet e clicar em "Favoritos". 0 site estará iá, baslando apenas clicar em seu nome para acessá-lo.



Leituras sugeridas —

NETO, João Augusto Mattar. Metodologia científica na era da informática. São Paulo: Saraiva, 2 002,

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. Tratado de metodologia científicaprojetos tie pesquisas, TGL TCC, monografias, dissertações e leses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

4.6 Análise e interpretação dos dados

Na pesquisa de ca rã ler tanto quantitativo quanto qualitativo, existe a necessidade de organizar os dados coletados para que eles possam ser interpretados pelo pesquisador. Existem instrumentos específicos de análise dos dados, os quais se ajustam aos diferentes tipos de pesquisa e de material colhido.

Na pesquisa de caráter qualitativo, o pesquisador, ao encerrar sua coleta de dados, depara-se com uma quantidade imensa de notas de pesquisa ou de depoimentos, materializados na forma de textos. Há muitos anos os pesquisadores tentam descobrir maneiras de analisar textos levantados tanto por intermédio da transcrição de depoimentos gravados quanto pela análise dos documentos existentes (os chamados dados secundários) ou mesmo por técnicas projetivas. Entretanto, é interessante observar que a maioria dessas tentativas procura seguir os padrões da análise quantitativa, ou seja, tem o propósito de contar a frequência dos fenômenos e procurar identificar relações entre eles, com a interpretação dos dados se valendo de modelos conceituais definidos a priori. Costuma-se denominar o conjunto dessas técnicas de 'análise de conteúdo'.

Outra tendência mais recente, surgida nas últimas décadas, procura ir um passo adiante na análise, buscando construir teorias a partir do significado e das explicações que os entrevistados atribuem aos eventos pesquisados.

Na pesquisa de caráter quantitativo, normalmente os dados coletados são submetidos à análise estatística com a ajuda de computadores (se o número de casos pesquisados ou o número de itens é pequeno, utiliza-se uma planilha para a codificação manual dos dados). Geralmente, as medidas para cada entrevistado são codificadas e, em seguida, manipuladas de várias maneiras.

O processo de análise de dados normalmente percorre os seguintes estágios: análise univariada, análise bivariada e análise multivariada, que são estudos a respeito de certos subgrupos.

A análise univariada consiste na análise de freqüências de cada questão pesquisada. É importante porque permite, por exemplo, numa pesquisa de mercado, comparar as características da amostra com as da população e constatar a representalívidade da amostra levantada; também possibilita verificar se fòi levantado um número suficiente de casos para cada subgrupo dos entrevistados (por classe, idade, utilização de determinado produto etc.) para que possam ser efetuadas comparações entre os grupos,

A análise bivariada inclui tabulações cruzadas e a possibilidade de calcular diferentes medidas de associação entre as variáveis. Nesse estágio, é importante voltar ao delineamento da pesquisa e ter definida, de forma clara, a variável dependente (ou seja, o que se deseja explicar no estudo, como, por exemplo, a satisfação dos funcionários de uma empresa) e as variáveis independentes (que explicam a dependente, como o nt'vel hierárquico, o tempo de serviço do funcionário etc.).

Quando o estudo requer análise multivariada, utilizamse medidas que buscam explorar o padrão de relações entre as variáveis do estudo. O plano de análise multivariada normalmeme é realizado antes da coleta dos dados. As medidas estatísticas permitem determinar as variáveis que contribuem mais ou menos para explicar certo comportamento. Esse tipo de análise implica, em muitos casos, a agregação de variáveis (como no caso da construção de um índice composto de produtividade de uma empresa).

Em resumo, na análise quantitativa, podem-se calcular médias, computar percentagens, examinar os dados para verificar se possuem significância estatística; ainda é possível calcular correlações ou tentar várias formas de análise multivariada, como a regressão múltipla ou a análise iatorial. Essas análises permitem extrair sentido dos dados, ou seja, testar hipóteses, comparar resultados para vários subgrupos e assim por diante.

Por outro lado, se forem de natureza nominal ou categórica, os dados coletados não poderão ser somados ou multiplicados. Exemplos são o setor econômico (indústria, comércio, serviços), o ramo de negócios da empresa (metalúrgica, têxtil, caiçadista etc.), sua natureza jurídica (estatal ou privada) ou Sua nacionalidade (brasileira, estrangeira). Tudo o que se pode fazer com esse tipo de dado é verificar a freqüêncía e calcular a percentagem de cada categoria ou subgrupo em relação ao total.

Após a elaboração de distribuições de frequência, é possível realizar uma análise estatística utilizando métodos não paramétricos. O mais conhecido deles é o qui-quadrado, que permite verificar a associação entre variáveis ao comparar as observações com o que se esperaria encontrar por acaso, ou com as hipóteses da pesquisa. Outras análises podem ser desenvolvidas, inclusive a multivariada.

Entre as medidas nominais e intervalares encontram-se as medidas ordinais. Tratam-se de dados que não possuem unidades de medida, mas são ordenados num continuam, como, por exemplo, quando é solicitado numa pesquisa que os consumidores assinalem a ordem de preferência por marcas de determinado produto. Para esse tipo de dado, algumas medidas estatísticas também foram desenvolvidas, como a correlação de ordem e testes de hipóteses para dados ordenados.

Tendo em vista que as medidas desenvolvidas para as escalas intervalares são muito mais numerosas do que para as medidas de natureza nominal ou ordinal, é frequênte observar que os pesquisadores utilizam artifícios para adaptar seus dados a medidas intervalares. Um exemplo marcante nas ciências sociais é a escala de Likert, que atribui pontos às diferentes categorias de resposta, criando, assim, uma escala artificial de pontos que variam de 1 a 5, em que, por exemplo, 1 é 'discorda muito' e 5 é 'concorda muito'. O propósito de transformar uma escala ordinal em uma escala linear é a possibilidade de empregar estatísticas paramétricas para efetuar uma análise mais sofisticada dos dados.

Em linhas gerais, tanto na pesquisa de caráter quantitativo quanto na de caráter qualitativo, o processo de organização tios dados pode ser resumido em etapas (veja a Figura 4.2). São elas:

- a) Seleção: consiste na verificação detalhada dos dados coletados a fim de detectar falhas ou erros, evitando informações confusas, distorcidas e incompletas.
- b) Classificação: consiste na ordenação dos dados, de acordo com determinado critério, os quais orientam sua divisão em classes ou categorias. Os dados quantitativos são focalizados em termos de grandeza ou quantidade do fator presente em uma situação, possuindo valores numéricos (peso, tamanho, custo). Os dados qualitativos tomam por base a presença ou a ausência de alguma qualidade ou característica (sexo, profissão, estado civil).
- c) Codificação: no caso do uso do método quantitativo, consiste na atribuição de símbolos (letras ou números), a fim de transformar os dados em elementos quantificáveis para posterior tratamento estatístico; já no uso do método qualitativo, atribui-se um nome conceituai às categorias, o qual deve relacionar-se ao que os dados representam no contexto da pesquisa.
- d) Representação: apresentação dos dados de forma que se facilite o processo de inter-relação entre eles e sua



relação com a hipótese ou a pergunta da pesquisa. No caso dê estudos quantitativos, os dados obtidos com a categorização são apresentados em tabelas e gráficos, os quais demonstram os resultados dos diferentes tratamentos estatísticos utilizados. Nos estudos qualitativos, eles podem ser apresentados em forma de texto, itens e quadros comparativos, entre outros, considerando as categorias de análise adotadas. Também é possível tratar os dados quantitativa e qualitativamente ao mesmo tempo, utilizando-se primeiramente a estatística descritiva para apoiar uma interpretação ou desencadeá-la.

Uma vez sistematizados os dados e submetidos às diferentes formas de tratamento, sejam elas quantitativas ou qualitativas, cabe ao pesquisador proceder à sua interpretação, buscando expressar o significado do material investigado e analisado em relação aos objetivos estabelecidos na pesquisa, para então elaborar as recomendações e as generalizações permitidas.

A análise compreende, além da verificação das relações entre variáveis, as explicações e especificações dessas relações.

A interpretação procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos, Ela pressupõe a exposição do verdadeiro significado do material apresentado em relação aos objetivos propostos e ao tema. Envolve a construção de tipos, modelos e esquemas, efeluando-se sua ligação com a teoria. J'J

Leitoras sugeridas -

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MIN AYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: ueoria, método e criatividade. 16. ed. Petrópulis: Vozes, 2000.

O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abra \$0,1998.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de metodologia científica. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

SELLTIZ, Claire et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais.

São Paulo: EPU, 1987. v. 3.

Notas

- OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 57.
- ² RARROS, Aidil de Jesus de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Fundamentos de metodologia científica: um guia para iniciação científica. 2. ed- São Paulo: Makron Books, 2000. p. 3.
- yldem, p. 4.
- ¹ SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Esteta Muszkat. Metodologia de pesquisa e elaboração da dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância, 2000. Disponível em; <luxp://www.led.ufsc.br>. Acesso em: IO nov. 2000. p. 27.
- RICHARDS ON, Roberto J. etal. Poíjííísíj joctaí. métodos e técnicas. São Paulo: Atlas. 1985. p. 29.
- ° PATRÍCIO, Zuleica Maria el al. Aplicação dos métodos qualitativos na produção de conhecimento: uma realidade particular e desafios coletivos para compreensão tio ser humano nas organizações. In: EN-

CONTRO NACIONAL DE PESQUISA EJVÍ ADMINISTRAÇÃO, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000. p. 4.

- 7 TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociaist a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992. p. 27.
- S GLL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996. p. 44-48.
- V ROESCH, S y 1 via i\i a ria A. Projetos de estágio do ct t rso de adm inistraçãogui a para pesquisas, projetos, estágios e trabalho cie conclusão decurso. São Paulo: Atlas, 1996. p. 65.
- lu GIL, Amónio Carlos, op. cit., p. 50-59.
- BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às ciências sociais. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. p. 40.
- 13 Findem, p. 58.
- MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva ÍViaria. Técnicas de pesquisa.
 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996. p, 84-87.
- "* Idem, p. 88.
- 15 Idem, p. **ÍOO**.
- 16 Idem, p. 79.
- NETO, João Augusto IViattar. Metodologia científica na era da informática. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 15 8.
- 18 Idem, p. 157.
- 19 MARCONI, Ma tin a de Andrade; LAKATOS, Eva Niaria. op. cit., p. 32.

Projeto de pesquisa

5.1 A importância do projeto de pesquisa

"Mas, o trabalho e a paixão fazem com que sur ja a intuição, especialmente quando ambos atuam ao mesmo tempo. Apesar disso, a intuição não se manifesta quando nós queremos, mas quando ela quer. Certo é que as melhores idéias nos ocorrem (...) quando nos encontramos sentados em uma poltrona e fumando um charuto ou (...) quando passeamos por uma estrada que apresente ligeiro aclive ou quando ocorram circunstâncias semelhantes. Seja como for, as idéias nos acodem quando não as esperamos e não estamos sentados a nossa mesa de trabalho, fatigando o cérebro a procurá-las. É verdade, entretanto, que elas não nos ocorreriam se, anteriormente, não houvéssemos refletido longamente em nossa mesa de estudos e não houvéssemos, com devoção apaixonada, buscado uma resposta. "

Max Weber

Como toda atividade racional c sistemática, a pesquisa exige que as ações desenvolvidas ao longo de seu processo sejam efetivamente planejadas. De modo geral, concebe-se o planejamento como a primeira fase da pesquisa, que envolve a formulação do problema, a especificação de seus objetivos, a construção de hipóteses, a operacionalização dos conceitos etc. Em virtude das implicações extracientíficas da pesquisa, o planejamento deve envolver também os aspectos referentes ao tempo a ser despendido, bem como aos recursos humanos, materiais e financeiros necessários para a sua efetivação.¹

O planejamento da pesquisa concretiza-se mediante a elaboração de um projeto* que é o documento explicitador das ações a serem desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa. O projeto deve, portanto, especificar os objetivos da pesquisa, apresentar a justificativa de sua realização, definir a modalidade de pesquisa e determinar os procedimentos de coleta e análise de dados.²

Elaboramos um projeto de pesquisa para mapear o caminho a ser seguido durante a investigação. Buscamos, assim, evitar muitos imprevistos no decorrer da pesquisa que poderiam até mesmo inviabilizar sua realização. O projeto de pesquisa deve, então, fundamentalmente, responder às seguintes perguntas:³

 O que pesquisar? (definição do problema, hipóteses, base teórica e conceituai)

Por que pesquisar? (justificativa da escolha do problema)

Para que pesquisar? (propósitos do estudo, objetivos)

Como pesquisar? (metodologia)

Quando pesquisar? (cronograma de execução)

Com que recursos pesquisar? (orçamento)

m Quem realizará a pesquisa? (equipe de trabalho, pesquisadores, coordenadores, orientadores)

Portanto, o projeto de pesquisa deve evidenciar os vários elementos que vão compor a investigação.

<u>5.2</u> Escolha do tema e definição do problema ou objeto

O início de uma atividade de pesquisa supõe a existência de uma área de interesse por parte do pesquisador, a qual corresponde a um campo de práticas em que as questões que despertam a sua curiosidade teórica se concentram, como qualidade de vida do trabalhador, planejamento estratégico, análise econômica e financeira, controladoria etc. No interior dessa área de interesse, que apresenta diversas possibilidades de estudos, situam-se a delimitação do tema e a definição do objeto ou problema de pesquisa.

Conforme assinalam Bianchi et al.,4 o tema deve ser delimitado a fim de que a realização do trabalho se torne possível. Delimitar significa selecionar os aspectos essenciais a serem abordados. Responde, juntameitte com o problema, à pergunta: 'o quê?'. É uma das etapas mais difíceis, porque exige conhecimento, maturidade e tomada de decisão.

Em sua escolha, devem ser considerados alguns pontos, como conhecimento sobre o assunto, a relevância dele para o estudante, a empresa e a sociedade, a disponibilidade de material, a adequação ao tempo do estágio e o custo.

Tal delimitação exige que o aluno faça uma exploração das condições e da bibliografia, que fornecerá subsídios para a avaliação da sua viabilidade e para a verificação, inclusive, do acesso a fontes confiáveis.

Segundo Marconi e Lakatos,⁵ delimitar a pesquisa é estabelecer limites para a investigação. Para essas autoras, a pesquisa pode ser limitada em relação:

- m ao assunto: com a seleção cie um tópico, a fim de impedir que este se torne ou muito extenso ou muito complexo;
- m à extensão, nem sempre se pode abrangei todo o âmbito em que o fato se desenrola;
 - a uma série de fatores: meios humanos, econômicos e de exigibilidade de prazo, os quais podem restringir seu campo de ação.

Escolhido e delimitado o tema, ele deve remeter ao problema o il objeto, o qual, do ponto de vista prático, geralmente é colocado em forma de pergunta e se vincula a descobertas anteriores e a indagações provenientes de múltiplos interesses (de ordem lógica e sociológica). A clareza e a precisão nesse primeiro instante decorrem de uma relação dialética entre o esforço de estabelecer marcos conceituais os mais amplos e abrangentes possíveis e de articulá-los à prática — ou seja, de vinculá-los aos interesses e problemas que estão mobilizando a escolha do tema. O real sempre constitui-se em premissa, embora, operacionalmente, parta-se da elaboração do abstrato para o concreto.6

Conforme afirma Kerlinger. três critérios podem auxiliar a entender melhor os problemas de pesquisa. Primeiro, o problema deve expressaras relações entre duas ou mais variáveis. Segundo, deve estar apresentado de forma interrogativa. A interrogação tem a virtude de apresentar o problema diretamente. O terceiro critério é o mais complexo, pois exige que o problema seja tal que implique possibilidades de testagem empírica, isto é, de obtenção de evidência real sobre a relação apresentada no problema.⁷

Leituras sugeridas -

MINAYO, Maria Cecflia de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Ab rasco, 1998.

ROESCH, Sylvia Maria. Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

53 Estrutura do projeto

A estrutura do projeto normalmente reproduz os estágios do processo científico — da descoberta ou do teste de teorias e hipóteses. Segundo Gil,s é necessário que o projeto esclareça como se processará a pesquisa, quais etapas serão desenvolvidas e quais recursos deverão ser alocados para a consecução dos objetivos. É necessário, também, que o projeto seja suficientemente detalhado para avaliar o processo de pesquisa. Rigorosamente, salienta o autor, um projeto só pode ser definitivamente elaborado quando se tem o problema formulado com clareza, os objetivos bem determinados, assim como o plano de coleta e análise de dados.

Do ponto de vista acadêmico, o projetei e o relatório de pesquisa podem ser considerados etapas de um mesmo processo, ou seja, o projeto cie pesquisa conduz ao relatório de pesquisa. Eles possuem uma estrutura básica comum, não necessariamente a mesma, pois seus elementos variam e poderão estar presentes ou não, dependendo do estágio de desenvolvimento da pesquisa (do pré-projeto, do projeto ao relatório).9

Os projetos de monografia, de dissertação e de tese são textos que antecedem a elaboração das próprias monografias, dissertações e teses. São, em geral, apresentados por ocasião do processo de seleção e no chamado exame de qualificação, se a universidade assim exigir. Um projeto também é apresentado quando se solicitam subsídios a órgãos de fomento à pesquisa.

por exemplo Eapergs, CNPq, Capes ou departamentos e fundos de pesquisa da própria universidade do autor. Em ambos os casos, devem-se realçar, sempre que couber, a problemática a ser respondida e o levantamento claro das hipóteses de trabalho; devem ser escritos com um tratamento objetivo e impessoal, preferencialmente na terceira pessoa do singular, evitando referências pessoais do tipo 'meu trabalho' ou 'eu objetivo...', bem como expressões vagas, como 'parece ser' e outras que não transmitam idéia real do fenômeno em questão.

A objetividade e a clareza são características dos textos científicos, o que é facilmente conseguido com o emprego de frases curtas e parágrafos que reúnam frases que possuam relação. Em todas as situações anteriores, a função primeira do projeto de pesquisa é esclarecer ao leitor o objetivo principal do trabalho e do método (caminho) para se atingir esse objetivo, fornecendo-lhe todos os elementos importantes para que possa julgara importância e a pertinência do trabalho para o contexto em que está inserido (monografia, dissertação ou tese).

Os projetos de dissertação não precisam abordar temas inéditos. O mestrando (ou o candidato ao mestrado) deve demonstrar a habilidade de realizar estudos científicos e seguir as linhas da área escolhida. Já os projetos de tese precisam abordar temas inéditos. O doutorando (ou candidato ao doutorado) deve defender uma idéia, um método e uma conclusão obtidos a partir de uma exaustiva pesquisa.

Em lace disso, propõe-se um modelo de projeto com as seguintes seções: introdução, revisão da literatura, metodologia, cron ogra ma., orçamento e referências bibliográficas (veja o Quadro 5. I >.

M Quaobd 5.1

Estrutura do projeto de pesquisa

Seção/Parte	Subdivisões/Componentes
Сара	Dados de identificação da instituição, unidade de ensino, curso, disciplina, título do trabalhe», aluno, data e local.
Listas (se houver)	Listas de figuras, quadros, tabelas, abreviai uras.
S vi má rio	Enumeração dos principais capítulos e seções do trabalho.
	Apresentação do tema.
1. Introdução	1.1 Identificação e justificativa do problema
	1.2 Objetivos
	1.2.1 Objetivo geral
	1.2.2Objetivos específicos
2, Revisão da	Subdivisões de acordo com o
li tera Lura	desenvolvimento do assunto.
	3.1 Delineamento da pesqLiisa
3. Metodologia	3.2 População e amostra
	3.3 Plano de coleta de dados
	3.4 Análise de dados
	3.5 Variáveis

(Continua.)

	uetçrto.	

Seção/Parte	S iibd ivisÕes/Componentes	
Cronogra ma	Quadro com etapas da pesquisa e tempo previsto para a execução de cada uma.	
Orçamento	Quadro com a relação dos recursos necessários, sua quantidade e custo-	
Referências bi bl iográ fi cas	Lista de todas as obras mencionadas no decorrer do texto.	

5.3.1 Introdução

A introdução é a parte do trabalho em que o assunto é apresentado como um todo, sem detalhes. Trata-se do elemento explicativo do autor para o leitor. De modo geral, deve estabelecer o assunto, definindo-o claramente, sem deixar dúvidas quanto ao campo de abrangência; explicitar a finalidade e os objetivos do trabalho, esclarecendo sob que ponto de vista será tratado o tema; e fazer referência aos principais tópicos do texto, com o fornecimento de roteiro ou da ordem de exposição. Os principais pontos que devem constar da introdução são:

- a) Tema: a explicitação do tema apóia-se na bibliografia, nos documentos e em outras fontes necessárias à sua definição. Deve ser identificada a área na qual se concentra o problema, apresentando-o dentro de um contexto mais amplo, com breve referência ao esquema teórico e com considerações sobre a escolha do local e do modo como o tema foi escolhido.
- b) Problema de pesquisa: deve ser apresentado de forma clara e precisa e redigido em forma de pergunta, com a identificação das variáveis e de suas relações.

- c) Justificativa: deve demonstrar a importância da problemática, com a apresentação das razões em defesa do estudo, da relação do tema/problema com o contexto social, da justificação no plano teórico e prático, da fundamentação da viabilidade da pesquisa e das referência aos possíveis aspectos inovadores do trabalbo.
- d) Objetivo gerai: determina o que se pretende realizar para obter resposta ao problema proposto, de um ponto de vista geral. Nesse easo utilizam-se verbos abrangentes como 'avaliar', 'analisar', 'investigar' etc. O objetivo geral deve ser amplo e passível de ser desmembrado em objetivos específicos.
- e) Objetivos específicos: determina os aspectos a serem estudados, necessários ao alcance do objetivo geral. É a definição daquilo que pode ser cobrado ao finai do trabalho (verificável). São objetivos intermediários e instrumentais que, num âmbito mais concreto, permitem atingir o objetivo geral. Os verbos devem ser de caráter operacional, como: 'identificar', 'medir', 'verificar'.

5.3.2 Revisão de literatura

De acordo com Melo, ¹⁰ o objetivo da revisão da literatura é fornecer a base teórica e empírica para a formulação das hipóteses. Por essa razão, deve incluir o esquema teórico em que as hipóteses se baseiam, bem como referências a outras pesquisas relacionadas ao tema e ao problema.

A revisão deve-se limitar às contribuições mais importantes diretamenle ligadas ao assunto, com a menção ao nome de todos os autores no texto ou em notas e, obrigatoriamente, nas referências bibliográficas.

Ainda, além do exame das correntes teóricas, deve definir aquela que será utilizada, com a apresentação das questões oti hipóteses a serem trabalhadas. As hipóteses devem mostrar aquilo que o pesquisador visualiza ames de realizar a pesquisa como resposta mais adequada ao problema em estudo.

5.3.3 Metodologia

Nessa seção devem ser claramente descritos os procedimentos que serão utilizados na pesquisa. Os seguintes tópicos devem estar presentes na metodologia:

- a) Delineamento da pesquisa: nesse tópico, o pesquisador define O ripo de pesquisa a ser realizada para atingir o objetivo geral, que deve ser aqui novamente enunciado, A pesquisa deve ser classificada quanto ao objetivo, à técnica e à classificação do estudo, se qualitativo ou quantitativo.
- b) População e amostra: a população deverá ser descrita da forma mais completa possível, incluindo todas as características que interessam ao assunto. A amostra inclui sua descrição e a do processo para selecioná-la, bem como informações sobre o seu tamanho e as formas utilizadas para determiná-lo.
- c) Coleta dos dados: trata-se da definição dos instrumentos (entrevistas, questionários, observação), dos dados primários e secundários, da preparação (elaboração, prétesle, discussão) e do procedimento de aplicação.
- d) Análise dos dados: se quantitativa, deve-se especificar o tratamento; sc qualitativa, deve-se definir o procedimento.
- e) Definição de termos e variáveis: definições gerais e operacionais das variáveis relacionadas à problemática do estudo.

5.3.4 Cranograma

Segundo Git,¹¹ o projeto deve deixar claro qual o tempo necessário ao desenvolvimento da pesquisa. Para tal, deve ela-

borar-se um cronograma no qual convém que seja indicado o tempo correspondente a cada uma das íases da pesquisa.

Bianchi et al., J! sugerem a utilização do gráfico de Gantt para a montagem do cronograma, dada a facilidade de sua elaboração e leitura.

5.3.5 Orçamenta

Avaliar o custo do projeto ajuda o pesquisador a ter mais consciência de suas responsabilidades, a julgar se a pesquisa c realizável e se a importância dos resultados justifica as somas investidas. Deve incluir os recursos humanos e materiais necessários.

5.3.6 Referências bibliográficas

Nessa etapa, todas as indicações e obras consultadas devem ser apresentadas de acordo com as regras da ABNT. O estagiário deverá consultar uma obra de metodologia científica ou o documento que normaliza a apresentação da bibliografia.

BM Leitores sugeridos -

GTL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, L996.

RICHARDSON, Roberto J. et al. Pesquisa social, métodos e técnicas. São Paulo: Allas, 1985.

SENRA, Nelson de Castro. O cotidiano da pesquisa, São Paulo: Ática, 1989,

5.4 Avaliação do projeto

A seguir, no Quadro 5.2, são apresentadas algumas sugestões que podem ser úteis na hora de avaliar um projeto de pesquisa.

_, Quadhd 5.2

Sugestões pana avaliação do projeto de pesquisa¹³

Item	Aspectos a observar	Peso
Introdução (3,0)	Tema—identificação, delimitação clara e coiitextúãlização do assunto com breve referência ao esquema teórico, hipóteses, questões a investigar.	1.0
	Problema claro e preciso, redigido em forma de pergunta, com a identificação das variáveis e de suas relações.	1,0
	Justificativa no plano teórico e prático.	0,4
	Objetivo geral—o que se pretende realizar para obter resposta ao problema proposto.	0,3
	Objetivos específicos — aspectos necessários ao alcance do objetivo geral.	0,3
	Pertinência,	0,3
Revisão da literatura (2,0)	Estruturação. Redação.	0,5 0,5
interatura (2,0)	Suficiência.	0,5
Metodologia (2,0)	Delineamento da pesquisa —clareza e adequação do método.	0,4
	População e amostra — descrição das características da população amostra, bem como processo de seleção.	0,4 e
	Coleta de dados — definição de instrumentos, procedimentos de preparação e aplicação.	0,4
	Análise dos dados — tratamento estatístico ou procedimento a ser adotado.	0,4

(Continua.)

(Continuação.)

Item	Aspectos a observar	Peso
Metodologia (2,0)	Definição de termos e variáveis——definições gerais e operacionais das variáveis do estudo.	0,4
Cronograma (0,5)	Clareza e coerência acerca do tempo necessário para o cumprimento de cada fase da pesquisa.	0,5
Orçamento (0,5)	Estimativa de recursos necessários.	0,5
Referências bibliográficas (0,5)	Apresentação de todas as obras consultadas de acordo com as regras da ABNT.	0,5
Normas técnicas (1,5)	Aspectos formais do trabalho: folhas pré-textuais, paginação, anexos, observação de regras d citações, indicações de fontes e ilustrações, margens, espaços, tipo e tamanho de fonte.	
Total (10,0)		10,0

Matas

- CI L, António Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Alias, 1 996. p. 1 38.
- ² ibidem, p. i40.
- DESLAÏSTDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MfNAYO, iMaria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: \car \a, método e criatividade. 16. ed. São Paulo: Vozes. 2000. p. 36.
- ¹ Ver BIANCHI, Anna Cecília JV1. et ai. Alanuai de orientação: estágio supervisionado. São Paulo: Pioneira, 1996.
- Ver MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Alias, 1996.
- * MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. cd. São Paulo: Hucítec-Abrasco, 1998. p. 97.

- ⁷ KERLINGER, Fred N_ Metodologia de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: EPU, 1980. p. 35.
- * GIL, Antônio Carlos, op. cit.» p. 22.
- Ver MELO, Sebastião Iberes Lopes. Projeto de pesquisa e relatório de pesquisa <monografia, dissertação e tese). Programa tia Disciplina Metodologia da Pesquisa. Disponível em: <hup://www.udesc.br/sit.es/sebastião.htm>. Acesso em: 6 fev. 199S.
- 10Ver JVIELO, Sebastião Iberes Lopes. op. cit.
- 11 GIL, Antônio Carlos, op. cit., p. 148,
- 15 BIANCHL Anna Cecília M. et al. op. cit., p. 22.
- A atribuição de pesos para cada aspecto do projeto de pesquisa é apenas uma sugestão e uma simulação. No entanto, cabe, no momento da correção e da orientação, estabelecer elementos avaliatórios que apresentem a possibilidade de coerência interna do projeto de pesquisa, bem como a sua relevância externa, nesse caso levando em conta a relevância tia problemática no conjunto mais amplo dos conhecimentos na área.



A estrutura do texto monográfico e os resultados cds pesquisa

6.1 As definições

"Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que está sempre procurando dominá-la."

Walter Benjamin

"O cientista que escreve um livro tem mais probabilidade de ver sua reputação comprometida do que aumentada."

Thomas Kuhn

Monografia, dissertação de mestrado e tese de doutorado determinam etapas do treinamento e da produção acadêmica de conhecimentos. Necessariamente, os três termos não delimitam características científicas muito diferentes. Podem significar trabalhos com níveis de protundidade semelhantes. Essas semelhanças

dependem dos objetivos do autor e das exigências do curso e da universidade à qual ele se vincula.

Existem, basicamente, dois tipos de curso após a graduação: o lato sensu e o stricto sensu. O lato sensu dá ao aluno que cumpre lodos os créditos e é aprovado o título de especialista na área em que o curso se concentrou, existindo legislação federal própria que rege tais cursos. O stricto sensu líie dá, numa primeira etapa, o título de mestre em determinada área; numa segunda etapa lhe é oferecido o título de doutor, quando ele cumpre todos os créditos (em geral, de dois anos de duração na primeira etapa e mais três ou quatro anos na segunda) e é aprovado nas disciplinas, no exame de qualificação, na proficiência de língua estrangeira e na apresentação da dissertação de mestrado ou na lese de doutorado. Para ser aprovado durante o curso, o aluno deve atender aos critérios de avaliação de cada disciplina, que seguem as decisões de cada professor e do regimento dos cursos.

Na prática, a monografia é simples, genérica e menos especializada do que a dissertação de mestrado e a tese de doutorado. É exigida ao final de cursos de graduação, aperfeiçoamento ou especialização — portanto de lato sensu. Na monografia, pesquisa-se e escreve-se sobre um tema, não necessariamente inédito. Entretanto, não há impedimento de que se abordem as inter-relações com outros temas nem de que se absorvam vários aspectos de um mesmo tema.

A dissertação é uma monografia apresentada em cursos stricto sensu, em nível de mestrado, na qual o autor apresenta informações indispensáveis sobre o tema escolhido, procurando dar uma idéia, o mais ampla possível, do estado atual dos conhecimentos sobre o assunto. Controvérsias sobre a temática devem ser incluídas. O autor deverá conduzir uma pesquisa sobre a qual será baseada a dissertação.

A tese é uma monografia na qual o autor defende certas proposições ou pontos de vista próprios, os quais devem ser

oriundos de tirn trabalho original de pesquisa. Ou como outros autores escrevem: a lese de doutorado deve abordar temas e/ou métodos inéditos, fornecendo ao leitor elementos para julgar a validade das conclusões obtidas. N'a tese de doutorado, o autor pode ir além na pesquisa, sendo-lhe possível construir modelos teórico-conceitua is, bem como fazer analogias e proposições de paradigmas. É importante que todo tipo de proposição tenha um fundamento empírico de pesquisa, por meio do qual os dados—a matéria-prima ——sejam coletados com o rigor que O método científico requer.

Leituras sugeridas -

ECO, Umberto. Como se faz umeitese. IO. ed. São Paulo: Perspectiva, 1 993.

S£NRA, Nelson de Castro. O cotidiano da pesquisa. São Paulo: Ática, 1989.

6.2 Estrutura de monografia, trabalho de conclusão de curso e estágio supervisionado

Não há um único modelo para a elaboração e a apresentação de relatórios técnico-científicos. O procedimento geral baseia-se em publicações da ABNT que, contudo, em lace das circunstâncias e das necessidades, podem ser alteradas. De modo geral, a estrutura recomendada para um trabalho acadêmico compreende partes pré-textuais, textuais e pós-textuais (veja o Quadro 6.1).

.) Quadr o B. 1 disposição cfos elementos da nnonognafia

Estrutura	Elemento
Pré-textuais	Capa Lombada (opcional) Folha de rosto Folha de aprovação Dedicatória (opcional) Agradecimentos (opcional) Epígrafe (opcional) Resumo na língua vernácula Resumo em língua estrangeira Lista de ilustrações (opcional) Lista de tabelas (opcional) Listas de abreviaturas e siglas (oPcional) Lista de símbolos (opcional) Sumário
Textuais	Introd u ção Desenvolvimento Conclusão
Pós-text uais	Referências bibliográficas Glossário (opcional) Apêndice(s) (opcional(is)) Anexo(s) (opcional(is))

6.2.1 Preliminares ou parte pré-textual

São chamados pré-textuais todos os elementos que antecedem o texto e que contêm informações que ajudam tanto na identificação como na utilização do documento. São eles: capa, lombada, folha de rosto, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, epígrafe, resumo na língua vernácula, resumo em língua estrangeira, lista des llustrações, lista de tabelas, lista de abreviaturas e siglas, lista de símbolos e sumário, que serão detalhados a seguir.

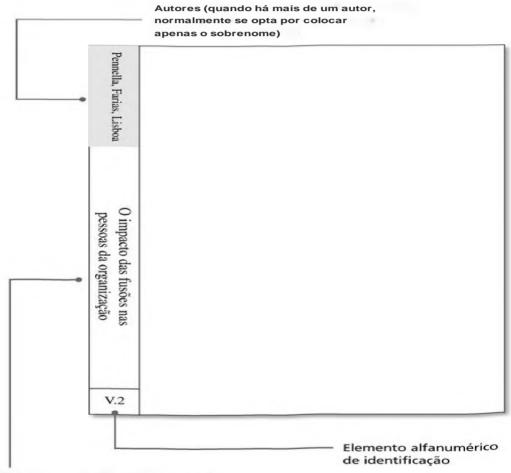
Capa

Elemento obrigatório no qual se imprimem as informações indispensáveis à sua identificação na seguinte ordem: instituição, unidade de ensino e curso (estes dois últimos são opcionais); nome do autor; título do trabalho; subtítulo (se houver); número de volumes (se houver mais de um, deve constar em cada capa a especificação do respectivo volume); local (cidade) da instituição onde deve ser apresentado o trabalho; ano da entrega. Na capa, recomenda-se o uso de fonte Times ou Arial, conforme adotado no texto, podendo ser utilizado corpo entre 12 e 18.



Lombada

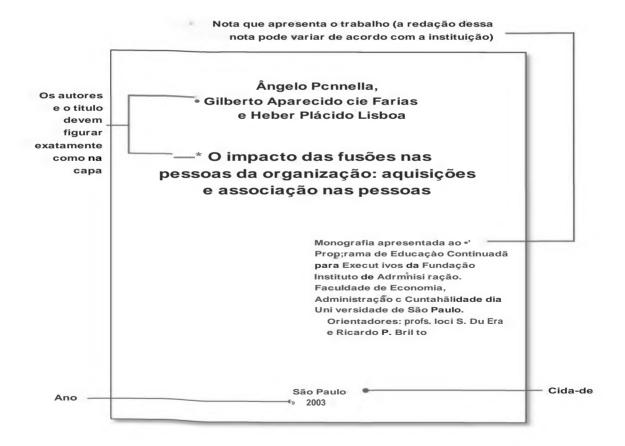
Elemento opcional, é a parte por onde as folhas são unidas. Deve conter o nome do autor, impresso longitudinal mente do alto para o pé da lombada, o título do trabalho, impresso da mesma forma que O nome do autor, e os elementos alfanuméricos de identificação.



Título (quando há subtítulo, pode-se ou não colocá-lo, dependendo da disponibilidade de espa-ç°)

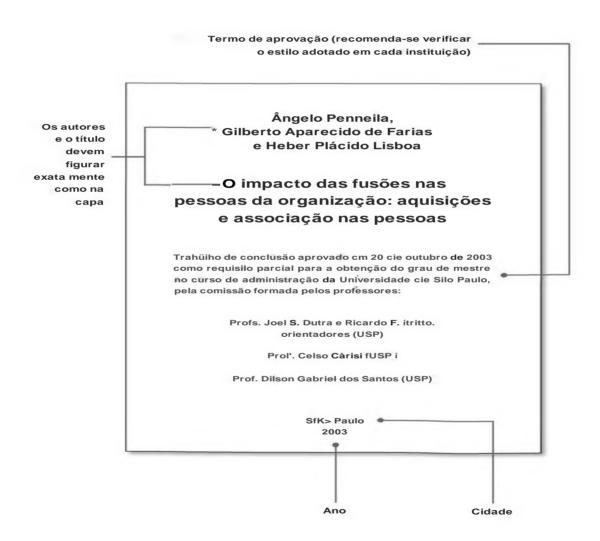
Folho de rosto

ISfo anverso, deve conter os elementos essenciais à identificação da obra, a saber: nome do autor; título do trabalho claro e preciso, com palavras que identifiquem seu conteúdo e possibilitem a indexação e a recuperação da informação; subtítulo, se houver, devendo ser evidenciada sua subordinação ao trabalho, precedido de dois-pontos; número de volumes (se houver mais de um, deve constar em cada folha de rosto a especificação do respectivo volume); nota indicando a natureza acadêmica do trabalhei, o objetivo, a instituição em que éapresentado, aárea de concentração; o nome do orientador; o local; o ano. O verso da folha de rosto deve conter a ficha cata logra fica, de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano.



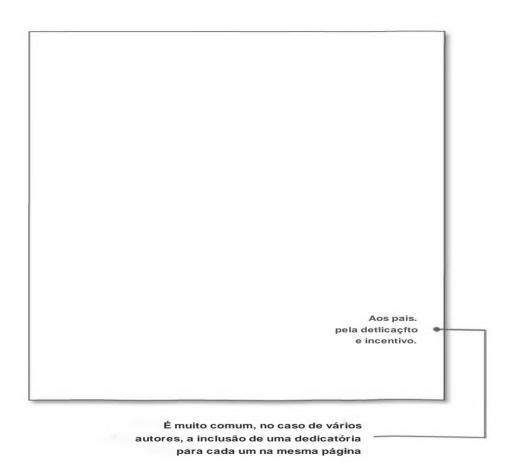
Folha de aprovação

Nela devem estar indicados o nome do autor; o título do trabalho; o subtítulo (se houver); o termo de aprovação; o nome, a assinatura e a instituição a que pertencem os professores examinadores; o local; o ano da aprovação.



Dedicatónia

Página opcional na qual o autor presta uma homenagem ou dedica seu trabalho a alguém.



Agradecimentos

Devem ser dirigidos àqueles que contribuíram de maneira relevante yiara a elaboração do trabalho, restringindo-se ao mínimo necessário. Trata-se de página opcional.

Agradecimentos

Ä Universidade de São Paulo A Faculdade tie Economia e Administração Aos. orientadores Joel Souza Dutra e Ricardo Pite 13i de Brito. pelo aco m pa nh ame mo pontuai e compeicnte Aos. professores do MBA da USP

A todos que direta ou indiretamente contribuiram para a realização desta pesquisa

Epígrafe

Folha opcional, é a inscrição colocada no início do trabalho (pode também figurar no início de suas partes principais), onde o autor apresenta uma citação, seguida de indicação de autoria, relacionada com a matéria tratada no corpo do trabalho.

"Toda a estrutura de uma sociedade encontra-se incorporada no mais evasivo de todos, os materiais: o ser 'humano'." Malinowski Tende a ser uma indicação da linha de

pensamento dos autores, identificando algumas de suas influências

Resumo ria língua vernácula

Deve oferecer uma visão rápida e ciara do conteúdo e das conclusões do trabalho» constituindo-se em uma seqüência de frases concisas e objetivas, e não em uma simples enumeração de tópicos. Deve também indicar a natureza do assunto estudado. O resumo deve conter no máximo 500 palavras. Na apresentação, ele deve ser redigido em parágrafo único, utilizando-se espaço simples, com frases claras e concatenadas. Para efeito de indexação, recomenda-se a inclusão de palavras-chave.

Apresentado em parágrafo único, simples, não devendo ultrapassar 500 paiavras RESUMO PENNELLA. Ângelo : FARIAS, ailbexto Aparecido : LISBOA. Hcber. O iwi/wr/d eitts Jusii&s rtus pesxcuis tía orgtinizjaçãt). São Paulo. 2003. 150f. Disseilação dc mestrado (Administração) FE A. 2003. Nos ú Li imos anos, as. empresas tem optado por fusões e aquisições pura anluir competitividade, eficiência, escala e, por fim, sobreviver no mercado globalirado, Na avaliação das empresas são considerados, além dos ativos tangíveis, os valores de ativos intangíveis, como marca, knctw-how^ carteira de clientes, pessoal etc. Esses ativos não podem ser preeisaniente mensurados de forma isolada, mas são contabilizados como goot/ivi//, ou diferença entre os ativos tangíveis e o valor de uma empresa reconhecido pelo mercado. Ocorre que nos processos de F&A c associações parte desse ativo se perde. Um dos problemas é que a insegurança gerada no processo faz com que as pessoas deixem a organização e levem consigo parlo da exp*rrlis⊲e da companhia, o que diminui o desempenho e o valor das empresas, como confirmam os estudos de avaliações das empresas nos períodos posteriores ao processo. Palavras-chave: fusão; aquisição; eficiência; ativos Utilizadas para indexação, recomenda-se no máximo cinco

Resumo em jfngua estrangeira

Elemento obrigatório. Segue as mesmas características do resumo em língua vernácula.

ABSTRACT

PHIMWELJ.A, Ângelo; FARIAS, Gilberto Aparecido; LISBOA. Hcber. P impacto ators JUs&esrt&spesso&s ⊲i≺torganização* São Paulo, 2003. J50f. Dissertação de mestrado (Admin si tração) FEA. 2003.

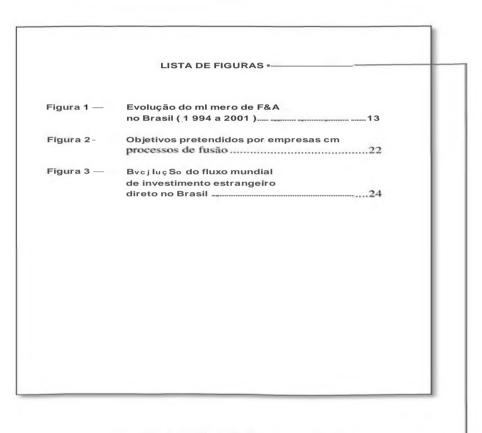
These last years, companies have opted for mergers and acquisitions to gain competitiveness, efficiency, scale and lastly, to survive in the global market. In the assessment of the companies, in addition to the tangible assets» consideration is given to the values of intangible assets such as brand, know-how, customer portfolio, personnel, etc. These assets cannot be precisely measured in an isolated manner, but are accounted sis goodwill, or the difference between the tangible assets and the value of a company as acknowledged by the market. It so happens that in the process of M&A, part of these assets is lost. One of the problems is that the insecurity generated in the process causes people to leave the organization and take part of the company's expertise with them, which reduces the performance and the value of the companies, as is confirmed by the assessment studies of the companies in the periods billowing the process.

Key terms, mergers; acquisition; efficiency; assets

Em geral é escrito em inglês, devido à popularidade da língua inglesa no meio acadêmico, mas pode também ser escrito em outras línguas

Lista de ilustrações

Relação sequencial dos elementos ilustrativos, que devem aparecei na mesma ordem em que são citados no trabalho, seguidos do título e da página em que se encontram. Recomenda-se a elaboração do lista própria para cada tipo de ilustração (quadros, gráficos, figuras, organogramas, esquemas, fotografias e outros).



Esse tipo de lista facilita a remissão por parte do pesquisador

Lista de tabelas

Relação sequencial das tabelas, que devem aparecer na mesma ordem em que são apresentadas no texto, seguidas do título e da página em que se encontram.

	LISTA DE TABELAS
Tabela í	Deslino dos fluxos de investi menlo nos anos 90
Tabela 2	Fases de crescimento e envelhecimento5
Tabela 3	— Variação de valor dias
	ações de companhia»
	alimentícias8
Tabela 4	- Demonstração de resultados
	da Perdigão8
Tabela 5	— Demonstração de resultados
	da Sadia8
Tabela 6	— Problemas do processo
	p <ss-fusão9< td=""></ss-fusão9<>

Esse tipo de lista facilita a remissão por parte do pesquisador

Lista de abreviaturas e sigias

Devem ser relacionadas alfabeticamente, em lista, seguidas cias palavras ou das expressões correspondentes grafadas por extense Recomenda-se a elaboração cie lista própria para cada tipo (uma para abreviaturas e outra para siglas).



Lista de símbolos

Os símbolos devem ser relacionados de acordo com a ordem em que são apresentados no texto, acompanhados do devido significado.

Esse tipo de lista facilta a remissão por parte -do leitor

Sumário

Enumiíração dos principais capítulos e seções do trabalho, feita na ordem em que estes se sucedem no texto. Essa relação deve reproduzir com exatidão os títulos apresentados no trabalho. A apresentação dos títulos deve ser a mesma no sumário c no texto. Havendo mais de um volume, em cada um deve constar o sumário completo do trabalho. É importante ressaltar que os elementos pré-textuais não devem constar no sumário.



ser respeitado

6.2.2 Elementos textuais

Trata-se da parte do trabalho em que é exposto o conteúdo. A organização do texto deve ser determinada peia natureza do trabalho e, de maneira gerai, ter três partes fundamentais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

- a) Introdução: parte do texto em que devem constar a apresentação e a delimitação do assunto tratado, bem como a identificação e a j ustificativa do problema e os objetivos da pesquisa.
- b) Desenvolvimento: divide-se geralmente em capítulos, seções e subseções, que variam em função da natureza do problema e da metodologia adotada. Tal divisão será feita de acordo com a recomendação do orientador. Considerando as características do trabalho, uma forma geral de divisão pode ser:

revisão de literatura — levantamento da literatura relevante existente na área, que servirá de base para o trabalho;

metodologia — descrição dos materiais, métodos e procedimentos utilizados;

apresentação e discussão dos resultados-urna breve caracterização do contexto estudado, com apresentação detalhada, análise e interpretação dos resultados obtidos; sugestões, propostas e recomendações.

c) Conclusão: deve ser fundamentada no texto, conter deduções lógicas e corresponder aos objetivos da pesquisa, com ênfase no alcance e nas conseqüências de suas contribuições, bem como no seu possível mérito.

62.3 Elementos pós-textuais

São elementos que têm relação com o texto, mas que, para torná-lo menos denso e não prejudicar seu desenvolvimento, costumam vir apresentados após a parte textual. São dispostos na seguinte ordem: referências bibliográficas, glossário, apêndices e anexos.

- a) Referências bibliográficas: co nj u nto de elementos que permitem a identificação, no todo ou em parte, de documentos Impressos ou registrados em diversos tipos de material. Todas as obras ciladas no texto devem obrigatoriamente figurar nas referências bibliográficas, que precisam ser apresentadas conforme as normas da ABNT. Outras publicações, não mencionadas no texto, podem ser relacionadas após as referências bibliográficas, sob o título de "Bibliografia recomendada", "Obras consultadas" ou "Bibliografia", que vem a ser a relação alfabética, cronológica ou sistemática de documentos sobre determinado assunto ou determinado autor.
- b) Glossário: Vocabulário onde se relacionam palavras ou expressões pouco usadas, de sentido obscuro ou de uso regional referentes a uma especialidade.
- c) Apêndices: suportes elucidativos e ilustrativos elaborados pelo autor que não são essenciais à compreensão do texto. A paginação deve ser contínua à do texto principal. São Identificados por letras maiúscillas consecutivas, travessão e respectivo título.
- d) Anexos: texto ou documento, não elaborado pelo autor, que serve como fundamentação, comprovação e ilustração. São identificados por letras maiusculas consecutivas, travessão e respectivo título.

6.3 Formas de apresentação

Veremos aqui três formas de apresentação: a apresentação gráfica do trabaího, a de ilustrações e a de tabelas. A apresentação é muito importante e pode fazer o aluno obter ou perder ponto em seu trabalho.

6.3.1 Apresentação gráfica

Os textos devem ser apresentados em papel branco, formato A4 <21 cm x 29.7 cm), digitados em preto no anverso da folha. Recomenda-se, para a digitação, a utilização de fonte tamanho 12 para o texto e de tamanho menor para citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação e legendas de ilustrações e tabelas. Sugere-se a utilização de fonte IO para o tamanho menor, conforme a NRR 14724 de 2001. A margem esquerda e a superior devem ser de 3 cm; a direita e a inferior, de 2 cm.

Todo o texto deve ser digitado com espaço duplo, conforme a NBR 14724 de 2002. Entretanto, em várias instituições tem sido mantido o espaçamento de 1,5 cm a lim de tornar o trabalho menos volumoso e graficamente mais bem apresentado. As citações longas, as notas, as referências, as legendas das ilustrações e tabelas, a ficha catalográfica, o texto da folha de rosto, a folha de aprovação e o resumo devem ser digitados em espaço simples. As referências bibliográficas devem ser separadas entre si por um espaço duplo.

Os títulos das subseções devem ser separados do texto que os precede ou que os sucede por duas entrelinhas duplas. Nesse aspecto, também tem se observado a adoção do espaçamento de 1,5 cm em algumas instituições, visando a uma melhor apresentação gráfica. Os títulos das seções primárias devem iniciar a duas entrelinhas duplas do início da página.

O indicativa numérico de uma seção precede seu título, alinhado à esquerda, separado por um espaço de caractere. Os títulos sem indicativo numérico, como lista de ilustrações, sumário, resumo, referências e outros, devem ser centralizados.

Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas següencialmente, mas não numeradas. A numeração é inserida a partir da primeira folha da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito, a 2 cm da borda superior, com o último algarismo a 2 cm da borda direita. No caso de o trabalho ser constituído de mais de um volume, deve ser mantida uma única seqüência de numeração das folhas, do primeiro ao último volume. Se houver apêndice e anexo, suas folhas devem ser numeradas de maneira contínua e a paginação deve dar seguimento à do texto principal.

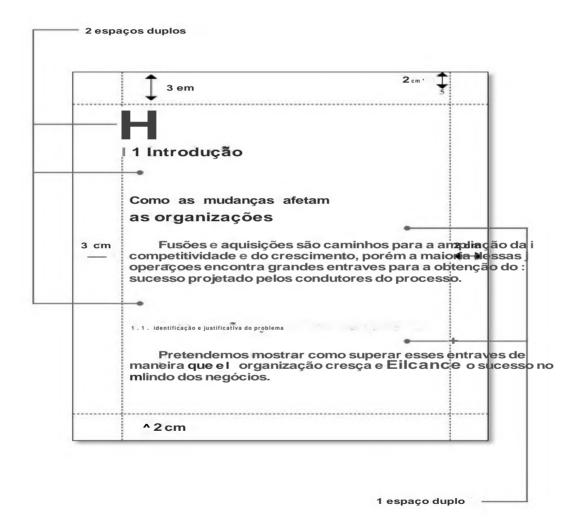
Para evidenciar a sistematização do conteúdo do trabalho, deve-se adotar a numeração progressiva para as seções do texto. Os títulos das seções primárias, por serem as principais divisões de um texto, devem ser dispostos em folha distinta. Destacam-se gradativamente os títulos das seções por meio dos recursos de negrito, itálico ou grifo e redondo, letra maiúscula ou versai, entre outros.

Abreviaturas e siglas, quando aparecem pela primeira vez, devem ser apresentadas com seu significado por extenso, acrescentando-se a abreviatura ou a sigla entre parênteses.

Fórmulas e equações devem aparecer destacadas, de modo a facilitar sua leitura. Na sequência normal, é permitido o uso de uma entrelinha maior que comporte seus elementos {expoentes, índices e outros}. Quando destacadas do parágrafo, elas são centralizadas e, se necessário, numeradas. Quando fragmentadas em mais de uma linha, por falta de espaço, devem ser interrompidas antes do sinal de igualdade ou depois dos sinais de adição, subtração, multiplicação e divisão.

A seguir é mostrado um exemplo de apresentação gráfica.

Apresentação gráfica



6.3.2 Ilustrações

São considerados ilustrações quadros, lâminas, plantas, fotografias, gráficos, organogramas, íluxogramas, esquemas, desenhos e outros. São elementos demonstrativos de síntese que constituem unidade autônoma e explicam ou complementam visualmente o texto. Qualquer que seja o tipo, sua identificação aparece na parte inferior, precedida da palavra designativa, seguida do número de ordem de ocorrência no texto em algarismos arábicos, do respectivo título e/ou da legenda explicativa e da fonte.

A seguir são apresentados dois exemplos de ilustração,

6.3.3 Tabelas

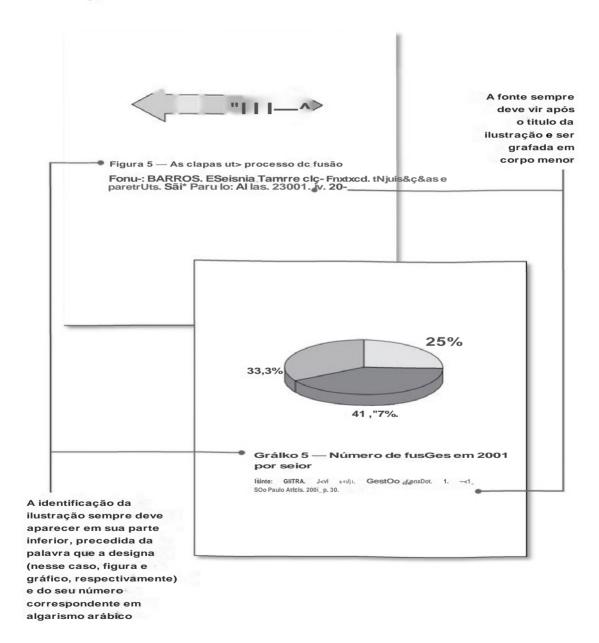
Tabelas são elementos ilustrativos de síntese que constituem unidades autônomas e apresentam informações tratadas estatisticamente. Sua numeração é independente e consecutiva, com o título na parte superior, precedido da palavra Tabela e de seu número correspondente em algarismos arábicos. As fontes citadas utilizadas na construção de tabelas e notas eventuais aparecem no rodapé, após o fio de fechamento.

Se a tabela não couber em uma folha, deverá continuar na folha seguinte, e nesse caso não será delimitada por traço horizontal na parte inferior da primeira folha. O título e o cabeçalho serão repelidos na folha subsequente.

Nas tabelas utilizam-se fios horizontais e verticais para separar os títulos das Ctrl unas no cabeçalho e fechá-las na parte inferior, evitando-se os fios verticais para separar as colunas e os horizontais para separar as linhas.

A seguir, na p, 128, é apresentado um exemplo de tabela.

Ilustrações



Tabela

O título das tabelas sempre deve constar em sua parte superior, precedido de seu número correspondente em algarismo arábico Falida 1 — Destino dos fluxos de investimento nos anos 9t) Percentual do investimento total ïùsoes Anos **Novos Projetos** 1991 53.13 46.87 69.7 È 30.29 1992 1993 77.14 22.86 1994 79,35 20.65 1995 71.82 28.,18 75.76 24.24 1996 1997 73.CJS 26.92 199» 82.42 17.58 1999 76.28 23,72 l'imles: PMI e Unenod

> A. fonte das tabelas sempre aparece em sua parte inferior e é grafada em corpo menor

6.4 Artigo

É um texto de autoria declarada que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento. O artigo pode ser original, quando apresenta temas ou abordagens próprias, e de revisão, quando analisa e discute informações já publicadas. Veja no Quadro 6.2 informações sobre a estrutura cie artigo e, a seguir, um exemplo de apresentação de artigo.

Quadro S. 2

Estrutura de artigo

Estrutura	Elemento
Pré-textuais	Autoria: nome do(s) autor (es), acompanhado de breve currículo e do endereço para contato (o currículo e o endereço devem aparecer no rodape da página de abertura ou no final do artigo). Resumo Palavras-chave
Textuais	Introdução: expõe a finalidade do artigo e a metodologia utilizada para alcançá-la. Desenvolvimento: trata da matéria de forma abrangente e objetiva. Pode conter brev referência ao esquema teórico, bem como a apresentação e a análise dos resultados relativos ao estudo. Considerações finais: destaca os resultado obtidos em face cios objetivos proposto
Pós-textuais	Referências bibliográficas Anexo(s > Tradução do resumo: apresentação do resumo, precedido do título, em língua diferente daquela em que o artigo está escrito.

Apresentação de artigo

Fusões e aquisições

Heber Lisboa*

Resumo •

Este estudo pretende investigar as principais causas e mecanismos geradores de ínstabíl idade nas pessoas c rias organizações que passam por processos de fusões, aquisições e incorporações, identificando aspectos que minimizern seus efeitos danoso«. Primeiramente. aborda-se o cenário de transformações que permeia a nwa ordem cCOnôiiiiCâ mundial» com busc em análises sobre ganhos de competitividade, cm literatura existente acerca dos conceitos que concernem aos processos de fusões, aquisições c associações, de forma a e lene ar os objetivos pretendidos pelas empresas que neles se encontram. Hm seguida, faz-se uma análise sobre os impactos dos respeciivos processos pessoas e nas organizações envolvidas» levando-se em consideração fatores relativos à resistência a mudanças c ao ritmo imposto nas transformações, enfatizando a importância que deve ser atribuída aos seus condutores.

Palavras-chaves fusão; aquisição: recursos humanos

l nirtxi uçãLo

O Fim da guerra fria e a rápida evolução dlos meios de comunicação aceleraram o processo conhecido como globalização econômica. Ao mesmo tempo que liquidou com a divisão do mundo em dois blocos competidores — comunista c capitalista —, o fim da guerra fria flexibilizou els Fronteiras comerciais, abriu novos e atraentes mercados e levou as empresas a se prepararem para compelirem mercados globais. Nesse nxcsino cenário, os computadorese as telecomunicações propiciaram condições técnicas para que as informações circulassem praticameiute em tem pui real por Eodki o mundo.

Apresentado em parágrafo único e espaço simples, nào devendo ultrapassar 500 palavras

Utilizadas para indexação, recomenda-se no máximo cinco

^{*} Heber Lisboa tf M UA pela Fneuklnjdr de Kifonernja e Adminjst ração da L'rivcrudzdc de São Paulo. J[®] lanilvm consultor empresaria]-Seu c-mail <*• hj₃ltjrabc.com.br.</p>

Leituras sugeridas -

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12225; títulos de lombada —procedimento. Rio de Janeiro, 1 992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724- informação e documentação—trabalhos acadêmicos — apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: apresentação de artigos em publicações periódicas — procedimento. Rio de Janeiro, 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: numeração progressiva das seções de um documento — procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: sumario—procedimento. Rio de Janeiro, 1989. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR

6028; resumos procedimento. Rio de Janeiro, 1990.

INtota

Os aspectos vinculados à estrutura e à apresentação de artigos estão em: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: apresentação de artigos em publicações periódicas procedimento. Rio de Janeiro, 1994. 7

Citações, referências bibliográficas e cde documentos eletrônicos

7.1 Citações em documentos

"A escrita pode salvar a instância do discurso porque o que ela efetivamente fixa não é o evento da fala, mas ó dito' da fala, isto é. a exteriorização intencional constitutiva do par evento-significação. "

Paulo Ricoeur

Citação é a menção, no texto, cie uma informação colhida em outra fonte, escrita ou oral, A fonte de onde ela foi retirada deve ser indicada conforme as orientações da ISTBiR 10 520,' que específica as características exigíveis para a apresentação de citações em documentos.

7.1.1 Sistemas de chamada

A fonte das citações deve ser indicada no texto por um sistema de chamada, que pode ser o numérico, em que a citação é relacionada com a referência em nota de rodapé, ou o autor-data, no qual é possível relacionar a citação com a lista de referências ao final do trabalho, do capítulo ou da parte.

Qualquer que seja o sistema escolhido, deve ser seguido ao longo de todo o trabalho.

Sistema autor-data

A indicação da fonte é feita pelo sobrenome do autor, nome da entidade responsável ou título da obra (no caso de autoria desconhecida). São grafados em letras maiusculas e minúsculas quando incluídos na sentença e em letras maiúsculas quando estiverem entre parênteses. Depois da indicação do autor, aparecem data de publicação do documento, volume(s), tomo(s) ou seção(ões) (quando houver) e número da página, separados por vírgula, entre parênteses.

K Exemplos -

"A mais importante consideração ctića c dc que o pesquisador deve proteger © bem-estar dos indivíduos." (SPECTOR, 2002, p. 52).

ou

Salienta Spector (2 002, p. 52) que "a mais importante consideração ética é de que o pesquisador deve proteger o bem-estar dos indivíduos".

Notas de referencia

A indicação da fonte é feita por uma numeração única e consecutiva, em algarismos arábicos. Não se inicia a numeração das citações a cada página. As notas devem ser alinhadas, a partir da segunda linha, abaixo da primeira letra da primeira palavra, sem espaço entre elas e em fonte menor.

A primeira citação de uma obra. em nota de rodapé, deve ter a referência completa. As citações subsequentes da mesma obra podem ser indicadas de forma abreviada quando forem na mesma página da citação a que se referem, utilizando-se as expressões Idem ou Id. (mesmo autor); Ibidem ou Ibid. (mesma obra); Opus citai um ou op. cit. (opere citato —— obra citada); Cf. (confira, confronte).

Ainda, podem ser utilizadas as expressões: Passitn (aqui e ali, em diversas passagens); Loco citato ou loc. cit. (no lugar citado); Sequentia ou et seq. (seguinte ou que segue).

Exemplo -

Para Cbiavenato, "as empresas são organizações sociais que utilizam recursos para atingir objetivos".¹
Com relação aos recursos que perseguem, "existem as em-

presas lucrativas, cujo objetivo final é o lucro, e as empresas não-lucrativas, cujo objetivo final é a prestação de algum serviço público, independem emente do lucro".²

7.1.2 Tipos de citação

A citação pode ser direta, indireta ou citação de citação, e cada uma possui sua forma específica de apresentação no texto.

Citação direta

Trata-se de transcrição ou cópia literal de parte do texto, que deve conter a fome de onde foi tirada. Pode ser breve, com até três linhas, e longa ou em bloco, com mais de três linhas. A cilação direta breve é integrada ao texto entre aspas, devendo conter a indicação da fonte, a qual pode ser por referência simplificada (sistema autor-data) ou por referência Completa, em nota de rodapé- A citação direta longa deve ser destacada

CH I AVE NATO, IdalbiTio. Iniciação à administração de pessoal. 3. etl. São Paulo: Makron Buoks, 2000. p. 2.

² Ibid., p. 2.

com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor e entrelinha um, sem aspas.

Exemplos

De acordo com Ecclese Nohria (1994, p. 51) "a administração foi, e sempre será, a arte de mandar fazer as coisas".

No que diz. respeito à ação do administrador, é salientado que:

A administração foi, e sempre será, a arte de mandar fazer as coisas. Os administradores devem agir e mobilizar a ação coletiva dos outros. Infclizmemc, a importância da ação coletiva 6 por vezes obscurecida na nossa ação cotidiana, que dá a impressão de que as organizações, e não as pessoas, é que agem. (ECCLES; NOHRIA, 1994. p. 51)

Citsção indíneta

Consiste na transcrição livre do texto do autor consultado, constituindo-se numa reconstrução da idéia original. Também é necessária a indicação da fonte mediante referência simplificada. O número da página é opcional.

MI H Exemplo -

N^Ta opinião de Argyris (2000, p. 236), a prosperidade das empresas do século XXI depende da obtenção de um trabalho de melhor qualidade de seus funcionários, os quais devem assumir responsabilidade pelo seu comportamento para desenvolver e compartilhar informações, a fim dc construir soluções duradouras para problemas fundamentais.

Citação de citação

É a transcrição direta ou indireta de um texto a cujo original não se teve acesso. A citação segue as mesmas normas das demais formas, porém deve utilizar-se a expressão apntd, que significa 'citado por'.

! Exemplo

De acordo com Schein (1984 apüd RODRIGUES 2002, p. 19), o aprendizado ou a identificação da cultura deve ocorrer em três níveis. O primeiro refere-se aos comportamentos visíveis, como modelos, forma de comportamento e estilo de organização do trabalho. É nesse nível que se encontram explicitadas também a cultura material e a tecnologia.

Observações

Quando há coincidência de sobrenome de autores, acrescentam-se as iniciais de seus prenomes; se houver coincidência de iniciais, os prenomes são colocados por extenso. No caso de citações de documentos de um mesmo autor, publicados no mesmo ano, acrescentam-se letras minúsculas após a data, ein ordem alfabética, sem espacejamento.

No caso de dados obtidos por informação verbal (palestras, entrevistas etc.), indica-se entre parênteses a expressão 'informação verbal', e os dados disponíveis são colocados em nota de rodapé.

Exemplos-

(RIBEIRO, A.2002) (RIBEIRO, O., 1995) ou (JVLART1NS, Pedro, 1996) (JVIART1NS, Paulo, 1999) (ENRIQUEZ. 1997a) (ENRIQUEZ, 1997b)

Em nosso crescente ambiente de trabalho global, corporações multinacionais acham que precisam misturar gerentes de

sua matriz ou incorporadora com os gerentes do país-sede (informação verbal).1

Palestra proferida por David L. Hullgren no 30^u Congresso Mundial de Treinamento e Desenvolvimento.

Leituras sugeridas –

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ISÍBR 10520: apresentação de citações em documentos procedimento. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10522: abreviação na descrição bibliográfica——procedimento. Rio de Janeiro, 1988.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. 1WBR 6023: informação e documentação - referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

CERVO, A. L.; BERV1AN, P. A. Metodologia científica. São Paulo: Makron Books, 2002.

7.2 Referências bibliográficas e de documentos eletrônicos

Os documentos citados ou indicados no texto devem ter apresentada a sua referência, a qual deve ser constituída dos elementos necessários à sua identificação. Tais elementos são estabeleci dos pela NBR 602 3² e variam conforme o tipo de documento.

7.2.1 Monografia no todo

Pode se tratar de Livro, manual, guia, catálogo, enciclopédia, dicionário etc. Os elementos essenciais são, na seqüência: AUTOR(ES). Título: subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local: Editora, data de publicação.

Exemplos

Livro

SEMEN1K, Richai d. J.; BAMOSSY, Garry J. Princípios de marketing: uma perspectiva global. São Paulo: Makron Books, 1996.

Dicionário

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Ed.). Minidicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

7.2.2 Trabalho acadêmico

Pode se tratar de monografia, dissertação, tese. Os elementos essenciais são, na seqüência: AUTOR(ES). Título: subtítulo (se houver). Ano de apresentação. Categoria (Nível e Curso) — Unidade de ensino. Instituição, Local de apresentação, ano.

Exemplo

RODRIGUES, M. V. Qualidade de vida no trabalho. 1989. Dissertação (Mestrado em Administração) — Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1 989.

7.2.3 Pante de monografia

Pode consistir de capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autor(es) e/ou título próprio. Os elementos essenciais são, na seqüência: AUTOR (ES). Título: subtítulo (se houver) da parte. Expressão 'in': referência completa da monografia no todo. No final da referência, deve-se informaras páginas ou outra forma de individualizar a parte referenciada.

Exemplo -

SALOMÃO, Marco Antônio. Desenvolvimento de equipes. In: BOOG, Gustavo G. (Coord.). Manual de treinamento e desenvolvimento. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1999. p. 507-532.

<u>124</u> Rublioação periódica como um todo

Inclui a coleção como um todo de um título de periódico. Os elementos essenciais são, na sequiência: TÍTULO. Local de publicação: editora. Data de início da coleção—data de encerramento da publicação (se houver).

Exemp lo –

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS. São Paulo: Fundação Getulio Vargas. 1961-

7.2.5 Partes de uma publicação periódica

Pode ser volume, fascículo, número especial, caderno ou outros, sem título próprio. Os elementos essenciais são, na seqiiência: TÍTULO. Local de publicação: Editora, numeração do ao o e/ou do volume, numeração do fascículo, informações de períodos e datas de sua publicação.

Exemplo

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, v. 40, n. I, jan./mar. 2000.

7.2.6 Artigo, matéria ou parte de periódico

Pode se tratar de partes de publicação periódica com título próprio ou comunicações, artigos, entrevistas, entre outros. Os elementos essenciais são, na sequiência: AUTOR(ES). Título do artigo. Nome da publicação. Local de publicação, numeração correspondente ao volume e/ou ao ano, fascículo ou número, página inicial—página final do artigo ou matéria, período e data de publicação. Particularidades que identificam a parte (se houver).

Exemplos

Artigo cie revista

LIMA, Júlia Coutinho Costa. Solidão e contemporaneidade no contexto das classes trabalhadoras. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, ano 2 1, n. 3, p. 52-6 5, 2001.

Número especial de revista

As 500 maiores empresas do Brasil. Conjuntura Econômica, Rio de Janeiro, v. 38, n, 9, set. 1984, Edição especial.

Suplemento

EXAME. Guia cia boa cidadania corporativa. São Paulo, v. 728. Suplemento.

7.2.7 Publicações de eventos científicos no todo ou em parte

Inclui trabalhos apresentados em eventos (parte do evento) on o conjunto dos documentos reunidos num produto final do próprio evento (atas, anais, resultados, proceedings, entre outros). Na publicação completa do evento, os elementos essenciais são, na sequência: NOME DO EVENTO, número do evento em arábico, ano, Local de realização. Tipo de publicação... Local de publicação: Editora, ano de publicação.

Para trabalhos específicos, os elementos essenciais são, na sequência: AUTOR(ES). Título do trabalho: subtítulo. In: NOiVIE DO EVENTO, número do evento em arábico, ano. Local de realização. Tipo de publicação... Local de publicação: Editora, ano de publicação. Página inicial e final da parte.

! Exemplos-

Evento no todo

ENCONTRO SUL-AMERICANO DE RECURSOS HUMA-NOS, 9, 2000, Gramado. Resumos... Porto Alegre: Racional Consultoria, 2000.

Trabalho específico

OLTRAMAR1, Andrea; PA1M, Denise Tatim. Characteristics of Human Resources policies of the agribusiness: sectorial

aspects of the companies of the Medium Plateau of the state Of Rio Grande do Sul. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, 10, 2000, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Sober, 2000. p. 367.

7.2.8 Referências legislativas

Compreendem a Constituição, as emendas constitucionais e os textos legais ínfraconstitucionais <lei complementar e ordinária, medida provisória, decreto em todas as suas formas, resolução do Senado Federal) e normas emanadas das entidades públicas e privadas (ato normativo, portaria, resolução, ordem de serviço, instrução normativa, comunicado, aviso, circular, decisão administrativa, entre outros). Os elementos essenciais são, na sequência: JURISDIÇÃO (ou cabeçalho da entidade no caso de se tratar de normas). Título, numeração, data, ementa e dados de publicação. Quando necessário, ao final da referência acrescentam-se notas relativas a outros dados que permitam identificar o documento.

Exemplos -

Constituição Federal

BRASIL. Constituição (I 988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF; Senado, 1 9S8.

Emenda constitucional

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional n. 9, de 9 de novembro de 1 995. Dá nova redação ao art. 1 77 da Constituição Federal, alterando e inserindo parágrafos. Lex-Coletânea de Legislação e Jurisprudência: legislação federal e marginãlia, São Paulo, v. 59, p. 1966, oui./dez. 1995.

Medida provisória

BRASIL. JVLedida provisória n. 3.569-9. de 11 de dezembro de 1997. Estabcícco multa em operações de importação c dá outras providências. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 1997. Seção 1, p. 29.5 14.

Decreto

BRASIL. Dccrcio n_ S9.271, dc 4 dc janeiro de I 9S4. Dispõe sobre documentos e procedimentos para despacho de aeronave em serviço internacional. Lex~Coletânea de Legislação e Jurisprudência: legislação federal e marginália, São Paulo, v. 48, p. 3-4, jan./mar. 1984.

7.2.9 Documento em meio eletrônico

Quando os documentos são obtidos em meio eletrônico (disquete, CD-ROM etc.), as referências devem obedecer aos padrões estabelecidos para aquele tipo de material, acrescidas das informações relativas à descrição física do meio eletrônico. No caso de documentos obtidos on-line, além das referências sobre o tipo de material, são fornecidas informações sobre o endereço eletrônico, apresentadas entre os sinais < >, precedido da expressão 'Disponível em:'. Em seguida, indica-se a data de acesso ao documento, precedida da expressão 'Acesso em:'.

Exemplos -

Monografia no todo

ENCYCLOPAEDIA BRITANN1CA DO BRASIL (Ed). Geopêdia. São Paulo: liautech-Philco S.A., 1999. CD-ROM.

Artigo de revista

MANUCC1, José VaJério. Crescer sem perder a identidade. CanalRH em Revista, São Paulo, ano 2, n. 19, fev. 2003. Disponível em: http://www.canalrh.com.br/editoriais. Acesso em: 24 fev. 2003.

Artigo de jornal

GHEDES, Ciça. Vestibulandos desprezam critérios primordiais para escolha do curso. Folha Online, São Paulo, 28 fev. 2003. Disponível em: http://wwwl.folha.uol.coin.br. Acesso cm: 28 fev. 2 003.

7.2.10 Documento de acesso exclusivo em meio eletrônico

Inclui base de dados, listas de discussão, BBS (site), arquivos em disco rígido, disquetes, programas e conjuntos de programas, mensagens eletrônicas, entre outros. Os elementos essenciais são, na sequência: AUTOR. Denominação ou título e subtítulo (se houver) do serviço ou produto. Descrição física do meio eletrônico. No caso de documentos obtidos on-line, também são fornecidas informações sobre o endereço eletrônico entre os sinais < >, precedido da expressão 'Disponível em:'. Em seguida, indica-se a data de acesso ao documento, precedida da expressão 'Acesso em:'.

Exemplos³ -

Home page

CIVITAS. Coordenação de Simão Pedro P. Marinho. Desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1995-1998. Apresenta textos sobre urbanismo e desenvolvimento de cidades. Disponível em: http://www.gcsnet.com.br/oamls/civítas. Acesso em: 27 nov. 1998.

CD-ROM

MICROSOFT. Project for Windows 95: project planning software. Version 4.1. [S.I]: Microsoft Corporation, 1995. 1 CD-ROM.

Disquet es

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Centrai. Normas.dúc. Curitiba, 1998. 5 disquetes.

7.2.11 Autoria

Indicam-se os autores pelo último sobrenome, em maiúsculas, seguidos dos prenomes e outros sobrenomes, abreviados ou não. No caso de mais de um autor, os nomes devem ser separados por ponto-e-virgula, seguido de espaço. Quando houver mais de três autores, menciona-se apenas o primeiro autor seguido da expressão 'et al.' No caso de autoria desconhecida, inicia-se a referência pelo título da obra. Naquelas publicadas sob a responsabilidade de uma entidade, inicia-se a indicação com o próprio nome, por extenso.

Exemplo —

I.Jm autor

MORAES, Ana Ma ris Pereira. Iniciação ao estudo da administração. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

Dois autores

SILVA, Ma ri lene Luzia da; NUNES, Gilvan da Silva. Recrutamento e seleção de pessoal. São Paulo: Érica, 2002.

Três autores

BECKER, Brian; HUSELID, Mark; ULRICH. Dave. Gestão estratégica de pessoas com scorecard: interligando pessoas, estratégia e performance. Rio de Janeiro; Campus, 2001.

JVIais de três autores

PAGÈS, Max et al. O poder das organizações. São Paulo: Atlas, 1993.

Autor desconhecido

O PC ESTÁ VIVO. Amanhã, São Paulo, ano 15, n. 162, p. 44-45, 200 I.

Entidade

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto Astronômico e Geográfico. Anuário astronômico. São Paulo, 1988.

2².12 Título e subtítulo

O título e o subtítulo devem ser reproduzidos tal como figuram no documento, separados por dois-pontos, com destaque apenas para o título.

Exemplo —

DIEHL, Asior. Vinho velho em pipa nova: o pós-muderno e o fim da história. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

7.2.13 Ordenação das referências

As referências dos documentos citados devem ser ordenadas conforme o sistema utilizado, sendo em ordem alfabética (alfabético) ou numérica (ordem da citação no texto). O nome dos autores de várias obras referenciadas sucessivamente pode ser substit uído por um traço equivalente a seis espaços seguido de ponto. O título de várias edições da mesma obra também pode ser substituído por um traço equivalente a seis espaços seguido de ponto.

Exemplo -

Referências bibliográficas

CHIAVENATO, Idalberto. Como transformar RH de um centro de despesa em um centro de lucro. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

______. São Paulo: Makron Books, 1996.

DTEHE, Astor. Vinho velho em pipa nova: o pós-moderno e o fim da história. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL (Ed.). Geopédia. São Paulo: Itautech-Philco S.A., 1999. CD-ROiVI.

MANUCCI, José Valério. Crescer sem perder a identidade. Canal RH em Revista. São Paulo, ano 2, n. 19, fev. 2003. Disponível em: http://www.canalrh.coni.br/editoriais. Acesso em: 24 fev. 2003.

MORAES, Ana Maris Pereira. Iniciação ao estudo da administração. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

OLTRAMARI, Andrea; PAIM, Denise Tatim. Characteristics of Human Resources policies of the agribusiness: sectorial aspects of the companies of the Medium Plateau of the state of Rio Grande do Sul. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, IO, 2000, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Sober, 2000. p. 367.

SALOMÃO, Marco Antônio. Desenvolvimento de equipes. In: BOOG, Gustavo G. (Coord.). Manual de treinamento e desenvolvimento, 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1999. p. 507-532.

SEMENIK, Richard. J.; BAMOSSY, Garry J. Princípios de marketing: uma perspectiva global. São Paulo: Makron Books, I 996.

JHBBB Leituras sugeridas -

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: apresentação de citações em documentos — procedimento. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA BE NORMAS TÉCNICAS- NBR 14724: informação e documentação — trabalhos acadêmicos —apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS- NBR 6023: informação e documentação — referências — elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: numeração progressiva das seções de um documento — procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: sumário—procedimento. Rio de Janeiro, 1989. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: resumos — procedimento. Rio de Janeiro, 1990.

Notas

1	ASSOCIAÇÃO	BRASILEIRA	DE	NORMAS	TÉCNICAS.	NBR	!	10520:
	apresentação de	citações er	n doc	umentos	procediment	to.	Rio	de
	Janeiro, 2002.							
2	ASSOCIAÇÃO	BRASILEIRA	DE	NORMAS	TÉCNICAS.	NB	R	0023:
	informação e	documentação	— re	eferências	— elaboraçã	0.	Rio	de
	Janeiro, 2002.							
,	Exemplos	retirados da	ASSO	CIAÇÃO	BRASILEIRA	DE	NO	RMAS
	TÉCNICAS, NBR	6023: info	rmação	е	documentação	_	refer	ências
	— elaboração. Rio de Ja	neiro, 2002.						



Orientações e cuidados com textos acadêmicos

"Morai para os que edificam: depois de construída a casa é preciso retirar os andaimes. "

F. Nietzsche

Os trabalhos acadêmicos em nível de pósgraduação são divididos em dois tipos: o lato sertsu. em aperfeiçoamento e especialização, e o stricio sensu, em mestrado e doutorado.

Para os trabalhos finais de aperfeiçoamento e especialização, os cursos adotam a forma monográfica. O aluno produz um texto que, por sua vez, segue as normas dos demais níveis. Alguns cursos ainda adotam o recurso da apresentação e defesa tia monografia perante uma banca constituída pelo orientador e por dois professores da área. Em outros cursos, a

apresentação e a defesa da monografia foram abolidas, especialmente nos técnicos. A adoção ou não desse critério varia de curso para curso e depende da especialização e da normalização proposta pela universidade.

Para os cursos stricto sensu existem, como critérios de avaliação, três momentos distintos: o exame de qualificação, a apresentação e defesa da dissertação e, finalmente, a defesa da tese.

8J_ O exame de qualificação

No caso do exame de qualificação, o aluno deve apresentar um projeto de dissertação de mestrado, na primeira etapa, ou da tese de doutorado, na segunda, que será apreciado por uma banca examinadora. Há também cursos que adotam, para a qualificação da dissertação ou da tese, a modalidade em que o aluno apresenta parte do trabalho de pesquisa sob forma de um ou dois capítulos.

No caso do mestrado, a banca do exame de qualificação é composta:³

- por um professor doutor que não pertence ao quadro da universidade pela qual o aluno é candidato;
- * por um professor doutor da universidade pela qual o aluno é candidato;
- pelo orientador do trabalho.

I-lá regras institucionais quanto aos prazos requeridos para a entrega do projeto, assim como à escolha e à composição da banca. O aluno deve constaniemente procurar informações no setor responsável de sua instituição. Via de regra, são obedecidos dois critérios básicos:²

A entrega dos projetos deve levar em conta um tempo hábil para que a banca possa ler e a instituição possa analisar os documentos do candidato (histórico escolar, currículo da banca etc.).

m Os componentes da banca são indicados pela proximidade da área e do tema em análise (no caso, o orientador e o candidato), mas a indicação deve ser submetida a uma comissão mais abrangente, por um representante legal da área de concentração do candidato ou por uma comissão coordenadora.

O critério de aprovação no exame geral de qualificação para mestrado e doutorado depende da própria banca e de critérios objetivos regimentais da universidade. Na maior parte dos casos, não é atribuída nota de avaliação nesse exame. O aluno é considerado aprovado ou reprovado e, quando for o caso, recebe recomendações e sugestões para serem integradas ao projeto.

Para o mestrado, não se espera um tema ou método inédito; avalia-se a capacidade de realizar um trabalho científico dentro dos critérios apresentados. Mas a 'torre de Babel' ou a variabilidade entre departamentos e universidades é um fato. Portanto, aconselha-se ao aluno ficar atento à história da própria universidade e à tradição de seus exames e defesas de tese para que se prepare com relação às normas e aos procedimentos específicos desses momentos.

Para o doutorado, a exigência é maior: espera-se que o projeto ou parte da tese contenha novidades, tanto no nível conceituai como no teórico ou metodológico. Essa novidade deve estar demonstrada pela revisão bibliográfica, para provar a relevância científica do tema, e pela pesquisa, a ser avaliada pela própria banca.

O exame geral de qualificação, no mestrado e no doutorado, é um momento importante para o candidato, no qual ele recebe eventuais sugestões para modificar questões do seu trabalho, melhorando-o. Quanto antes esse exame for realizado, melhor será para a desenvoltura do trabalho e para o posterior sucesso na apresentação da dissertação ou da defesa da tese de doutorado. Na apresentação, o candidato tem, aproximadamente, de 20 a 30 min lilos para expor um resumo do projeto, a problemática, os objetivos, a justificativa etc. Em seguida, cada examinador dá início às argüições.

8.2 A apresentação da dissertação de mestrado

A banca examinadora tia dissertação de mestrado pode ser a mesma do exame de qualificação.

O estilo e a solenidade da apresentação ou da defesa de uma tese variam muito em função das especificidades da instituição e dos professores componentes da banca. A tendência atual ó de reduzir os rituais, o formalismo, e ater-se mais à essência do momento, que é a discussão e a avaliação do trabalho apresentado, assim como a sua pertinência para a obtenção de um título acadêmico.

Cada instituição tem um roteiro com as sugestões de como se conduzir na situação. Cabe também ao orientador familiarizar o orientando com as regras da instituição.

83 A defesa da tese de doutorado

A banca examinadora do doutoramento é composta por cinco professores-doutores: o orientador, dois professores da universidade pela qual o aluno é candidato e dois professores de outras tmiversidades. Evidentemente, não existe rigpr absoluto nessa distribuição. Ela pode variar de um programa para outro, pois as instituições possuem regimentos próprios.

A escolha da banca examinadora passa por um processo decisório dentro dos departamentos e órgãos internos de cada programa de pós-graduação. O processo mais comumente seguido inicia-se com a indicação dos nomes fornecidos pelo próprio orientador ao coordenador do curso e/pu chefe de departamento. Aqueles que forem indicados serão avaliados

por comissões departamentais e por comissões coordenadoras e, por fim, a banca é oficialmente composta.

A apresentação da leseé semelhante à da dissertação, mas, devido à composição da banca, as arguições duram mais tempo.

Tal como no mestrado, o candidato ao título de doutor também apresenta seu trabalho durante, aproximadamente, 20 ou 30 minutos e, em seguida, iniciam-se as argüições.

8.4 Orientações e cuidados para a análise de trabalhos acadêmicos

A seguir é apresentado um roteiro sucinto de orientações e cuidados para a análise de trabalhos acadêmicos tanto piara alunos, quando executam a revisão final de suas pesquisas, como para os professores que vão argüi-los.

O roteiro foi dividido em cinco pontos com os quais se pretende cobrir, ainda que de forma precária, a estrutura básica de um trabalho.

L. Introdução

- a) Delimitação do objeto da pesquisa.
- b) Justificativas.
- c) Objetivos.
- d) Revisão bibliográfica (state of art).
- e) Problemáticas e/ou questões norteadoras.
- f) Hipótese(s).
- g) Postura teórica/discussão.
- h) Métodoiogia (inclui trabalho com fontes, estratégias de significação das informações e leitura das fontes).
- i) Estruturação descritiva do trabalho em partes ou capítulos.

2. Ksl.rui.ura do trabalho

- a) Divisão em capítulos (com a preocupação de fornecer coerência interna a cada capítulo que compõe o trabalho, dispondo correta mente os objetivos, as discussões e o fechamento).
- b) Existência de um fio condutor no trabalho como um todo (apesar de certa autonomia dos capítulos).
- c) Estrutura narrativa clara (linguagem; conceitos explicados e relacionados empiricamente; coerência lext uai).
- d) Linguagem compatível com a proposta da monografia, dissertação ou tese.
- e) Sistemas de citações, rodapés (de acordo com a ABNT).

3. Demonstração do conteúdo

- a) Pesquisa empírico-documental-bibliográfica.
- b) Relação da discussão teórica com a pesquisa (teoria versus empirismo).
- c) Metodologia apropriada para as fontes utilizadas.
- d) Avanço do conteúdo pesquisado em relação à revisão bibliográfica da introdução.
- e) Posição do autor em contraposição aos documentos citados (com a existência de equilíbrio entre o sujeito e o objeto).

4. Conclusões

- a) O autor cumpre tudo o que foi proposto na introdução.
- b) O autor anuncia futuras possibilidades de trabalho a partir do tema pesquisado e apresentado.

5. Fontes bibliográficas

- a) As fontes arroladas (ou não) foram trabalhadas no texto, como forma de comprovar a(s> hipótese(s), ou são discutidas nas múltiplas possibilidades de leil uras,
- b) A bibliografia arrolada foi trabalhada no texto ou aparece de forma subsidiária.

Leituras sugeridas -

ECO, Umherto. Como se faz unta tese, 1 O. ed. São Paulo: Perspectiva, I 993.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de metodologia científica. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

IÍOESCH, Sylvia Alaria A. Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

ÍXfotas

¹ Esses critérios variam de curso para curso.

Na maioria tios cursos de pós-graduação, o projeto (ou pré-projeto) é entregue no momento cm que se faz a inscrição no curso e sua avaliação faz parte do processo de seleção.

Conclusão

Numa época de profundas mudanças nas formas do pensamento científico, de interatividade pela tecnologia multimídia, de reformatarão do mundo do trabalho e dos mecanismos de mercádo, com o estabelecimento de rupturas e, simultaneamente, com novos processos de dependência etc., é imprescindível o conhecimento que as ciências sociais podem fornecer e ampliar a fim de possibilitar a compreensão do mundo organizacional.

Por outro lado, também observamos que as ciências sociais precisam ampliar seus referenciais teórico-metodológicos para poderem contribuir nesse sentido. Muitas vezes, no afã de inovar stias estruturas de pensamento e trabalho, elas correm o risco de se relativizar a tal ponto que o elemento subjetivo passa a ser o ponto de

referência e deixam de ser importantes na compreensão das estruturas sociorganizacionais.

É sem dúvida uma situação próxima àquela do fio da navalha. As ciências sociais aplicadas precisam flexibilizar-se para poderem dar conta de suas tarefas, mas, por outro lado, têm de conter estruturas racionais e universais que lhes permitam ser pressupostos de compreensão da realidade social, manter a legitimidade acadêmica e sua plausibilidade.

Pois bem, em face desse dilema, ficam registrados:

- « O fato de as ciências sociais aplicadas serem ciência, mas ciência percebida como algo aberto e em constante construção, E, nesse sentido, deve haver um acordo sobre os critérios componentes da estrutura mínima necessária que dêem a chance de instalar a plausibilidade metodológica;
- * o falo de as ciências sociais aplicadas, além de reconstituírem as experiências das estruturas soei organizacionais, buscarem desenvolver um arsenal metodológico capaz de compreender seu próprio desenvolvimento no conjunto das demais ciências;
 - o fato de que o interesse maior, em última análise, é a conduta do homem e das instituições no âmbito das suas relações sociais. Mas esse interesse é particularizado segundo uma significação cultural específica, aspecto que deveria ajudar a quebrar a idéia de que método é algo somente teórico e abstrato. Por isso, quem for da opinião de que o conhecimento podería e deveria ser uma cópia da realidade lhe negará qualquer valor ou sentido. De antemão, percebemos que existe um primeiro critério, que é o da eficácia do conhecimento. Aqui, a construção de tipos ideais não interessa corno fim, mas única e exclusivamente como meto de conhecimento, ou seja. como método.

Discutir metodologia e técnicas de pesquisa significa problemalizar não apenas as regras formais da pesquisa nas ciências sociais aplicadas. O desafio reside, sobretudo, na compreensão cultura] dos objetos de pesquisa abordados, razão pela qual produzir conhecimentos exige de todos nós um esforço extraordinário — em especial quando precisamos elaborar nossos primeiros textos científicos — e ainda estarmos conscientes do nosso papel como cidadãos. Portanto, não se trata simplesmente de acumular conhecimentos para cumprir uma tarefa na vida acadêmica, mas sim de compreender o papel desse conhecimento no MUNDO atual:

Bibliografia

ADORNO, S. (Org.). A. sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

ANDRADE, Rui Otávio Bernardos de; AMBONI, Nério. Projeto pedagógico para cursos de Administração. São Paulo: Makron Books, 2002.

ARAÚJO, E. A. Acondição do livro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: apresentação de citações em documentos — procedimento. Rio de Janeiro, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NIR 10719: apresentação de relatórios técnico-científicos — procedimento. Rio de Janeiro, 19S9.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: informação o documentação—trabalhos acadêmicos—apresentação. Rio de Janeiro, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: apresentação de artigos em publicações periódicas — procedimento. Rio de Janeiro, 1 994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação — referências — elaboração. Rio de Janeiro, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MORMAS TÉCNICAS. NBR 3024: numeração progressiva das seções de um documento — procedimento. Rio de Janeiro, I 989,

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: sumário — procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: resumos — procedimento. Rio de Janeiro, 1990.

AZEVEDO FILHO, L. A. de. Iniciação em crítica textual. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp. 1 987.

BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às ciências sociais. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

BARROS, Aidil de Jesus de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Bundamentos de metodologia científica: um guia para iniciação científica. 2. cd. São Paulo: Makron Books, 2000.

BIANCHT, Anna Cecília M. et al. Manual de orientação: estágio supervisionado. São Paulo: Pioneira, L998.

BODEI, Remo. A filosofia do século XX. Bauru: Edusc, 2000.

BOURDIEU, Pierre et al. El oficio dei sociólogo. Madri: XXI, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação < do Desporto. Resolução nº 2 de 4 de outubro de 1993. Fixa os mínimos de conteúdos e duração do curso de graduação em administração. Diário Oficial da União. Brasília, 1993.

BRUTÖCO, Rthaldo. A escultura de um novo paradigma nos negócios. In: RAY, Michel; RIN2LER, Alan. (Org.). O novo paradigma nos negócios: estratégias emergentes para liderança e mudança organizacional. São Paulo: Cultrix-Amana, 1993.

BUNGE, Mário. Teoria e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DE MASI, Domenico (Org.). Aemoção e a regra: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: Minayo, Maria Cecília de Souza <Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 1 6. ed. São Paulo: Vozes, 2000.

DIE HL, Asior Antônio. Ciência, política e universidade. Passo Fundo: Clio, 2001.

------Vinho velho em pipa nova. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

D1EHL, Astor Antônio; TEDESCO. João Carlos. Epistemologias das ciências sociais. Passo Fundo: Clio, 2001.

DUMONT, Louis, ffoi no Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: Edusc, 2000,

ECO, Umberto. Como ve faz uma tese* 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ENRIQUEZ, Eugène. La horda ao Estado: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

FACH IN, Odilia. Fundamentos de metodologia. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FAULSTICH, Enilde L. de .7. Corno ler e entender e redigir um texto. 2. ed. Petrópolis: VotíeS, 1989.

FOGUEL, Sérgio; SOUZA, Carlos César, Desenvolvimento organizacional. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1984.

GIDDENS, Anthony; TURNER, J. {Org.). Teoria social hoje. São Paulo: Unesp, 1999.

G1L, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1996.

Métodos e técnicas de pesquisa so cia i. São Pa tilo: Atlas, 1 999.

GOODE, William J.; HAT!, Paul K. Métodos em pesquisa social. São Paulo: Nacional, 19®],

JAMESON, Fred ri c. As sementes do tempo. São Paulo: Atíca, 1997.

JAPIASSU, Hilton. As paixões da ciência. São Paulo: Letras Er Letras, 1991.

_____O mito da neutralidade científica. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

Nascimento e morte
Francisco Alves. 1982.

Nascimento e morte das ciências humanas. 2. ed. Rio de Janeiro:

KTRI.INGER, Fred. N. Metodologia de pesquisa ern ciências sociais. São Paulo: EPU, 1980.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1 987.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1993.

MANNHEIM, K. ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MARCONI. Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARRAMAO, Giacomo. Poder e secularização. São Paulo: Ed. Unesp. 1995.

MHLO, Sebastião 11) er es .Lopes. Projeto de pesquisa e relatório de pesquisa (monografia, dissertação e Tese). Programa da Disciplina Metodologia da Pesquisa. Disponível em: <hitp://www.udesc.brysites/sebasrião.htm>. Acesso em: 6 fcv. 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) Pesquisa social: teoria* método e criatividade, 16. ed. Petrópolis: Vozeü, 2000.

MINAYO, Alaria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec- Ab rasco, 1998.

MORIN, Edgar. Ciência como consciência. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVA, Alberto (Org.). Epistemologia: a cientifi cidade em questão. Campinas: Papirus, 1990.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz.de. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC. monografías, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

PATRÍCIO, Elei ca Maria et al. Aplicação dos métodos qualitativos na produção de conhecimento: uma realidade particular e desafios coletivos para compreensão do ser humano nas organizações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 2000, Florianópolis. Anais...Florianópolis: Anpad. 2000.

PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Eliinar Pinheiro (Org.). O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1 999.

PESS1S-PASTERNAK, Guina. Do caosà inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

POPPER, Karl R. Conjeturas e refutações. 3. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

PRIGOGINE, Ilya. Ofim das incertezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996.

REVEL, Jacques (Org.). Jogos de escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RTCHARDSON, Roberto J. et. al. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

ROESCH, Sylvia Maria A. Dissertação de mestrado em administração: proposta tle uma tipologia. Revista de Administração, São Paulo, v. 3ä, n. 1, p. 75-83, jan./mar, 1996.

Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, pro-

jetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Pa ti lo: Atlas, 1 996.

RÜSEN, J. Reflexões sobre os fundamentos e mudanças de paradigma na ciência histórica alemã-ocidental. In: GERTZ, R. E.; NEVES. A. A. 13. (Coord.). A nova historiografia alemã diálogo Brasil-Alemanha nas ciências humanas. Porto

Alegre: Ed. da UFRGS/Instiluto Goetlie, 1987.

SELLT1Z, Cia ire, et aí. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU,

_____ Métodos de pesquisa nas relações sociais. S3o Paulo: EPU¹, 1987. v, 3.

SENRA, Nelson de Castro. O cotidiano da pesquisa. São Paulo: Ática, 1989,

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estcra Muszkat. ivietodologia dc pesquisa e elaboração da dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância, 2000. Disponível em: http://www.led.ufgc.br. Acesso em: IO nov. 2000.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

TAVARES DOS SANTOS, J., v. A aventura sociológica na contemporaneidade. In: ADORNO, S. <Qrg.j. A sociologia entre a modernidade e a conremporaneidade. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

TRIV1ÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo; Atlas, 1992.

VERGARA, Sylvia Constam. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 2. ed. São Paulo: Atlas. 1998.

VVE13ER, jViax, A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). Weher. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

WOORTMANN, Klaas. Religião e ciência no renascimento. Brasília: UnB, 1997.

índice

Técnicas (ABNT), 2, 99, IOI, A b revia lu ríis 105, 122, i.52 e siglas (texto monográfico), **Auditoria** i 18. 1 24 dos tribunais de contas, 45 usadas na Internet. 77 independente ou interna, 44 Administração, 3S-41 Avaliação de projeto(s), 45 Agradecimentos (texto no projeto de pesquisa, monográfico), 112 99-101 Amostra. Veja também Avaliação de resultados, 5 5—56 **Amostragem** Avaliação formativa, 56 definição dc, 64 e população, 63-65 C Amostragem. Veja também Capa (texto monográfico), 107 **Amostra** Capes, 94 não protaab i Ifstica, 65 Censo. 60 probabilfstica, 64-65 Ciência avaliação e valor na, 22-26 aleatória simples, 64 estratificada, 64-65 considerações sobre Análise de conteúdo, 82 conhecimento, paradigma e. 14-35 Análise de dados e religião, I 8—22 biva riada, 83 e universidade, 23-25 interpretação e, 82-87 moderna, conhecimento e multivariada, 83-84 origem da, 14-26 no projeto de pesquisa, 98 Ciências contábeis. Veja ti n iva ria da, 83 Contábil idade **Apêndices** Ciências tia administração. Veja em textos monográficos, 122 Administração Anexos Ciências sociais em textos monográficos, 122 e modernidade, 26-3 1 Artigo, 129-130 Ciências sociais aplicadas, 36-46 Associação Brasileira de Normas

administração, 38-41 contabilidade, 42-46 Citações, 132-146 definição de. 132 sistemas de chamada, 1 3 3—1 34 notas de referência. I 33-134 sistema autor-data, 1 33 tipos de, 1 34-1 37 citação de citação, 1 3 5-1 36 citação direta, 134-135 citação indireta. 135 Classificação de dados, 85 CNPq, 94 Código de Catalogação Anglo-Americano, 109 Codificação de dados, 85 Coleta de dados, técnicas de. 65-71 entrevista, 66-68 formulário, 70-71 no projeto de pesquisa, 98 obse r vação, 7 I - 7 3 questionário, 68-70 Conheci mento considerações sobre ciência, paradigma e, L4-35 e origem da ciência moderna, 14-26 matriz disciplinar do, 33-34 Consultoria económicofinanceira, 44 Contabilidade, 42-46 ambiental, 45 atuarial, 45 dc custos, 44 de empresas públicas e privadas, 44 na área pública, 45 prestação de serviços de, 44

social, 45 Cronogra ma no projeto de pesquisa, 98-99 Dados secundários, 66 Dedicatória (texto monográfico)-, 1 J 1 Dissertação de mestrado, 93-94, 148. Veja tambêryi Texto monográ fi co apresentação da, I 50 definição de, 104 Endereços para pesquisa na Internet, 78-79 Entrevista, 66-68 despadronizada ou não estruturada, 66-67 padronizada ou estruturada, 66 painel, 67 Epígrafe (texto monográfico), 1 1 3

Epistemologia, 4

Equações e fórmulas (texto m oint g rã fico), 124

Estágio supervisionado, 40-41, 46
 estrutura de monografia, trabalho de conclusão de curso e, 105—122

Estudo de caso, 61

Ética, 4

Exame de qualificação (cursos stricto sensu). 93, 148—150

F Fapergs, 94 Ficha catalográfica (texto monográfico), 109
Folha de aprovação (texto monográfico), 1 IO
Folha de rosto (texto monográfico), 109
Fontes primárias (de dados), 65
Fonte, tamanho da, 125
Fórmulas e equações (texto monográfico), 124
Formulário, 70—VI

G Gráfico de Gantt, 99 Glossário cm textos monogrãficos, 122

Iluminismo, 16, 17, 22
ilustrações (texto monográfico),
1 1 6, 1 26, 1 27
Internet
abreviaturas usadas na, 77
operadores booieanos usados
na, 76
pesquisa na, 73-82
endereços úteis para pesquisa
na, 78-79
passo a passo, 79—81
Interpretação e análise dos
dados, S2—87

.

i.ato sensu, curso de pós-graduação, 7, 104, 147-148
Leitura de textos análise do conteúdo, 1 lesboço para a, teóricos.

estabelecimento do objetivo da. 11 integral, I.1 interpretação do texto. 12 metodológicos e técnicos, 9—13 Lista de abreviaturas e siglas (texto monográfico), 118- Vejd também Abreviaturas Lista de ilustrações (texto monográfico), 116. Veja também Ilustrações Lista de símbolos (texto monográfico), 119 Lista de tabelas (texto monográfico), 117. Veja também Tabelas Lombada (texto monográfico), 108

M

Marrn, Thomas, 22 ¡Vlarx, Karl, 18 Matriz disciplinar do Conhecimento, 33-34 Método das partidas dobradas (método de Veneza), 42 ÍVlétodo(s) de pesquisa. Veja também Metodologia de pesquisa; Técnicas do pesquisa definição de, 48 e tipos de pesquisa, 48-63 método dedutivo, 49 método dialético, 50 método fenomenológico, 50 método hipotético-dedutivo, 49-50 método indutivo, 49 metodologia, técnicas e, 47-88 Metodologia de pesquisa- Veja também Método (s) de pesquisa; Técnicas de pesquisa definição de, 47-48 método, técnicas e. 47-88 no projeto de pesquisa, 98 significado e importância tia, 31-34 Monografia. Veja Texto

monográfico

Motas de referência (citações), 133-134 Numeração (texto monográfico) de fórmulas e equações, 124 de ilustrações, 126 de páginas, 124 de tabelas, 126

a

Observação, 71—73 Orça mento no projeto de pesquisa, 99 Organização de dados, processo de. 85-86 Operadores booleanos, 76 Organizações empresariais, 37-38

Perguntas abertas, 69 Perguntas fechadas ou dicotômicas, 69 Perguntas de múltipla escolha, 69 Pesquisa-ação, 62 Pesquisa-diagnóstico, 57 Pesquisa. Veja também Método(s)

de pesquisa; Metodologia do pesquisa; Técnicas de pesquisa análise e interpretação dos dados, 82-87 aplicada, 55 bibliográfica, 58-59 de levantamento, 60 por amostragem, 63-64 delimitação da. 91-92 descritiva, 54 documental, 59 estrutura do texto monográfico e resultados da, 103-13I exploratória, 53-54 ex-post-facta, 59-60 identificação c seleção de fontes de. 74 métodos e tipos de, 48-63 na internet, 73-S2 participante, 62 projeto de. 89-102. Vea também Projeto de pesquisa qualitativa, 52-53 quantitativa, 5 1 Pacioli, Luca, 42 **Paradigma** considerações sobre conhecimento, ciência e, 14 - 35definição de, 64 e amostra, 63-65

Perícia contábil, 44 População no projeto de pesquisa, 98 Projeto de pesquisa, 89-102 escolha do tema e definição do problema ou objeto, 91-93

estrutura do, 93—101
crunograma, 98—99
introdução, 96—97
metodologia, 98
orçamento, 99
referências bibliográficas, 99
revisão da literatura, 97—98
importância do, 89—91
Proposição de planos, 56—57

0

Questionário, 68—70
perguntas abertas, 69
perguntas de múltipla escolha, 69
perguntas fechadas ou
dicotômicas, 69
Qui -quadrado, método, 84

R

Referências bibliográficas e de documentos eletrônicos. 137-146 artigo, matéria ou parte de periódico, 139 autoria, 143-144 documento de acesso exclusivo em meio eletrônico, 143 documento em meio eletrônico, 142 monografia no todo, 137-138 ordenação das referências, 145-146 parte de monografia, 1 38 partes de uma publicação periódica, 139 publicação periódica como um todo, 139

publicações de eventos
científicos, 140
referências legislativas,
141-142
título e subtítulo, 144
trabalho acadêmico, i 38
em textos monográficos, 122,
123
no projeto de pesquisa, 99
Religião
ciência e, 18—22
Representação de dados, 8 5—86
Resumo na língua vernácula
(texto monográfico), 114
Resumo em língua estrangeira
(texto monográfico), 115

S

Siglas, abreviaturas e (texto monográfico), 118, 124 Stricto íi/íiM, curso de pós-graduação, 7, 104, 147-151 apresentação tia dissertação de mestrado, 1 50 defesa da tese de doutorado. J 50-151 exame de qualificação, 148-I50 Seleção de dados, 85 Símbolos, lista de (texto monográfico), 119 Sistema autor-data (citações), 1 33 Sumário (texto monográfico), 120

T

Tabelas (texto monográfico), 1 17, 126, 128

Técnicas de pesquisa. Veja também Método(s) de pesquisa. Metodologia de pesquisai definição de, 48 metodologia, método e. 47-88 Tese de doutorado, 93, 94, 148 defesa da, 1 50-1 51 definição de. 104-105 Textos acadêmicos. Veia também Texto monográfico dissertação de mestrado, 1 50 exame de qualificação, 148-150 orientações e cuidados para a análise de. 15 1-153 conclusões. 1 52 demonstração do conteúdo, 1 52 estrutura do trabalho, 1 52 fomes bibliográficas, 152 tese de doutorado, 150-151 Texto monográfico, 93-94. Veja também Textos acadêmicos definição de, 104 disposição dos elementos do, 106 elementos pós-textuais, 122

elementos textuais. 121 parte pré-textual, 106—120 estrutura de, trabalho de conclusão de curso e estágio supervisionado, 105—122 estrutura do, e resultados da pesquisa, 103-131 formas de apresentação, 123-128 apresentação gráfica, 123-125 Trabalho de conclusão de curso. estrutura de monografia, e estágio supervisionado, 105-122 U Universidade e ciência, 23-2 5

,

Variável dependente, 8 3 Variáveis independentes, 83

Weber, Max, 16, 21, 42